



Marina Ivo de Araujo Lima

Slam das Minas RJ:
cenas e crônicas de uma escuta

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras da PUC-Rio

Orientadora: Profa. Rosana Kohl Bines

Rio de Janeiro
Abril de 2024



Marina Ivo de Araujo Lima

Slam das Minas RJ:

cenas e crônicas de uma escuta

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora pelo programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

Profa. Rosana Kohl Bines

Orientadora

Departamento de Letras – Puc-Rio

Profa. Patricia Gissoni de Santiago Lavelle

Departamento de Letras – Puc-Rio

Profa. Luciana María di Leone

UFRJ

Profa. Rôssi Alves Gonçalves

UFF

Profa. Daniela Silva de Freitas

UNIFAL-MG

Rio de Janeiro, 29 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e dos orientadores.

Marina Ivo de Araujo Lima

Marina Ivo de Araujo Lima defendeu a dissertação de mestrado Caixa de Viagem neste mesmo departamento em abril de 2018. Desde o mestrado, dá aulas - particulares e em grupo - de escrita e literatura. Entre os seus cursos de literatura já lecionou sobre obras como Odisseia, Ilíada, A Divina Comédia, Dom Quixote de La Mancha, Tragédias de Shakespeare, Os Lusíadas. Organiza ainda, no Rio de Janeiro, o projeto Passeio Literário. Trata-se de uma caminhada pelos bairros da Gamboa ou Cosme Velho, dependendo do circuito do dia, com aula-imersão sobre escritoras e escritores, obras literárias e a história dos bairros em questão. Marina é formada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e autora dos livros Guia de Ateliês de Moda do Rio de Janeiro e do infantil O Menino com um buraco na barriga. Antes de ingressar no mestrado em literatura trabalhou por 12 anos na área da comunicação e cultura.

Ficha Catalográfica

Lima, Marina Ivo de Araujo

Slam das Minas RJ : cenas e crônicas de uma escuta / Marina Ivo de Araujo Lima ; orientadora: Rosana Kohl Bines. – 2024.

140 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2024.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Slam das Minas RJ. 3. Poesia. 4. Poesia negra brasileira. 5. Pandemia. 6. Gênero. I. Bines, Rosana Kohl. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de

CDD:04

Dedico esta tese aos meus mais velhos, meus avós maternos Leda e Lêdo Ivo e meus avós paternos Lia e Elzo de Araújo Lima. Dedico também aos meus pais Maria da Graça Ivo e Marco Antônio. Ao meu amor nesta jornada, Rodrigo Tupinambá Carvão. Minhas irmãs Joana, Clarisse, Olívia e meu irmão Arthur. E ainda, aos meus sobrinhos Théo e Nicolas. A Flávia Mattos, minha madrastra, e Klaus Lopes e Alexandra Araujo, cunhado e cunhada. Essa é a minha comunidade de amor, sem ela eu nada seria.

Agradecimentos

À minha família, em especial, à minha mãe e ao meu pai pelo suporte absoluto no decorrer desse percurso.

Ao meu amor Rodrigo Tupinambá Carvão, grande incentivador, ouvinte, suporte absoluto nessa aventura, que dividiu comigo o dia a dia dessa pesquisa.

Agradeço à minha orientadora Rosana Kohl Bines, que me acompanha desde o mestrado, pela seriedade na condução deste trabalho, pelo suporte absoluto nas horas mais divertidas e mais difíceis desse longo processo.

Agradeço ainda à Eneida Leal Cunha por me orientar no início dessa pesquisa. E não poderia deixar de citar aqui Marília Librandi, que chegou na reta final para impulsionar minha escrita no seu maravilhoso trabalho Lab escrita-escuta. Foi terapêutico e estimulante.

Agradeço à PUC-Rio, ao CNPQ e à CAPES pelos auxílios concedidos e sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. A todos os professores do departamento de Letras, em especial, à professora Patricia Gissoni de Santiago Lavelle, pelo incentivo no início dessa pesquisa e pela participação na banca, aos professores Paulo Henriques Britto e Fred Coelho.

Agradeço à professora doutora Luciana Maria di Leone por iluminar ainda mais o caminho desta pesquisa com a sua participação na minha banca de qualificação e defesa, pelas sugestões de bibliografia, convites para dar aula no departamento de Letras da UFRJ e participar das oficinas do Laboratório do PACC-UFRJ. E agradeço ainda as outras componentes da banca: Rôssi Alves Gonçalves, Daniela Silva de Freitas, e às suplentes Aline Leal Fernandes Barbosa e Miriane da Costa Peregrino, que acompanharam esta pesquisa.

Ao professor doutor Ary Pimentel pela leitura atenta e observações na minha banca de qualificação.

À querida equipe da Biblioteca da PUC-Rio, o melhor lugar para se estar durante um doutorado. E toda a equipe da secretaria do departamento de Letras pela atenção e suporte ao longo da minha pesquisa. À Indira Inda do NOAP PUC-Rio, seu trabalho fez toda a diferença no meu percurso final.

Um especial agradecimento à querida Ilana Strozemberg, minha primeira orientadora (na graduação em jornalismo na ECO-UFRJ) hoje amiga e companheira de muitos cafés e almoços que me estimulam intelectualmente. Todo o meu carinho para ela. Também agradeço ao professor Eduardo Coelho e Heloisa Teixeira, figuras fundamentais e estimulantes no incentivo a essa pesquisa. À minha professora de dança durante grande parte deste período Esther Weitzman.

À minha querida amiga Ciça Brandi, o presente que o doutorado na PUC-Rio me deu e que permanecerá na minha vida.

Às minhas amigas de todas as horas, de ontem, hoje e sempre. Em especial à Fernanda Janone, Flávia Hasky, Julia Sandroni, Luciana Paula Dellasoppa, Marcela Oliveira, Mariana Brunelli. E também à Luiza Viveiros de Castro, que chegou ao final, mas cujo apoio também foi fundamental. Aos meus amigos Lauro Coelho Junior e Sérgio Gramático Junior, este último foi quem me levou ao primeiro evento do Slam das Minas RJ.

Às amigas pesquisadoras que o slam me deu, minhas fiéis companheiras nas batalhas poéticas no Largo do Machado, na Maré, no Chapéu Mangueira, na Praça da Harmonia. Obrigada, Camilla Oliveira e Marina Carvalho. Vocês foram fundamentais neste percurso.

À minha terapeuta Maria Alice Maranhão.

A todas as minhas alunas, em especial, Cristina Meirelles e Lucia Meirelles, que estão comigo desde o início desta pesquisa.

Agradeço ainda a Ana Luisa e Maria Elisa Leite de Castro, do Verso Café Cultural, e Martha Ribas e Letícia Bosisio, da Janela Livraria. E toda a equipe do Enredo Café, meu refúgio para muitas leituras e estudos.

Por fim, um especial agradecimento ao Slam das Minas RJ, pelo acolhimento e pelas entrevistas concedidas.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

Lima, Marina Ivo de Araujo; Bines, Rosana Kohl (Orientadora). **Slam das Minas RJ: cenas e crônicas de uma escuta**. Rio de Janeiro, 2024. 140p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“Slam das Minas RJ: cenas e crônicas de uma escuta” é um estudo analítico descritivo sobre a coletiva que organiza batalhas poéticas no Rio de Janeiro. Tem início na etapa final no Largo do Machado, zona sul da cidade, em 2017, atravessa a pandemia de Covid-19, e se encerra com o primeiro evento presencial após a pandemia, em março de 2022. O texto mergulha na descrição dos eventos – sejam presenciais e virtuais – e nas questões que surgem a partir dessa observação. Apresenta ainda recortes de falas – recolhidas no total de 535 minutos de entrevistas realizadas com cada integrante – no intuito de mapear essas vozes poéticas, suas personalidades, interesses e histórias como parte importante do movimento de *Slam Poetry* no Brasil. As principais questões dessa investigação são: O que ocorre quando a poesia do Slam das Minas RJ toma as ruas? Quais as saídas encontradas quando a pandemia impossibilita os encontros presenciais? E como os eventos virtuais permitem novas formas de escuta? Quais as questões que inquietam os poetas durante a pandemia?” Por fim: “O que está em jogo quando o Slam das Minas RJ acolhe poetas trans e celebra o amor erótico dos desobedientes de gênero em praça pública?” Para discutir tais temas, a presente investigação dialoga, principalmente, com a escritora brasileira Conceição Evaristo, a poeta e pensadora (fundadora do primeiro Slam das Minas) Tatiana Nascimento, a pensadora argentina e teórica da performance Marcela A. Fuentes e o pensador espanhol Paul B. Preciado.

Palavras-chave

Slam das Minas RJ; poesia negra brasileira; pandemia; gênero; transgênero.

Abstract

Lima, Marina Ivo de Araujo; Bines, Rosana Kohl (Advisor). **Slam das Minas RJ: scenes and chronicles of a listening session**. Rio de Janeiro, 2024. 140p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

"Slam das Minas RJ: scenes and chronicles of a listening" is a descriptive analytical study about a collective responsible for organizing poetic battles in Rio de Janeiro. It begins in the final stage at Largo do Machado, south of the city, in 2017, runs through the Covid-19 pandemic, and ends with the first in-person event after the pandemic, in March 2022. The text delves into the description of the events – whether face-to-face or virtual – and the questions that arise from this observation. It also presents excerpts of discussions – collected from a total of 535 minutes of interviews carried out with each member – with the aim of mapping these poetic voices, their personalities, interests and stories as an important part of the Slam Poetry movement in Brazil. The main queries of this investigation are: What happens when the poetry of Slam das Minas RJ takes to the streets? What solutions were found when the pandemic made face-to-face meetings impossible? And how do virtual events allow for new ways of listening? What issues concern poets during the pandemic? Finally: What is at stake when Slam das Minas RJ welcomes trans poets and celebrates the erotic love of gender disobedient people in the public scene? To discuss such themes, this investigation converses mainly with the Brazilian writer Conceição Evaristo, the poet and thinker (founder of the first Slam das Minas) Tatiana Nascimento, the Argentine thinker and performance theorist Marcela A. Fuentes and the Spanish thinker Paul B. Preciado.

Keywords

Slam das Minas RJ; poetry; Brazilian black poetry; pandemic; gender; transgender.

Resumen

Lima, Marina Ivo de Araujo; Bines, Rosana Kohl (orientadora). Slam das Minas RJ: Escenas y crónicas de una escucha. Rio de Janeiro, 2024. 140p. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

“Slam das Minas RJ: Escenas y crónicas de una escucha” es un estudio analítico descriptivo sobre el colectivo que organiza batallas poéticas en Río de Janeiro. Comienza en la etapa final en el Largo do Machado, zona sur de la ciudad, en 2017, atraviesa la pandemia de COVID-19, y cierra con el primer evento presencial tras la pandemia, en marzo de 2022. El texto se sumerge en la descripción de los eventos –ya sean presenciales o virtuales– y en las inquietudes que surgen a partir de esa observación. Presenta además extractos de charlas –recopilados en el total de 535 minutos de entrevistas realizadas con cada integrante– con la intención de mapear estas voces poéticas, sus personalidades, intereses e historias como parte importante del movimiento de *Slam Poetry* en Brasil. Los principales interrogantes de esta investigación son: ¿Qué ocurre cuando la poesía del Slam das Minas RJ toma las calles? ¿Qué soluciones se encuentran cuando la pandemia imposibilita los encuentros presenciales? ¿Y cómo los eventos virtuales permiten nuevas formas de escucha y cuáles son los interrogantes que inquietan a estos poetas durante la pandemia? Finalmente: ¿Qué está en juego cuando el Slam das Minas RJ acoge a poetas trans y celebra el amor erótico de los desobedientes de género en plaza pública? Para discutir tales temas, la presente investigación dialoga, sobre todo, con la escritora brasileña Conceição Evaristo, la poeta y pensadora (fundadora del primer Slam das Minas) Tatiana Nascimento, la pensadora argentina y teórica de la performance Marcela A. Fuentes y el pensador español Paul B. Preciado.

Palabras Clave

Slam das Minas RJ; poesía negra brasileña; pandemia; transgénero; género.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 12 |
| Notas da rua 1 | 20 |
| Breve reflexão sobre a escuta | 22 |
| Cena 1: Na rua, entre amizades, versos e escrevivências, a formação da coletiva do Slam das Minas RJ | 24 |
| A poesia nas ruas e nas telas | 25 |
| Poesia para pagar boleto | 33 |
| Andrea Bak – do movimento estudantil ao slam | 36 |
| Rejane Barcelos e Moto Tai: a poesia que se inspira na rua | 38 |
| Poema de testemunho | 40 |
| Corpos em trânsito no Slam das Minas RJ | 43 |
| DJ Bieta: a música da festa | 45 |
| No Slam, a palavra cresce | 46 |
| Poemas | 50 |
| Notas de rua 2 | 54 |
| Cena 2: Poemas Pandêmicos: quarentena poética e as conversas de bastidores | 57 |
| Poemas confinados | 58 |
| Constelações de Performances: algumas considerações | 65 |
| Conversas na coxia | 68 |
| Poesia de amor X Poesia que sangra | 70 |
| Poemas | 83 |
| Notas da rua 3 | 87 |
| Cena 3: O amor erótico dos desobedientes de gênero nas batalhas do Slam das Minas RJ | 89 |
| Slam sem batalha? | 94 |
| Poetas Trans no Slam – um breve histórico | 96 |
| Valentine no Slam das Minas RJ | 98 |
| Na rua – perigo e acolhimento | 100 |
| Poesia erótica - o corpo poético como campo de batalha | 102 |
| Tom Grito – um corpo poético em travessia | 106 |
| Travessia em performance | 109 |

| | |
|--|-----|
| Transcrição Desabafo Político Poético de Tom Grito | 111 |
| Poemas | 112 |
| Pedaços de escutas – Transcrição de trechos de entrevistas | 117 |
| Conclusão | 127 |
| Referências Bibliográficas | 133 |

Lista de Figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Tela do youtube – colagem performance Carol Dall Farra no Largo do Machado, outubro/2017 | 26 |
| Figura 2 – Tela do youtube - performance Gênesis no Largo do Machado, outubro/2017 | 27 |
| Figura 3 – Tom & Débora – Pintura a óleo (Quadro de Panmela Castro) | 49 |
| Figura 4 – Instagram – Quarentena poética dia #1 – Rejane Barcelos | 59 |
| Figura 5 – Quarentena Poética ao vivo com Andrea Bak | 69 |
| Figura 6 – Quarentena Poética ao vivo Andrea Bak e Luiza Loroza | 71 |
| Figura 7 – Instagram – Quarentena poética dia #83 – Moto Tai | 74 |
| Figura 8 – Foto do Largo do Machado – Escola Estadual Amaro Cavalcanti (30/11/2022) | 115 |
| Figura 9 – Lateral da Kombi Comuna Deusa | 125 |
| Figura 10 – Traseira da Kombi Comuna Deusa | 126 |

Introdução

Foi numa noite quase primavera, em 2018, quando ocorreu o meu primeiro encontro com o Slam das Minas RJ, coletiva que organiza batalhas poéticas na cidade do Rio de Janeiro. Vi e ouvi as palavras próprias da boca de poetas, corpos palavreiros que performam seus próprios poemas sob os olhares atentos da massa ruidosa da plateia. Tudo isso desorganizou o que eu conhecia até então, por isso precisei parar o tempo para escutar. A escrita surge, portanto, nesse processo de observação e escuta atenta. Escrita-escuta.

O ouvido se arregala nos eventos presenciais: no chão da praça, perto de um coreto, diante de uma escola, no pilotis de um museu, no alto de uma comunidade, dentro de algum espaço cultural. Lá estava eu: sempre à beira, na margem da roda, na beira do palco. Nas poucas vezes que me aproximava, me atrevia a saudar timidamente poetas. E, de beira em beira, fui adentrando uma nova linguagem, uma nova bibliografia, descobrindo uma cidade, que agora eu ensaiava enxergar e ouvir de uma outra forma. A pesquisa ia se desenhando com o que se via, ouvia e, também, com o que se sentia.

É o ouvido que me leva. Uma escuta que olha e observa. Que sente. Os ouvidos estão sempre abertos, arregalados, talvez. Eles registram, anotam. Pesco palavras, recolho-as, grudo-as em meu corpo, elas mesmas se movimentam até grudarem em mim, sem que eu tenha controle. Eu me aproximo do Slam das Minas RJ pelo ouvir, sou levada pelos sons, pelos versos e ritmos.

Eu observo, estou à procura, sempre na beirada: eu, meu caderninho, a caneta e os ouvidos. Todo o meu corpo se volta para o movimento dessa pesquisa. Sim, movimento porque o Slam das Minas RJ é agitação, alvoroço, confusão, ânimo, deslocamento. Um deslocar-se pela cidade nos diversos locais das batalhas, um deslocar-se para ouvir de uma outra perspectiva, atitude inerente à pesquisa. Aqui, eu me desloco, eu me movimento em direção ao Slam das Minas RJ.

Em março de 2020, surge a Covid-19, um ano após o meu ingresso no doutorado. A morte é a personagem principal desse momento, protagoniza a história do mundo nos dois anos que seguem. Estamos confinados, não há mais eventos nas ruas, aglomeração, a dança dos corpos, a poesia falada no chão da praça. A cidade é um deserto. “Como prosseguir?” É a questão que se coloca diante desse novo cenário. Como enfrentar um percurso de investigação quando o desejo maior é estar

na rua, ver o mundo e viver o tempo vivo, quando o tempo da morte nos atropela e nos exila em nossas casas?

No espaço doméstico, os ouvidos buscam o ruído dos carros, o calor da plateia, as intervenções do público, suas palmas, seus pés batendo no chão, o cheiro da cidade. O desejo de escrever a praça é imenso. A memória do que foi torna mais intensa as peculiaridades da performance poética emoldurada pelo espaço urbano.

A pesquisa precisa mudar de rota, desviar. A escrita confinada se volta para a análise das ações da coletiva diante da tela: a quarentena poética – uma série de vídeos de cerca de três minutos com poemas falados publicados nas redes virtuais de relacionamento nos primeiros meses de isolamento. Há ainda os saraus e as batalhas poéticas que aos poucos começaram a surgir na tela como forma de manutenção do movimento. Não menos importantes foram os vídeos dos eventos ao vivo, que ocorreram antes da pandemia. Muitos disponíveis na internet. Esses se mostraram documentos preciosos para eu conhecer o início do movimento e mergulhar ainda mais na pesquisa.

O arrebatamento inicial, entretanto, aquilo que me levou a assumir o movimento da pesquisa foi a rua, o fora, e precisei reafirmar esse desejo, mesmo que metade da pesquisa tenha ocorrido no período do confinamento. A tese confinada precisava respirar e se reinventar na escrita.

Por isso, na cena¹ um, como optei por chamar cada capítulo desta tese, coloco o leitor no Largo do Machado, dentro da roda, assistindo à poeta Carol Dall Farra performando “Na ponta do Abismo”, na etapa final de 2017, no ano de formação do Slam das Minas RJ. Ao ser jogada para dentro de casa, para dentro da tela, a escrita vai para a rua, persegue o clima do slam emoldurado pelo espaço urbano. Na tentativa de trazer para a pesquisa o movimento dos corpos e suas interações.

Neste episódio do Largo do Machado, começa a se formar a coletiva. Tom Grito convida sua namorada na época, Débora Ambrósia, para ajudá-lo a produzir as batalhas. Débora traz sua experiência como produtora de eventos musicais da noite carioca. Lian Tai é uma das fundadoras junto com Tom, mas se ausenta por alguns meses por causa da maternidade. Carol Dall Farra e Gênesis – ambas da

¹ Chamar cada parte da tese de cena tem como objetivo trazer a dimensão multidimensional do corpo da pesquisadora em cena, no tempo presente, e sua relação dialógica com as performances e eventos poéticos que o texto analisa.

Baixada Fluminense – Andrea Bak, ativista gestada no movimento estudantil: todas são as poetisas finalistas nessa batalha final que descrevo, em 2017, no Largo do Machado. Elas serão convidadas por Débora e Tom. As poetisas Moto Tai e Rejane Barcelos, a primeira entregadora de aplicativo e a segunda camelô, estudante e atriz, chegam depois para completar o grupo.

Apresento, na primeira cena, cada integrante do Slam das Minas RJ e todo o panorama da criação da coletiva. O texto foi gestado a partir das conversas que tive individualmente com cada uma dessas poetisas no quarto ano de doutorado, em 2022. Com o advento da pandemia e o isolamento social, me aproximar delas a fim de conseguir uma entrevista demorou mais tempo do que eu imaginava.

Moto Tai foi a primeira a me conceder uma entrevista. Sentadas em um bar na Cobal do Humaitá, durante uma hora, ela me contou sobre a sua experiência na coletiva. Tai me colocou em contato com Carol Dall Farra, que me indicou Gênesis, que trouxe Rejane: todas essas conversas foram virtuais. Já Lian me encontrou em um café na Glória: “Então acabou a nossa entrevista-terapia?”, ela me perguntou ao final com um sorriso maroto.

Na Festa Literária de Paraty, consegui finalmente um momento a sós com Débora Ambrósia e, logo depois, com Tom Grito. O diálogo com Tom se desdobrou em mais dois encontros já no Rio de Janeiro: em um café na Cinelândia e na Mocamba, uma casa em ruínas, na região da Pequena África, onde ocorrem alguns eventos culturais.

Na internet, busquei o nome de Úrsula Lautert, cuja casa é onde surge a ideia de criar o Slam das Minas no Rio em 2017. Encontrei o seu perfil e lhe enviei uma mensagem sobre a minha pesquisa e o meu desejo de entrevistá-la. Queria que ela me contasse esse período inicial, a ideia de trazer o Slam das Minas para o Rio de Janeiro, assim como os primeiros eventos, antes da coletiva. Queria ouvir alguém que não fizesse mais parte do movimento. Prontamente ela aceitou participar de uma conversa.

Ouvi as impressões e narrativas das integrantes e ex-integrante como quem monta um quebra-cabeça. Faço uma espécie de colagem para reconstruir essa história e apresentar o contexto da emergência da coletiva, que tem como cenário político o golpe de Estado sofrido pela presidente Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, e a ascensão de Michel Temer ao poder.

Nesta primeira cena, sou levada pelas seguintes questões: “Como se forma a coletiva de poetas Slam das Minas RJ? Ao levar a poesia para a rua, como acontecem os encontros e amizades do grupo? Como fazer parte do coletivo inspira novas criações poéticas? Aqui, diálogo com o conceito “Escrevivência” da escritora brasileira Conceição Evaristo, uma forte referência para os integrantes, e com o conceito “Cuírlombismo Literário” da fundadora do primeiro Slam das Minas no Distrito Federal, a poeta e pesquisadora Tatiana Nascimento. Adentro um pouco na história da coletiva, trago pedaços das falas de cada integrante para mostrar como escrevem e por que escrevem, os temas que perpassam seus discursos poéticos, quais as suas inquietações dentro do movimento do slam.

Tudo isso, a partir de um trabalho de colagem dessas escutas que tive a oportunidade de experimentar. As falas e reflexões das poetas sobre suas experiências, o fazer poético e suas inquietações sobre o movimento do Slam no Brasil são o principal material da tese. Minha intenção é contar sobre os poetas na sua singularidade. Um pouco do que pude ouvir, um pouco do que elas dizem, trechos de nossas conversas.

A segunda cena da tese traz o confinamento. O momento trágico da Covid-19, quando os eventos na rua são suspensos e a pesquisa migra para a tela. Em 14 de março, um dia após as medidas de isolamento social serem decretadas no Rio de Janeiro, é publicado na rede social o primeiro vídeo-poema com cerca de três minutos, o mesmo tempo permitido na batalha ao vivo. A tela enquadra a cada dia um rosto distinto a performar versos autorais. Assim começa a “Quarentena Poética”, que acontece até 11 de junho, no total de 88 vídeos-poemas, de 42 poetas, entre slammers da coletiva e poetas convidadas – do Rio de Janeiro e outros estados.

Nesses vídeos, a vida em pandemia, suas agruras, o novo modo de viver com álcool em gel nas mãos, máscara no rosto, a vida dentro de casa, os noticiários, a gritante desigualdade brasileira, os serviços essenciais, os riscos aos quais os idosos estavam submetidos, as mortes, a cena política brasileira. Tudo era tema, tudo vira material poético. Um caleidoscópio da pandemia - a partir da vivência e impressões das poetas - vai se desvelando diante da tela do computador e do celular.

Mas não só a pandemia é tema no projeto. Há muitos versos sobre a vivência do racismo, a violência nas comunidades. Outros falam de amor, tesão, decepções amorosas, corpos apaixonados. Um mapa poético diverso é tecido a muitas vozes na “Quarentena Poética”.

A programação incluía ainda uma espécie de saraus ao vivo aos domingos. Eram as *lives* como se convencionou chamá-las. Entre a performance ou leitura de um poema e outro, as conversas entre poetas proporcionavam uma escuta mais íntima. É como se a distância dos corpos, o afastamento, paradoxalmente, tornasse a coletiva mais próxima da plateia, mesmo diante a tela. Podia-se ouvir pelo buraco da fechadura. Espiar uma conversa entre amigas ou colegas. Nos encontros em rede social, uma poeta vê a outra, não veem, no entanto, a plateia. Não me veem. E assim, elas se abrem, se aconselham, revelam seus pensamentos.

Em um desses encontros, Andrea Bak (integrante da coletiva) recebe Luiza Loroza (atriz, diretora de teatro e poeta vencedora do Slam das Minas RJ de 2019). Diante da câmera, Luiza lê um poema-manifesto questionando o fato de os poemas que tematizam casos de racismo, abuso policial e violência de gênero – as poesias de sangue como elas mesmas se referem – gerarem tanto engajamento no público. Seu questionamento é a pista que persigo na segunda cena da tese. Analiso trechos das entrevistas com as poetas, poemas que tratam do assunto e depoimentos delas em outros eventos como podcasts e palestras.

Como construir uma cena em outros termos? Uma cena que celebre o amor e possibilite a construção de outros imaginários? O que está por trás da sede de sangue? São questões que perpassam a coletiva e o movimento do Slam das Minas RJ e que são abraçadas na segunda cena da tese. Simulo entre as poetas uma conversa sobre o tema. Costuro depoimentos, falas. Esses depoimentos alinhavam toda a estrutura do texto, evidenciando o pensamento existente por trás do fazer poético. As reflexões de quem faz a cena, das integrantes da coletiva.

Na terceira e última cena, minha intenção era escrever sobre o “Verão para todos os corpos”, evento que ocorria anualmente antes da Covid-19 e que, em 2023, prometia ser uma espécie de celebração pós-pandemia, com a população majoritariamente vacinada, e o bolsonarismo derrotado nas urnas. No entanto, o evento não aconteceu. A tese, que se debruça sobre o movimento vivo da poesia do Slam das Minas RJ, mais uma vez desafia a pesquisadora a buscar soluções. No caderno de pesquisa, há anotações – poucas – sobre o primeiro evento que aconteceu no Largo do Machado, pós-pandemia, em 2022. Era ano de eleição, ainda estávamos sob o governo de extrema direita. Medo e esperança se misturavam na praça.

Nessa época, eu havia acabado de entregar o texto de qualificação, estava certa de que teríamos um ano repleto de batalhas e ainda não sabia que a força do texto desse projeto seria justamente a descrição dos eventos (como foi observado na própria banca da minha qualificação) desse encontro com os poetas e os participantes e das questões que surgiam a partir da observação da cena viva.

Ali na praça, no Largo do Machado em março de 2022, cinco mulheres da política - Mônica Francisco, Renata Souza, Mônica Benício, Tainá de Paula e Camila Marins, muitas delas sementes de Marielle Franco - fizeram uma roda de conversa sobre política antes da batalha cujo tema era “Derrubar muros para construir futuros”. Volto ao meu caderninho de pesquisa seguindo os rastros do que foi dito. Vejo os vídeos que gravei assim como os vídeos publicados nas redes sociais. Esse é o evento que inicia a terceira cena. O evento em que a coletiva celebra o legado da vereadora carioca Marielle Franco.

Nesse dia, ninguém quis batalhar em um primeiro momento. Como manter o slam sem a competição? Sem os jurados dando notas? Sem a torcida da plateia seu barulho, suas palmas? Esse fato se relaciona diretamente com a questão discutida na segunda cena: por que os poemas de dor, a poesia que sangra, geram mais engajamento na plateia? Como as poetas lidam com essa questão? Como fazer para construir a cena em outros termos? “É preciso produzir outros imaginários nesse território poético”: dizem elas.

A batalha acaba acontecendo com algumas integrantes do Slam das Minas RJ. Valentine, a primeira slammer mulher trans do Rio de Janeiro, é a vencedora. No meio da praça, ela traz um poema de combate “se eu não caibo da sua diáspora isso está mais para a Europa”, mas também poema de paixão “o seu amor é a droga mais pesada”. Valentine finaliza com versos eróticos que tratam da relação sexual entre duas pessoas trans, um homem e uma mulher: “me fudia bem gostoso enquanto eu chupava a xota”. Sua vitória é representativa da presença cada vez mais forte de poetas trans no Slam das Minas RJ. A própria coletiva começa a se engajar nesse movimento, fazendo batalhas dentro de espaços como a Casa Ném, um centro de atendimento a travestis na Lapa, no Rio de Janeiro.

Essa última cena traz um breve histórico da participação de poetas trans no movimento e coloca como questão central: O que está em jogo quando poetas trans e não-binários performam seus poemas nas ruas? Qual a importância de Tom Grito fazer do próprio processo de transição material poético e performático no campo

das artes visuais para, de certa forma, abrir um espaço artístico e poético mais inclusivo? Para tais reflexões aciono os pensadores Paul Preciado, Adriana Azevedo e Judith Butler.

Como seria esperado, a linguagem que escrevo também inicia seu processo de transição. Economizo a palavra mulher, aprendo que as minas são diversas, abarcam muitas, os homens trans os não-binários. E pronome neutro começa a ser perseguido, experimentado. Reescrevo os capítulos. Escrevo e reescrevo. Há a preocupação de incluir – o grupo, as pessoas, elus. O olhar precisa estar atento para cada terminação de gênero.

Seguindo esse movimento da coletiva, minha escrita intenciona abraçar os corpos desviantes, os queers, as pessoas trans. “Era preciso ter pessoas trans no feminismo”, diz Tom Grito, que iniciou a transição durante o período da pesquisa. A linguagem segue o fluxo, se transmuta. Não há no entanto um preciosismo, uma rigidez em manter uma linguagem sempre neutra. Às vezes ela vacila, erra, às vezes, a maioria sai no feminino (elas, as poetas), às vezes no pronome neutro (elus, es poetas). Como na língua falada, a linguagem escrita busca a espontaneidade, ora se corrige, ora deixa escapar o erro, o que seria impróprio. Apresenta, portanto, camadas de gêneros e linguagens que se sobrepõem.

Este é um estudo sobre o Slam das Minas RJ, coletiva de poesia falada - um movimento cultural e artístico que surge como reação pós golpe da presidente Dilma Rousseff. Um movimento que atravessa períodos políticos traumáticos do Brasil: o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, a eleição do líder de extrema direita Jair Bolsonaro para a presidência da república e a pandemia da Covid-19 sob o seu “desgoverno”. A pesquisa termina com o fim da Covid-19, em meados de 2022, mas o Slam das Minas RJ segue em movimento.

Procuro mapear essas vozes poéticas, essas personalidades, seus nomes como a parte importante da história do Slam das Minas no Brasil, especialmente, no Rio de Janeiro. O método de investigação se concentra na escuta, nos pedaços de conversas, entrevistas, nas falas gravadas das poetas, nos versos.

É um estudo descritivo e analítico da ação dessa coletiva cuja linguagem persegue a rua. É ela que dá o tom. Para falar desse movimento, bebo da linguagem jornalística, da crônica. Percorro esse trajeto de investigação em diálogo com quem me lê, em diálogo com o movimento do slam.

Importante destacar ainda que cada uma das três cenas da tese é dividida em quatro partes. Primeiro, há uma crônica que narra o encontro entre a pesquisadora e a coletiva, dentro da cena do slam, a qual chamei de notas da rua. Em seguida, uma colagem com os versos que mais me chamaram atenção. Versos que tematizam o texto analítico-teórico que virá a seguir. Brinco com o tamanho das fontes, os negritos, aumento e diminuo palavras como a simular o tom da voz, o tom da letra escrita na página. Persigo uma entonação gráfica como a performar no papel-tela, na tinta da letra. Brinco com as palavras escritas no intuito de desviar a imobilidade e o silêncio da página em branco. Em seguida, o texto teórico analítico e finalizo com poemas integrais dos poetas da coletiva, ora transcritos da gravação de suas performances, ora do modo como foram publicados em livros. Por fim, após as três cenas, inseri trechos das entrevistas com os depoimentos dos integrantes do Slam das Minas RJ, os “Pedaços de Escuta”.

Todo movimento da pesquisa se realiza na tentativa de fotografar um tempo, o gesto, a fala, a voz, o verso. Fotografar com palavras escritas no papel para que o vento não leve esse momento, esse pedaço do mundo do qual eu também fui parte.

Notas da rua 1

No pequeno café em frente à praça, em uma quinta-feira de setembro de 2018, eu e um amigo tramávamos um Festival de Poesia. Faremos um passeio pelo Cosme Velho, um passeio literário. Ali fica a casa onde viveu a Cecília Meireles, sabia que o viúvo dela queria transformar o espaço no museu da poesia? Li numa crônica do Drummond. Dei uma mordida no pão de queijo, ele tomou um gole de café. Meu amigo - poeta e funcionário público - começou a me contar da cena de saraus de hoje. Comentou sobre um evento que começaria logo mais no Centro. Estou indo, vamos?

No Rio, é difícil combinar de encontrar alguém. Mas um simples “Vamos”, de impulso, sem pensar muito, pode lhe capturar para sempre. O amigo ia ao volante pelas ladeiras estreitas de Santa Teresa. Eu encolhia os dedos querendo guiar as rodas do veículo para que os trilhos dos bondes não rasgassem os pneus. Meus dedos se achavam no controle. Que caminho é esse? Não era melhor descer a Rua das Laranjeiras? O amigo sorriu. O IPVA venceu e por aqui raramente tem blitz.

No pilotis do museu, centenas de pessoas ouviam uma mulher declamando seus versos em cima do palco. Seu corpo dizia com as mãos, com as pernas, com os olhos. Não era improvisado, parecia teatro. Estava claro que aquele poema havia sido mastigado letra por letra até virar melodia, até cada movimento do corpo sintonizar no ritmo das sílabas tônicas e átonas. Ao final, todos vibravam: *pow pow pow*. Gritos e palmas. Na plateia, cinco mulheres levantavam uma placa com a nota. Poema com nota? Sim, é batalha, é o slam.

Fiquei ouvindo aquelas palavras, os versos, ouvindo com os olhos também. Tudo meu ouvia, via: revolta e amor, dor e amor, violência e amor. E muitos, muitos silêncios iam sendo desvelados diante de mim.

Escrevo para escutar melhor esses poemas, essas histórias, essa cidade, a minha própria história. Escrevo no intuito de ouvir melhor. É sobre isso.

mas minha língua é afiada e pela palavra eu vou talhar o
 que nos fere²/ É afro o futuro “ A minha história não
 começa no tráfico sub-Atlântico /Porque eu sou preta,
 e eu tenho amor por mim”Porque eu sou sapatão, e eu tenho
 amor por mim”Porque eu sou do candomblé, e eu
 tenho amor por mim/ que o tiro quer te encontrar”e
 exterminar as tuas irmãs de cor/Sou mulher sim “Não interessa
 o que tenho no meio das pernas/Nosso movimento é negro,
 minha preta, por isso te beijo em praça pública/Talvez
 eu não seja mulher “Eu nunca habitei confortavelmente
 naquele corpo/No país em que ser preto é crime Rafael Braga
 sabe bem disso ou quem sabe Amarildo que até hoje anda
 sumido/poeta sai do palco chorando, sangrando por dentro e
 vocês rindo, aplaudindo, gritando/ Na sala de aula morre Maria
 Eduarda/ Mas de que vale o slam se a vida do poeta for
 interrompida/ O Sagrado feminino é meu baleiro, meu isopor
 e meus versos cansados” O resto é ciranda de
 sinhazinha emocionada/

² Autoria dos versos em ordem: Gênese/ Luiza Loroza/ Ryane Leão/ Kika Senna/ Valentine/ Agnes
 Mariah/ Tom Grito/ Andrea Bak/ Moto Tai/ Andrea Bak/ Tom Grito/ Rainha do Verso. A
 manipulação de efeitos gráficos foi realizada para destacar alguns versos no intuito de brincar com
 aquilo que se ouve em nuances das vozes das poetisas.

Breve reflexão sobre a escuta

É como se ouvir me acendesse um sinal, um alerta. Algo me chama a demorar, a capturar as ondas sonoras que viajam aos meus ouvidos. Eu também sou plateia. Eu, massa ruidosa que dispara gritos de júbilo, palmas. Escuto com atenção muitos poemas, o poema desenhando palavras no ar e eu – caçadora de palavras – grudo-as no papel, palavra a palavra, verso a verso. Quantas palavras deixei pelo caminho? Não posso dizer. Foram milhares. Deixei escapar sons indecifráveis aos meus ouvidos. Algumas palavras, no entanto, grudavam em mim sem que eu nada pudesse fazer.

Escutando e escrevendo eu buscava – assim como um detetive - esmiuçava o que ouvia. Dentro do ouvir há um olhar. Ele escuta. Ao ler um poema se chega ao ponto final? Mas quantos pontos de partida existem em cada verso? Desse espaço onde escuto para onde estou indo?

Cedo à necessidade de me imobilizar nesse emaranhado de fios sonoros – versos, ritmos, vocábulos.

Ao longo do meu caminhar de escuta há pontos fixos. Há um espaço de onde venho, um espaço onde estou e me transformo. Não deixo de me transmutar. Afinal, de onde escuto?

Barthes (1984)³ escreve que a orelha se assemelha a um animal em uma emboscada. “Imóvel, fixa, erguida”. De lado, em alerta, ela está ressabiada. A escuta não vem pela frente. Ademais não há pálpebras, a escuta não se fecha, não descansa. No sono ou na vigília a escuta escuta. O trabalho de ouvir não cessa. Nunca cessa. É diferente do olhar que põe ordem ao espaço, o fora e dentro, na escuta o espaço é sempre dentro, o som me invade fazendo parte de mim.

Estou na beira do som, na beira da mirada, poetas ao centro. O que escrevo chega desse encontro entre mim e a coletiva. Eu, uma pesquisadora que assiste aos eventos na rua, em espaços culturais, em praças, na tela. Também pude estar com cada poeta num café, numa tela, no mercado, na beira do mar de Paraty, dentro de

³ Texto inspirado em (BARTHES, 1984) e (NANCY, 2013). Tive contato com esta bibliografia no mini-curso *Cenas da voz latino-americana*, no PACC-UFRJ, ministrado pela pesquisadora Ana Porrúa, professora da Facultad de Humanidades (Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina) e pesquisadora de CONICET. O curso aconteceu em março de 2023. Agradeço à Luciana di Leoní, professora do departamento de Letras da UFRJ, que esteve na minha banca de qualificação, pelo convite.

uma casa em ruínas, na Cinelândia, na Glória, em um áudio de podcast. Sou caçadora de sons. Com cada poeta, habitei um território próprio de escuta. Dividimos o ouvir e o falar. Compartilhamos sons nossos. O que escrevo chega dessa escuta. Uma escuta que precisou ser construída, eu pedi ajuda, uma escuta com assistência. Me ajuda a ouvir melhor?

Cena 1: Na rua, entre amizades, versos e escrevivências, a formação da coletiva do Slam das Minas RJ

A partir de entrevistas realizadas separadamente com cada uma das integrantes do Slam das Minas RJ – cerca de 535 minutos gravados -, nesta primeira cena, apresento a coletiva. Trago um pouco das histórias e interesses de Tom Grito, Lian Tai, Gênesis, Carol Dall Farra, Moto Tai, Andrea Bak, Rejane Barcelos, Débora Ambrósia (produtora e estrategista do grupo) e da DJ Bieta. Tenho como objetivo mapear a formação da coletiva e as relações de amizade que se tecem dentro do movimento.

As principais questões dessa primeira cena são: “Como se forma a coletiva de poetas Slam das Minas RJ? Ao levar a poesia para a rua, como acontecem os encontros e amizades desse grupo? Diálogo com o conceito escrevivência de Conceição Evaristo, escritora brasileira que é fonte de inspiração para as integrantes.

A poesia nas ruas e nas telas

Estamos no Largo do Machado, onde há uma estação de metrô de mesmo nome, quase na fronteira entre Centro e Zona Sul do Rio de Janeiro. Em volta do Largo, há uma igreja, uma escola, bares, lojas de roupas, prédios comerciais. A galeria do cinema São Luiz, o único que restou na região, fica no lado oposto à igreja. Os ônibus cruzam as pistas em volta, param em seus pontos finais, seguem rumo a Lapa, Botafogo, Laranjeiras e Grajaú. Carrocinhas de pipoca, churros e cachorro-quente se amontoam na saída da estação. Um pouco mais à frente, o imenso chafariz está desligado e um quiosque expõe flores para venda. Um grupo de velhos joga cartas numa mesa de cimento, famílias, trabalhadores e crianças cruzam o local no seu vai e vem cotidiano.

Na tela do computador, eu não vejo a igreja, a saída do metrô, o chafariz, o quiosque de flores. Tampouco, vejo os velhos jogadores de cartas. Mas imagino todo o cenário, que me é bastante familiar desde a infância. A câmera filma uma multidão em círculo, emoldurada pelo imponente prédio do século XIX, onde funciona a Escola Estadual Amaro Cavalcanti. Um poste ilumina o início da noite. É outubro de 2017, etapa final do primeiro ano do Slam das Minas RJ.

“**SLAM DAAAAS**”, grita o mestre de cerimônias. “**IIIIINASSSS**”: o coro de vozes responde. Eis a senha para que o público preste atenção na poeta.

Carol Dall Farra lança seus versos e todo o corpo se expressa e se movimenta. É nesse contexto que o jogo do slam⁴ acontece como se suspendesse tempo e espaço para seu ritual poético. Pode ser que um pedinte bêbado irrompa cantando uma música. Ou uma ambulância rasgue a rua ao lado e dispute a atenção da plateia, atrapalhe o ouvir. Ou, surpreendentemente, a cidade pare de forma que tudo que existe naquele instante, naqueles três minutos, seja uma mulher que fala seus versos cara a cara com a plateia, mobilizando mãos, braços e pernas. No slam, o poema se escreve com a voz e com todo o corpo, na proximidade com os espectadores.

⁴ O “Slam Poetry” é uma competição de poesia falada que surgiu em 1986, em Chicago, nos Estados Unidos. Os participantes devem performar poemas de sua própria autoria, inéditos e em três minutos. Figurinos, adereços e acompanhamento musical não são permitidos. Os cinco jurados são escolhidos aleatoriamente entre os presentes, sem a necessidade de terem qualquer requisito e formação literária específica. As notas de 0-10 são divulgadas logo após cada apresentação. Em 2008, o slam chega ao Brasil quando Roberta Estrela D’Alva funda o primeiro slam do país, ZAP!, em São Paulo (NASCIMENTO, 2019).

“Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 Aguenta o infinito em que o grito socorro
 acusa suspeito
 Não chora e nem fala das mortes diárias
 Pariu cinco vezes sem anestesia
 Com falas no ouvido “Preta é firme”
 Teu corpo foi alvo da falta de amor.
 teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
 Quando na escura da noite
 Um corpo fardado
 mirou sem certeza
 por causa da cor (...)”
 (Carol Dall Farra, 2017)

Figura 1 – Tela do *youtube* – colagem performance Carol Dall Farra no Largo do Machado, outubro/2017



Dall Farra performa à capela “Na ponta do abismo”. Ela está descalça. As pessoas mais próximas estão sentadas no chão de pedras portuguesas, algumas se acomodam em cadeiras de praia, as mais distantes estão em pé. A pequena multidão à sua volta faz silêncio. Algumas pessoas filmam a performance, tiram fotos, outras colam os olhares atentos na poeta. Uma mulher balança a cabeça para cima e para baixo.⁵

Ao final do poema, ela é ovacionada, se dirige ao fundo onde recebe abraços de poetas que logo mais farão suas performances. Com o microfone em punho, o

⁵<https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE> (Carol Dall Farra, 2017). A lista com todos os vídeos está nas referências bibliográficas.

mestre de cerimônias, Tom Grito, pede: “Ergam suas notas juradas”. A câmera foca nas placas de papel cartão estendidas. “Temos um 10, outro 10, outro 10, outro 10, e outro 10”.

“Agora é para valer, hein, gente. Agora o negócio é sério. São seis candidatas hoje”, alerta Tom Grito, pouco antes da também finalista Gênesis iniciar a sua apresentação. Ela respira fundo, estica os braços para frente e os balança como quem se prepara para entrar em uma competição esportiva. Dá algumas batidinhas no peito com um sorriso largo no rosto. Segura uma folha de papel, onde pousa os olhos para se lembrar dos versos ao longo da sua performance. A letra escrita logo vira sopro na sua voz, nos gestos do corpo. A letra escrita também serve de amparo e porto seguro quando a memória falha.

“Quando não sobra nem o dinheiro, nem a dignidade
ainda resta o papel e a caneta, e a vontade
Vontade de fazer alguma coisa que preste
Por trás do desejo de que tudo desapareça
Por trás da tristeza
Ainda resta ao menos a curiosidade
de saber para onde avança (...)”⁶
(Gênesis, 2017)

Figura 2 - Tela do *youtube* - performance Gênesis no Largo do Machado, outubro/2017



⁶ <<https://www.youtube.com/watch?v=hA-aANP949c>> (Gênesis, 2017).

Gênesis dispensa o microfone para a sua apresentação. Ouvem-se gritos na plateia. Ela começa pronunciando cada palavra pausadamente até pegar o ritmo da sua própria poesia. Aos poucos acelera a melodia e sobe o tom da voz. Seu poema abismo fala de um corpo-terra corpo-terra-negra devastado diante da precariedade, diante da solidão, do desespero. “Sou abismo que olha para os meus próprios olhos”, diz a poeta, a escrita aponta o caminho; é no papel e na caneta que ela encara a sua própria sombra como quem enxerga morte e vida na busca pela palavra lança. Gênesis traz no corpo desejo de escrita. Com as mãos, aponta a plateia como se tivesse olhos na ponta dos dedos, movimentando braços e pernas como a espiralar versos.

Sobre essa performance, na fase eliminatória para o campeonato estadual, ela diz: “Eu estou com o papel tremendo todo na mão. Naquele momento mesmo ali no Largo do Machado, eu não tinha entendido a proporção da coisa. Para mim era uma brincadeira ainda. Era uma brincadeira muito gostosa”. Tom Grito anuncia o nome de Andrea Bak. “A gente queria só checar se, por um acaso, a Andrea Bak chegou aí. Feliz aniversário, então, Andrea Bak. Espero que você esteja curtindo a sua festa.”

Diante da tela do computador, em centenas de tardes, durante os meus cinco anos de pesquisa, eu vejo e revejo vídeos do Slam das Minas RJ. São vídeos de três a quatro minutos onde poetas performam seus versos diante do público presente. Na tela, a imagem do corpo, o poema falado no chão da praça. Na tela, a imagem do rosto confinado, os poemas falados durante a pandemia de Covid-19. As filmagens arrastam e recriam o tempo. Trazem recortes para esse futuro de hoje.

Foi no Largo do Machado o local onde o Slam das Minas RJ estreou em maio de 2017. Tudo começou na casa de Úrsula Lautert, servidora pública da justiça federal, a poucos metros dali. Um grupo se reunia à noite em volta da mesa para ler seus próprios poemas e conversar sobre os escritos. Às vezes se desafiavam com algum exercício poético. As reuniões semanais serviam como alternativa à solidão da escrita. Queriam saber a opinião alheia, receber críticas, dicas, impressões e, também, escrever juntas. Não eram amigas de longa data, a vontade de escrever poesia aproximou elas.

Em uma das reuniões, conversavam sobre o cenário político devastador que o país atravessava. O golpe - articulado por Eduardo Cunha, presidente da câmara dos deputados, e alguns congressistas - havia tirado a presidente Dilma Rousseff, do

Partido dos Trabalhadores, do poder. O sentimento de angústia prevalecia diante do cenário político. “Como levar a poesia para a rua e torná-la potente? Como fazer algo que seja transformador de verdade em um momento tão horrível do Brasil?”⁷, eram as perguntas que inquietavam o grupo, explica Lian Tai, uma das participantes. “Estamos precisando fazer uma intervenção política na cidade. Vamos levar a poesia para o metrô, para o Largo do Machado”, disse Úrsula.

Tom Grito, que estava ali pela primeira vez, deu a ideia de trazer o Slam das Minas para o Rio de Janeiro. Nessa época, Tom já se entendia como uma pessoa não binária, e as outras presentes eram todas mulheres: Lian Tai, Eliana Mara, Yassu Noguchi e a anfitriã, Úrsula Lautert. Já no primeiro texto, pessoas não binárias e trans – mulheres ou homens – também eram convidadas a participar. Os homens cis não. Esses eram estimulados a refletirem sobre seus lugares de privilégio e ouvirem. O formato da batalha poética surgia, portanto, como contraponto ao momento político em que elas e, também, a população LGBTQIAP+ eram o principal alvo do movimento reacionário que tomava conta do poder legislativo brasileiro desde 2015.

Tom integrou o primeiro slam do Rio de Janeiro, o Slam Tagarela. Sua atuação começa em 2013, durante o movimento político que ficou conhecido como jornadas de junho. Na segunda edição do Rio Poetry Slam, dentro das atividades da Festa Literária das Periferias, a FLUP 2015, conheceu a poeta e intelectual Tatiana Nascimento, fundadora do primeiro Slam das Minas no Distrito Federal.

Tatiana participava de coletivos políticos desde o ensino médio, onde entrou em contato com autoras feministas, movimento das mulheres negras e o ativismo lésbico. O fato de ter ingressado na primeira turma de cotas étnico-raciais, em 2004, na Universidade Nacional de Brasília, influenciou toda a sua trajetória na reflexão crítica sobre confronto racial, epistemológico e de gênero. Traduziu, durante o doutorado, a obra de Audre Lorde, intelectual e poeta lésbica estadunidense, que já a inspirava sobre a transformação radical que significava expressar na escrita o desejo sexual e o amor entre duas mulheres. Algo que sempre foi tabu (SPITZNER, Marcelo; NASCIMENTO, Tatiana, 2021).

⁷ As entrevistas com cada poeta do Slam das Minas RJ foram feitas separadamente: Tom Grito, Lian Tai, Andrea Bak, Gênesis, Moto Tai, Rejane Barcelos. A produtora Debora Ambrósia e a DJ Bieta também. Além disso, Úrsula Lautert, da primeira formação do Slam das Minas RJ, foi entrevistada.

Percebendo a predominância masculina nas batalhas de slam poetry e o silêncio das poetisas do sexo feminino, Tatiana decidiu criar um espaço para que mulheres e lésbicas se sentissem acolhidas para falar poemas que tematizavam questões que atravessavam as suas vivências: o amor entre mulheres, abusos, assédios, estupros, gordofobia, entre outros. Posteriormente, em São Paulo, a nova empreitada teve também como finalidade aumentar o número de competidoras do sexo feminino nas finais dos campeonatos nacionais de slam.

Durante o evento da FLUP, em 2015, Tatiana, Tom Grito e Luz Ribeiro, poeta paulistana que posteriormente integrará o Slam das Minas SP, se hospedaram no mesmo quarto em um hostel no Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro. Esse encontro foi determinante para que o Slam das Minas se tornasse um movimento nacional. A criação do Slam das Minas SP ocorre um ano depois, em 2016, quando as mulheres slammers articularam nas redes sociais o movimento #naopoetizeseumachismo em resposta a um caso de assédio ocorrido dentro de um sarau na Zona Sul de São Paulo. Esse foi o estopim para que as slammers percebessem o silenciamento ao qual estavam submetidas nos saraus e batalhas na capital paulista.

Fato é que mesmo que o slam tenha chegado ao país pela poeta, atriz e pesquisadora Roberta Estrela D'Alva, uma mulher negra, a cena ainda era dominada por slammers homens. Isto é, além de Estrela D'Alva e Luiza Romão, que conquistou o segundo lugar na competição nacional de 2014, o Slam BR, poucas mulheres se atreviam a competir. Entre elas, podemos citar: Mariana Félix, Luz Ribeiro e Mel Duarte, todas da cena paulistana. As duas últimas fundaram o Slam das Minas SP junto com Pam Araújo e Carol Peixoto (LOUSA, 2019).

Em seguida, surgiu o Slam das Minas BA, na Bahia. E, naquele momento, na reunião para falar de poesia na casa de Úrsula, no contexto político pós-golpe da presidente Dilma Rousseff, num apartamento nos arredores do Largo do Machado, começava o Slam das Minas no Rio de Janeiro.

A escolha de um espaço público, em frente à Estação de Metrô Largo do Machado, para a realização do evento, não foi uma novidade. Pois, ao contrário de outros países – onde os slams cobram ingressos em cafés, bares, teatros e escolas, - no Brasil, as batalhas costumam acontecer gratuitamente nas ruas e praças das cidades, com raríssimas exceções. Isso ocorre desde que “o Slam Guilhermina, o segundo do Brasil, estreou nas mediações da estação de metrô Guilhermina-

Esperança, na Zona Leste de São Paulo” (NASCIMENTO, 2019, p.187). Portanto, o Largo reunia características bastante apropriadas para a realização do evento. Havia oferta de transportes públicos – tanto metrô quanto ônibus; sabia-se que não havia batida policial na região e, principalmente, era próximo de onde as organizadoras moravam.

Uma questão que preocupava Úrsula era a falta de uma autorização oficial para fazer o evento. Como profissional do Direito e trabalhadora da justiça, ela pesquisou sobre leis que garantissem a liberdade de expressão nas ruas da cidade. Apesar de, desde final de 2016, a lei municipal número 5.429 ter oficializado o direito a apresentações artísticas como teatro, dança, capoeira, circo, música, folclore, literatura e poesia nos espaços públicos da capital fluminense; ainda havia um clima de insegurança em relação à polícia desde as atuações brutais que ocorreram nas jornadas de 2013. Ademais, a apreensão de material e perseguição de artistas em nome da ordem pública não eram raras.

A lei do artista de rua surge, portanto, como uma forma de assegurar a liberdade de se ocupar o espaço público com manifestações culturais. Contudo, mesmo preenchendo um pedido de autorização no site da prefeitura, havia ainda medo da repressão. Segundo Tom Grito, a lei andava impressa no bolso para caso houvesse qualquer ameaça de se impedir a competição.⁸

Não havia nenhuma definição de quem faria o quê, tampouco havia estrutura para o evento. As habilidades e funções foram surgindo espontaneamente. Tom assumiu o papel de mestre de cerimônia desde o início. Ele era carismático e as outras se sentiam tímidas para exercer tal função. Lian Tai criou os cinco cadernos artesanais que serviriam para as juradas darem notas aos poemas, posteriormente é ela quem assumirá as filmagens das batalhas. Quanto à estrutura, sabia-se que era preciso arranjar uma caixa de som, um microfone e alguém para filmar. Voz e imagem teriam que chegar longe para que muitos olhares, muitos ouvidos fossem alcançados. Aquelas três horas de evento precisariam ser alargadas, esticadas ao máximo, pois era assim que o slam estava chegando aos quatro cantos do país. A divulgação de poetas também funcionava como um estímulo já que não havia remuneração como prêmio.

⁷ Segundo declaração em entrevista ao programa de podcast Lado B do Rio.
<https://ladobdorio.com.br/cultura/caiobellandi/conheca-o-slam-das-minas-a-batalha-de-poesias-so-para-mulheres/>

Os vídeos de poetas declamando na rua – participando de batalhas, especialmente, no Slam da Resistência, que acontecia, na Praça Roosevelt, em São Paulo – já faziam sucesso nas redes sociais, alcançando milhares de pessoas. Ao vivo, o evento reunia não mais que 300 espectadores. As intervenções poéticas aconteciam desde as jornadas de junho de 2013, quando advogados e ativistas se reuniam para debater a ação violenta da Polícia Militar durante as manifestações. O slam surge um ano depois como desdobramento desse fórum, trazendo essa face ativista e de lutas por direitos. (FREITAS, 2020).

“Criamos um evento no *facebook*”, conta Lian, plataforma virtual de relacionamentos onde saraus, slams e outros eventos poéticos da cidade eram divulgados. Nessa época, os saraus costumavam reunir cerca de vinte, cinquenta pessoas. Tom Grito não esconde o assombro quando soube que mais de 1500 pessoas confirmaram presença no evento criado na internet e 600 compareceram já na estreia da competição. E não foi só isso. Ao ir para a rua da cidade do Rio de Janeiro, foram as mulheres pretas e periféricas, muitas delas lésbicas, que tomaram a palavra e entoaram seus poemas no meio da praça. No entanto, o grupo que organizou o evento no primeiro ano do Slam das Minas RJ - Tom Grito, Lian Tai, Úrsula Lautert, Eliana Mara e Yassu Noguchi - não tinha esse recorte de raça e classe. Eram de classe média, brancas e amarelas. Em 2018, no segundo ano, formase um novo grupo composto, majoritariamente, por mulheres pretas, periféricas e lésbicas.

Poesia para pagar boleto

O Slam das Minas RJ deixa de ser apenas uma batalha mensal de poesia para se tornar uma coletiva, um grupo de amigos que se reúnem assiduamente para conviver, produzir, trabalhar em projetos em comum. As mulheres pretas começam a ser maioria. Yassu, Eliana e Úrsula saíram de cena.

Tom Grito convidou a sua companheira na época, Débora Ambrósia, para ajudá-lo a formar um novo grupo. Débora havia acompanhado todo o surgimento do Slam das Minas RJ, assistiu cada batalha desde o primeiro evento. Com a saída das primeiras organizadoras, ela aceitou o desafio, trazendo experiência em promoção de vendas – em shopping e feiras de rua – e uma longa trajetória como gerente de espaços tradicionais da boemia carioca, como o Bar Semente, na Lapa, e o Beco das Garrafas, em Copacabana.

Débora assume a posição de gerente, a produtora do grupo, aquela que coloca as poetisas para funcionarem no mundo real. Vira também uma espécie de estrategista tanto para conseguir apoio de marcas de bebida, como para levar o coletivo para espaços como o Parque Lage ou o Supermercados Guanabara.

Lian Tai, que fundou o Slam das Minas RJ junto com Tom, se afastou temporariamente após descobrir estar grávida. Só retorna um ano depois, na final de 2018. Atriz e poeta, tem como um dos seus projetos atuais, além do Slam das Minas RJ, o podcast “Maternidade de Guerrilha”, onde reflete e questiona a maternidade contemporânea.

A tarefa de formar uma coletiva fica, portanto, a cargo de Tom Grito e Débora Ambrósia, que convidam Carol Dall Farra e Gênesis. Ambas participantes e finalistas do Slam das Minas 2017, ambas da Baixada Fluminense. Gênesis nasceu em Nova Iguaçu, Carol, em Duque de Caxias. As duas já haviam frequentado saraus de poesia até chegarem ao Slam das Minas. Carol era do rap, Gênesis, do teatro. Carol estuda geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Gênesis frequentava a igreja neopentecostal do seu bairro desde a infância, atividade que exercerá forte influência na sua poética.

O objetivo era transformar o Slam das Minas RJ em uma espécie de companhia de poetisas, diferente da maioria dos slams que existem enquanto batalhas, ou seja, eventos esporádicos que dão visibilidade a novas poetisas. Tom

Grito já tinha o projeto de viver de poesia, fazer disso uma profissão, um trabalho. O Slam das Minas RJ começa, então, a funcionar de outra forma. Com cachê ou sem, as integrantes passam a fazer apresentações em escolas, intervenções artísticas em espaços de cultura e festivais, oficinas de escrita e de poesia falada.

Carol Dall Farra conta que descobriu que integrar a coletiva era como uma extensão de família, era “um organismo que funcionava perfeitamente”. As quatro se reuniam quase todos os dias na casa de Débora Ambrósia no Morro do Pinto, na zona central da cidade. Faziam muitas refeições juntas, criavam, ensaiavam e trabalhavam na produção da coletiva. O slam passa a ser o trabalho, o ganha-pão. Era preciso ganhar dinheiro com a poesia para pagar boletos, viver dela. Pesquisavam fornecedores de camisetas para produzir produtos com a marca Slam das Minas RJ, buscavam locais para eventos, se inscreviam em editais de cultura, entravam em contato com marcas de bebidas para conseguir patrocínio. Quando a hora avançava e percebiam que não haviam feito dinheiro algum, elas desciam a Lapa para passar o chapéu na rua com o megafone na mão. Onde houvesse um aglomerado de pessoas, recitavam poesia e, em seguida, pediam uma contribuição qualquer. “Ficamos conhecidas na Lapa como as meninas da poesia do chapéu”, conta Dall Farra.

“A minha família tem um lema que ninguém pode ser deixado para trás e eu senti isso no Slam das Minas. Se você não tem, a gente arruma um jeito. Se você não tem, ninguém tem”, diz Carol Dall Farra. Para Gênesis, antes do coletivo, surgiu a amizade. Antes do Largo do Machado nunca tinha tido essa experiência artística com tantas mulheres pretas juntas. “Esse dia foi a porta para isso acontecer. E foi de onde vieram as minhas melhores amigas até hoje. A gente foi se conhecer lá. Para mim o maior presente que eu ganhei nesse dia foram essas trocas, esses afetos. Eu me apaixonei por Carol, Débora e Tom, a gente se apaixonou e mergulhou de cabeça nas coisas que estavam acontecendo”. A primeira vez que Gênesis participou do Slam das Minas foi na sua cidade, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, quando, em 2017, o grupo inicial organizou uma batalha na região. Ela já participava de saraus declamando seus poemas e seu nome era conhecido na região. Quando soube de que se tratava de uma competição, quase desistiu. Mas resolveu participar e ganhou.

Ela conta que a comunidade religiosa do seu bairro desempenhou um papel fundamental na sua trajetória desde a infância, quando perdeu a mãe e o irmão aos

oito anos. Ali, recebeu o suporte de que precisava, sendo completamente acolhida. Sua família não era crente, mas se apegou à fé por causa do luto. “Tinham várias mulheres que eram mães para mim”. Mas não só isso. Era na igreja que fazia aula de dança, teatro e participava de projetos sociais. A bíblia foi um livro fundamental na sua formação: era um livro de poesia, uma espécie de oráculo. “Eu amo a bíblia. Acho um livro muito interessante. Lamento que as pessoas não entendam as alegorias, que levem tudo ao pé da letra.” A escritura sagrada resvala na sua poética ainda hoje. Seu primeiro livro de poesia se chama “Terra Santa”, cujos capítulos são organizados como versículos.

“Quando rompi, eu precisava fazer algo com aqueles símbolos. Eu habitava a escuridão e pela palavra eu me recriei”, diz em referência à passagem bíblica da criação do mundo do Antigo Testamento. Gênesis é também sua assinatura como mulher da palavra. “Eu quero ressignificar meu início, sabe? Eu tinha muitos lutos, muitos traumas... Eu nasci no slam também”, diz Gênesis em entrevista ao podcast FALAPALAVRA.

Quando participou do Slam pela primeira vez, já havia rompido suas práticas religiosas. As regras da instituição ficaram insustentáveis para ela. Por essa razão perdeu todos os amigos de infância. “A Débora e a Carol foram minhas primeiras amigas pretas que frequentavam o rolê”. A trama das amizades que se formaram na coletiva - dividindo alegrias e dores, inspirando trabalhos e versos – é uma das bases que mantém a coletiva em pé. São pessoas que têm suas vidas atravessadas por vivências semelhantes quanto ao gênero, raça e orientação sexual. “Acho que em diferentes escalas, eu, Carol e Gênesis vivemos os mesmos tipos de violência”, explica Débora Ambrósia.

Ser uma mulher preta, reconhecer o que isso representa no país, no seu dia a dia, segundo Gênesis, chegou tardiamente. “Até 2015, eu não fazia as conexões das violências que eu sofria por causa do racismo porque eu não tinha recursos”. O Slam potencializou a sua fala, trouxe corpo para a sua poesia. Gênesis conta da surpresa quando se deu conta de ser uma mulher preta. “A cada dia, eu tento me apropriar desse corpo-casa, corpo-continente. A minha obra é meu corpo. A manifestação da minha existência”, diz ela.

Depois da final no Largo do Machado, Gênesis foi aos poucos sendo absorvida pelo grupo. Era convidada para participar de eventos em escolas públicas e espaços culturais. Com cachê ou sem, aceitava. Segundo ela, sua entrada

definitiva na coletiva aconteceu na homenagem à Marielle Franco, em frente à Assembleia Legislativa na Cinelândia. Ela fez a primeira edição de zines artesanais com poemas do grupo para vender.

Poucos meses depois, as quatro viajaram para a Festa Literária de Paraty, a FLIP de 2018. Além de organizarem uma batalha de slam, tiveram a ideia de fazer intervenções poéticas pelas ruas. Ao retornarem, Tom Grito, Débora Ambrósia, Carol Dall Farra e Gênesis sabiam que formavam uma coletiva de poesia e que a profissionalização era o caminho a seguir. “Nós quatro estávamos muito alinhadas com o nosso propósito, do que a gente queria, de fazer grana, de botar poesia no mundo”, diz Gênesis.

Andrea Bak – do movimento estudantil ao slam

Andrea Bak é a mascote do grupo. Desde 2017, participava dos eventos, mas, como estudante do ensino médio, não podia estar na maioria das atividades. Na primeira vez que batalhou, foi finalista junto com Gênesis e Carol Dall Farra. A partir de seu envolvimento com questões políticas estudantis, chegou ao movimento da palavra – o rap, o hip hop, as batalhas de rima até chegar ao Slam.

Quando ingressou, em 2016, no ensino médio profissionalizante da FAETEC Ferreira Vianna, no Maracanã, instituição pública que havia formado seus pais e irmãos, encontrou um cenário de completo abandono e precarização. Era o ano do golpe que tirou a presidente Dilma Rousseff do poder. Um mês depois que o vice, Michel Temer, assumiu a presidência, em 29 de agosto, a Medida Provisória 746/2016, que implementava a reforma do Ensino Médio, foi instituída. Poucos meses depois, veio a PEC 241, conhecida como a PEC do Fim do Mundo pelos movimentos sociais. Com a prerrogativa de controle fiscal, a Proposta de Emenda Constitucional limitava os investimentos em áreas como educação, saúde, diversos serviços públicos e previdência social (RIBEIRO & PULINO, 2019).

Diante desses dois fatores políticos, o movimento estudantil impulsionou a ocupação das escolas Brasil afora, inspirado em um modelo que já havia saído vitorioso no estado de São Paulo em 2015. Por causa de uma medida unilateral do governador Geraldo Alckmim⁹ de fechar 94 escolas públicas, afetando mais de 700

⁹ Em novembro de 2022, Geraldo Alckmin (PSB) foi eleito vice-presidente junto com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o mandato 2023 a 2026.

estudantes, o movimento estudantil ressurgiu com uma nova face. A decisão foi veiculada na mídia sem qualquer participação da comunidade escolar: professores, gestores, estudantes e pais. Foram 45 dias de protestos nas ruas, em cerca de 60 cidades paulistas. O movimento se inspirou no manual “Como ocupar uma escola?”, documento escrito por estudantes do Chile e da Argentina. O que se viu foram adolescentes organizados em comissões de limpeza, comunicação, alimentação, segurança, na defesa de suas escolas. Eram eles que lideravam atividades educacionais como debates, saraus, palestras com o apoio de alguns professores (ROCHA, 2020).

Andrea Bak conta que, no ano de 2016, teve apenas um mês de aula. Com o cenário político em ebulição, seus colegas de escola se juntaram ao movimento de ocupação, que teve início no Paraná. É nesse momento que adota o pseudônimo Andrea Bak e deixa de lado o nome Andrea Silva. Se envolve e se aprofunda na luta coletiva, tornando-se presidente do grêmio e organizando e participando de discussões e estudos nos coletivos Negro, LGBT e das Mulheres, fundado pelos próprios estudantes. Além dessas atividades, ela e seus colegas rodavam outras escolas incentivando a ocupação contra a PEC do teto de gastos e a MP 746.

Diferente de como ocorreu em São Paulo, entretanto, onde, em 2015, os estudantes saíram vitoriosos e fizeram o governo estadual recuar no fechamento das escolas, em 2016, as duas medidas, contra as quais os estudantes lutavam, foram aprovadas pelo Congresso Nacional.

Rejane Barcelos e Moto Tai: a poesia que se inspira na rua

Em 2018, muitos trabalhos foram surgindo, o que demandava a participação de novas poetisas. A coletiva sabia que era preciso expandir e, ao longo dos dois anos seguintes – 2018 e 2019 –, foram chegando novas participantes. Rejane Barcelos, a Rainha do Verso, foi uma delas. Em uma mesa de bar, após um sarau, ouviu falar do slam pela primeira vez. “Achei uma palhaçada. Como é que vai dar nota para um poema? Quais os critérios de avaliação?”.

Da zona rural de Itaperuna, nascida e criada em comunidade, Rejane, como muitas adolescentes, escrevia diários. Estudou em escola pública – “uma escola sucateada e precária”. Ela conta que suas amizades e amores foram sendo corrompidos pelo tráfico de drogas e levados para o “exílio do sistema carcerário”.

¹⁰ Ao escrever cartas para eles, ela se reconhece como poeta.

“Além de desenvolver o meu mecanismo de escrita, esse mecanismo marginal, eu também fui fortalecendo os vínculos com essas pessoas”: essa é a sua primeira memória de ocupar um lugar na escrita. Até então, se via como artesã, artista plástica e atriz.

Decide vir para o Rio de Janeiro a fim de investir na carreira de atriz. Para ganhar dinheiro, trabalhou em escola de samba e em casa de família como empregada doméstica. Optou por ser camelô para ter mais mobilidade na cidade e conseguir participar do circuito de saraus poéticos. Certa vez foi vender chocolate no Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, perto do Complexo da Maré, onde mora. Dentro da universidade, se deparou com uma palestra sobre pan-africanismo da filósofa Katiúscia Ribeiro. Ficou extasiada com o que ouviu. Ao final, foi conversar com a palestrante que a convidou para participar de seu curso de extensão sobre Filosofia Africana, no Instituto de Ciências Sociais, no Largo do São Francisco. Retomou o sonho de cursar uma universidade. Hoje Rejane estuda Letras Árabes na UFRJ¹¹, mesmo campus que frequentava para trabalhar como camelô. Apesar de todas as críticas à academia, principalmente, às dificuldades que enfrenta como mulher preta e periférica, admite que ingressar na universidade pública é a realização de um sonho.

¹⁰ Aula inaugural do departamento de letras da PUC-Rio. Link <<https://www.youtube.com/watch?v=Rt5wRaSQT7o&t=6624s>>

¹¹ “Hoje” se refere à data da entrevista de Rejane Barcelos (junho de 2022).

O curso de Katiuscia foi fundamental na sua formação e no seu processo de racialização. Segundo ela, sempre soube que branca não era, nem preta. Ficava confusa. A mãe a chamava de indiazinha, morena. “O meu primeiro lugar de militância foi a gordofobia”. A escrita íntima dos diários era a ferramenta para se entender como mulher preta.

Por causa da amizade com Neide Vieira, a poeta vencedora da primeira final do Slam das Minas em 2017, ela começou a acompanhar as batalhas. Na final daquele ano, quando a amiga esquecia os versos, Rejane conta que soprava palavra por palavra no seu ouvido, gostava de assisti-la e torcer.

Sua aproximação ao Slam das Minas RJ também ocorreu porque aproveitava os eventos para vender pão de queijo, tabaco, balas, pirulitos, biscoitos. Acabou criando uma cartela de clientes nesse circuito, tanto que, até hoje, é Rejane quem comanda as vendas nos eventos do coletivo. Ela conta que sempre foi o objetivo das integrantes pagar boleto. “A gente tem que parar de colocar o artista de rua nesse lugar militante, santificado, de fazer por fazer, de fazer pela quebrada, por amor, para transgredir. Não. A gente tem conta para pagar.”

Ao frequentar o Slam das Minas RJ, começou a escrever mais. Apesar de seu objetivo principal sempre ter sido vender mercadorias, acabava falando suas poesias no microfone aberto ou no sacrificial, modalidades não competitivas. Durante um evento, na Fundação Progresso, na Lapa, começou a desabafar com Tom Grito. Estava com raiva, com fome e sem grana. “Olha eu estou querendo fazer um rolê para a gente ganhar dinheiro com poesia”, disse Tom.

E assim foi. No primeiro evento que participou pelo Slam das Minas RJ, ganhou o dobro do que ganhava rodando a cidade durante um dia como camelô. Nunca deixou, contudo, essa atividade. É da rua que a sua poesia se alimenta.

O mesmo ocorre com Moto Tai, moradora do morro do Pinto, que trabalha como entregadora de aplicativos de comida além de ser poeta. Ela foi ao slam pela primeira vez na final de 2018, no Museu de Arte do Rio, a convite de um amigo que, na época, trabalhava junto com ela na bilheteria do Museu do Amanhã, a poucos metros dali. Ficou arrepiada quando ouviu Gênesis performar pela primeira vez no palco: “Lembro de ficar matutando o que ela queria dizer.” Ela cita um trecho de um poema de Gênesis: “Em caravelas rotas da minha sanidade”. A partir daquele dia, ia a todos os eventos do Slam das Minas RJ e aos poucos se aproximou das poetisas. Um dia, tomou coragem e mandou um poema para o Tom. O nome é

“Testemunho”, uma brincadeira com os testemunhos de igreja Lesbiteriana, criada pela cantora, compositora e artista Bia Ferreira. “Eu acho que eu nunca falei essa poesia no slam. Eu não conseguia editar, mexer nela”. Foi quando recebeu o convite para participar de um sarau na casa de Tom e Débora. Não demorou muito para integrar o time.

Poema de testemunho

A poesia do slam é testemunho de uma vivência. Fala de experiências do corpo, da história familiar. A voz entra em cena com toda a carga de afetos, vivências e traumas e questões existenciais e históricas compartilhadas. A fala não é de improviso. Ao contrário, passa por um processo lento de pesquisa e escrita, é mastigada letra por letra. Os ensaios são inúmeros. É palavra que entra no corpo até ser decorada, palavra que habita os poros até virar sopro.

Cada uma tem um processo de decorar um poema. “A palavra precisa estar cabendo na boca” diz Tom, que, quando escreve poema para ser falado, alterna caneta e voz para ajustar o ritmo, o som. “Eu gravo um áudio da poesia e fico escutando esse áudio”, explica Moto Tai, ela vai recitando e dando movimentos ao corpo para sincronizar corpo e palavra, a coreografia corporal é a lembrança do próximo verso.

No slam, quem fala escreveu de próprio punho, tem total domínio do que diz. Essa talvez seja a grande peculiaridade, a diferença do slam no conjunto das artes vocais e performáticas. A palavra é própria, autoral, testemunho do que se ouviu, viu, vive e viveu.

Carol Dall Farra cita o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, que tece seu mundo ficcional pelo que ouviu das conversas das mulheres de sua família, das suas vivências na favela da infância. “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2019, p.11) . Entre lembranças e esquecimento, surgem as ficções de memórias daquilo que foi vivido um dia.

Para a poeta, a história da sua vida, da sua mãe, tia, avós chega na frente quando se está diante de uma folha de papel em branco para criar versos. Com o poema “Na ponta do abismo” foi assim. Era mais uma tarde de visita a sua mãe, durante um final de semana, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. As duas

tomavam uma cervejinha no meio fio da calçada, quando a mãe começou a contar casos de suas irmãs e amigas – a tia Dinha, Tia Vera, a sua amiga Simone, a Selma. Começava com algo bem prosaico e engraçado, o início de um namoro, uma ida ao cinema. Depois, ela começou a narrar sua própria história de vida. “Os finais eram sempre tristes, desastrosos, acabavam com uma mulher preta ferida”. E foi assim que veio o primeiro verso: “Na ponta do abismo, lá vai a mãe preta”.

A escrita desse poema – que trata do lugar de vulnerabilidade que a própria mãe e suas companheiras de vida ocupavam - demorou três meses até ser finalizado, talvez tenha sido o seu poema mais demorado. O mais dolorido também. A escrita vinha acompanhada do choro, do aperto no peito, de uma agonia. “Eu escrevia e pausava para chorar”, conta Dall Farra.

O processo de decorar e ensaiar para competir na final de 2017 também não foi fácil. Doía só de passar o poema mentalmente. Foi diante do público, no Largo do Machado, que Carol conseguiu falar em voz alta o poema inteiro pela primeira vez. A performance foi um turbilhão. Ao final, ganhou um abraço das poetas e amigas, além de muitos aplausos. Foi uma espécie de catarse - há um pesar e um desespero de reviver tudo o que é dito nos seus versos, mas também um alívio. Como se tirassem toneladas das suas costas.

No dia seguinte, as mensagens começaram a chegar. A performance que ocorrera no dia anterior foi divulgada em vídeo na internet, nas redes virtuais da coletiva. Milhares de pessoas viram e centenas delas mandaram mensagens pelas redes sociais e para o seu celular. Amigas e conhecidas mostraram para suas mães. Carol conta que muitas senhoras tinham se identificado. Eram mães pretas que também viveram na ponta do abismo. “Entendi a arte de um lugar muito louco, onde as pessoas se veem em você”.

Conceição Evaristo forja o conceito-experiência “escrevivência” pela primeira vez na sua dissertação de mestrado “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, defendida em 1996, no departamento de Letras da PUC-Rio. Trata-se de escritas de mulheres negras no Brasil, cujas experiências de mundo são vivências afrodiaspóricas com seus entrecruzamentos de classe e gênero, com seus traumas e preconceitos vividos cotidianamente. Escrever-vivências, escrevivência, uma escrita que se escreve com o corpo todo, com a pele-memória.

Evaristo explica que as palavras escrevíveis ressoam no corpo coletivo como uma escrita insubmissa a fim de romper o silenciamento. Tem, por isso, na

voz, na oralidade, o seu principal pilar. Palavra- escrita-falada que é gestada no que se ouve, no que se ouviu na conversa entre mulheres como Carol Dall Farra, que transformou em versos as dores das suas mulheres “a mãe, as tias”. Palavra- escrita-falada que se pretende rota de fuga, uma forma de agir no mundo, não se submeter às injustiças apresentadas por ele.

No conceito-experiência de Evaristo, a palavra funciona como uma palavra-espelho também, que reflete a imagem de uma coletividade. Não se trata de uma escrita de si, narcísica e egóica, como o mito de Narciso que no espelho d’água se deslumbra com a própria imagem refletida, a imagem de um homem branco europeu. A escrevivência seria como o espelho das orixás Oxum e Iemanjá, aquele que reflete a beleza negra, uma beleza que precisou ser construída, e que acolhe toda uma comunidade, segundo Evaristo (EVARISTO, 2020).

Dentro da floresta, Oxum seduz Ogum com a dança de seus quadris. Ela é bela e jovem, seus cabelos estão soltos, os pés, descalços. “Oxum dançava como o vento e seu corpo desprendia um perfume arrebatador. Oxum salvara a humanidade com sua dança do amor” (PRANDI, 2001, p.322 e 323).

A bela Oxum fica dias se olhando no espelho de conchas polidas no palácio onde vive. Sua irmã Iansã, um dia entra no quarto e fica maravilhada com aquele mundo de espelhos. Ela se vê nos espelhos de Oxum, vê sua beleza refletida nos espelhos da irmã. “Tão feliz ficou que contou do seu achado a todo mundo” (PRANDI, 2001, p.324).

No espelho do Oxum eu não me encontro. Essas letras e corpos palavreiros não refletem minha imagem. No entanto, ingressar nesse universo do Slam das Minas RJ - ler escritoras negras brasileiras que me chegaram como referência, ouvir seus versos - faz com que eu possa, de certa forma, me enxergar. Estou diante de um espelho. Ele me devolve uma outra imagem de mim e da minha trajetória. Uma imagem que se transmuta, se transforma, me deforma. Inicia-se um processo de reconstrução do meu olhar e da minha escuta. É preciso aprender a ver novamente esse corpo revestido de uma pele, que traz a marca de um gênero lido socialmente. Como se lê um corpo? Como leem o nosso próprio corpo?

Corpos em trânsito no Slam das Minas RJ

Em seu primeiro livro, “Antes que seja tarde para se falar de poesia”, Tom Grito publica o poema manifesto “Aldeia Cuírlombola de escrevivência” (GRITO, 2023). Com ele, homenageia a escritora Conceição Evaristo a fim de demarcar a importância da sua obra para o movimento do slam. “Em uma especial saudação àquela que nos fez perceber tudo isso: - Gratidão, Conceição Evaristo!”, diz um dos versos finais. O poema é uma resposta à Academia Brasileira de Letras que, em agosto de 2018, elegeu o cineasta Cacá Diegues para ocupar a cadeira número sete, mesmo diante da mobilização popular articulada na internet para a candidatura da primeira escritora mulher negra imortal.

“Nossas cadeiras não são numeradas
pois não precisamos ordenar pessoas.
Sentamos todos no solo,
ao redor de nossos olhares,
pois somos 1um e nos reconhecemos
e nos reconhecemos pela arte de nossas escrevivências,
pelo valor de nossos encontros,
pela dor de nossos afetos,
pela cura de nossa sabedoria ancestral.”
(GRITO, 2023, p.77)

Nos versos Tom utiliza a primeira pessoa do plural para identificar do que trata o movimento. “Somos”, escreve elu, aldeia, roda, dança, encontro, fogo e palavra, o pretuguês, termo cunhado pela pensadora Lélia Gonzalez para evidenciar a influência das línguas africanas na língua portuguesa falada no Brasil e suas particularidades na pronúncia de certos termos.

Segundo Tom, a escrevivência fala de dores, afetos, da existência do povo nativo, do resgate de um amor-próprio. No plural, o poema inclui, nesse movimento escreviente, não apenas o slam, mas também o rap, a rima, a roda, o griot. Demarca o espaço do slam na cultura brasileira perante a sociedade como aldeia, como coletivo de antes das regras das gramáticas, das escritas.

No movimento amplo de escrevivência, a palavra é compartilhada na roda, se conecta pela voz e a escuta, é escrita com *corpas* que não cabem no binarismo de gênero. No seu poema, Tom traz a dimensão do cuírlombo – conceito forjado pela poeta e pensadora Tatiana Nascimento que une quilombo à teoria queer com a brincadeira fonética do abasileiramento da pronúncia: cuír. Nascimento ancora seu

conceito nos espaços de liberdade e autogestão dentro de um regime escravocrata no Brasil Colônia, os quilombos, e também nos itans, nos mitos de orixás onde “reina uma bissexualidade constituinte” (NASCIMENTO, 2019, p. 7).

É a escrivência que acolhe mulheres negras e pessoas não binárias e trans, amplitude já prevista pela própria Conceição Evaristo. Segundo ela, a escrivência também abarca a experiência-escrita de desobedientes de gênero, vítimas da violência masculina (DUARTE, 2020, p.86). A palavra faz o papel de bússola para o caminho a ser percorrido na criação de um quilombo urbano inclusivo, palavra de escape.

Desde 2013, durante o movimento que ficou conhecido com jornadas de 2013¹², Tom atua como poeta nas ruas. Com um megafone, performava na época um poema sobre os 20 centavos, valor do aumento da tarifa de ônibus que fez eclodir as manifestações na capital paulista e reverberou pelo país afora.

Quando trabalhava como professor de educação física concursado no município do Rio de Janeiro, mantinha um blog de poesia, cuja leitora e incentivadora era a professora de literatura da instituição. A criação poética vinha desde a infância, quando seu pai o levava a rodas de poesia. Suas principais influências artísticas são o poeta Manuel Bandeira, o rapper Mano Brown e a cantora Maria Bethânia.

Por causa da tragédia que ficou conhecida como o massacre de Realengo¹³, em abril de 2011, Tom pediu exoneração do seu cargo no município. Já fazendo parte da coletiva Slam das Minas RJ, iniciou a sua transição de gênero. Não se via

¹² Um dos principais movimentos de massa do Brasil desde a década de 1980, as jornadas de junho de 2013 começam na cidade de São Paulo com um objetivo bastante específico: revogar o aumento das passagens de transporte público. Articulada pelo Movimento Passe Livre (MPL), a mobilização de jovens e estudantes era feita pelas redes sociais para bloquear vias públicas da capital por horas. A fim de encerrar os bloqueios, a Polícia Militar reagia de forma truculenta. Mesmo assim, as manifestações acabaram se estendendo por grande parte do território nacional e as pautas se diversificaram: educação, saúde, impeachment do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, e da presidente Dilma Rousseff, são algumas delas.

A grande discussão sobre as jornadas até hoje é sobre seus desdobramentos e consequências. É possível afirmar que esse movimento, que inicialmente flertava com anarquismo e propunha o direito à cidade com o transporte público gratuito, acabou se transmutando e sendo apropriado por uma parcela conservadora da população diante de um cenário complexo de ascensão de um pensamento conservador? Com pautas contra corrupção, as ruas foram vestidas de verde e amarelo contra o governo do Partido dos Trabalhadores. Com o enfraquecimento político de Dilma Rousseff, em 2016, ela sofre o golpe e é substituída por Michel Temer, seu vice. Três anos depois, o líder de extrema direita Jair Bolsonaro, defendendo as bandeiras Pátria, Deus e família, é eleito presidente.

¹³ Um ex-aluno entrou em uma escola pública no Rio de Janeiro alegando que daria uma palestra e assassinou doze crianças e se suicidou em seguida.

como mulher, e sim como pessoa não binária. No texto do primeiro evento no Largo do Machado, pessoas não binárias, trans, queers eram convidadas a participarem das batalhas apesar do nome ser Slam das Minas RJ. Elu conta, no entanto, que essas pessoas não apareceram. Isso ocorrerá à medida que for assumindo sua transgeneridade, demarcando a representatividade de pessoas trans nesse espaço. No primeiro ano, mulheres pretas – em sua maioria lésbicas – foram as vencedoras dos slams.

Em um evento que antecedeu a criação do Slam das Minas SP, com Tatiana Nascimento, elu assistiu a uma mesa de conversa com pessoas trans. Conheceu Jota Mombaça, chegou às obras do pensador espanhol Paul B. Preciado. Foi o slam que proporcionou o acesso a obras de pessoas transgênero para que Tom se entendesse como não-binária e trans e pudesse se assumir como tal. No slam, ele encontrou referências e linguagem para entender o que vivia e poder transicionar. Teve acolhimento da coletiva ao longo de todo o processo.

DJ Bieta: a música da festa

Nos eventos do Slam das Minas RJ, a música traz a atmosfera de festa e alegria para a rua. Entre um poema e outro, os corpos se mexem, as participantes dançam, os pés batem no ritmo do som. A responsável por essa ambiência festiva é a DJ Bieta, gaúcha de Porto Alegre assim como Tom Grito, quem a convidou a fazer parte da coletiva.

Nas suas carrapetas, Bieta privilegia artistas brasileiros invisibilizados. “Itamar Assunção, Wilson Simonal, Leczy Brandão”. São músicas que são ouvidas em casa, no quintal, “na casa das nossas avós”, explica ela. Ela fala através da colagem sonora tecida entremeando poemas e músicas. Para isso, precisa estar o tempo inteiro com os ouvidos acesos. “Presto atenção, estou ali juntinho. Reforço o que foi dito”. Ela cita alguns exemplos: quando a Gênesis performa um poema sobre a violência contra a mulher encaixa em seguida “Maria da Vila Matilde”, na voz de Elza Soares.

“Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero
Vou entregar teu nome e explicar meu endereço
Aqui você não entra mais
Eu digo que não te conheço
E jogo água fervendo se você se aventurar”
Douglas Germano

Quando Tom fala um poema que privilegia o amor, escolhe “Toda a forma de amor” de Lulu Santos. Nas batalhas poéticas, quando não imagina o tema do poema, escuta com atenção e busca na memória uma música que aborde questões semelhantes ao que foi dito para tocar em seguida.

Ser DJ para ela foi natural, algo que fazia quando pequena – costumava colocar som nos eventos escolares – seu pai, que trabalha como arquiteto, também trabalhou como DJ, toca violão, escreve poesias. Bieta cresceu no meio artístico. Dos sete aos 21 anos, participou do grupo de dança e música Afrosul, onde se formou artisticamente e politicamente.

Veio para o Rio de Janeiro para cursar faculdade de moda: “Eu tinha fome de cultura, queria conhecer o movimento Black Rio, o Baile Charme no Viaduto de Madureira”. Realizou o sonho e frequentava o baile todos os sábados. Acabou se casando com um produtor musical francês, e durante alguns anos ficava seis meses no Rio de Janeiro e seis meses na Europa. Foi lá que começou a sua carreira profissional como DJ, tocando música brasileira. Na Europa, adquiriu conhecimento de toda a aparelhagem tecnológica para atuar na área: cds, *pick ups*, carrapetas, cabines.

Gosta de contribuir com a coletiva nessa posição, se sente confortável, acolhida. Como muitas outras integrantes, Bieta diz que o grupo é uma espécie de família para ela, uma conexão de propósitos semelhantes, uma conexão ancestral de amizade e apoio.

No Slam, a palavra cresce

Integrar a coletiva do Slam das Minas RJ é receber e dar amparo, compartilhar pensamentos sobre o mundo, sobre a história. Talvez vá além disso. Fazer parte da coletiva é a utopia de construir, nesse mundo de precariedade, um mundo próprio insubmisso e alternativo. É sobre lutar contra a opressão e pela liberdade artística, a liberdade de ser e se tornar quem se é. A partir dessa convivência, do trabalho em conjunto, a palavra autoral ganha cada vez mais autenticidade. A troca entre poetas reverbera de maneira que ganha cada vez mais força. No slam, criam-se outros mundos possíveis e aprofundam-se laços e vínculos.

Carol Dall Farra diz que a maioria dos competidores do slam são pessoas que se parecem com ela, que tiveram a mesma vivência e que partem de um lugar parecido de onde ela vem. “Então não é uma competição de corpo para corpo. É uma competição da palavra”.

Ela conta que a alegria de ter ganhado um slam se assemelha quando passou na faculdade. “Eu me senti valiosa, me senti importante, legítima”. Gênesis reitera que a tentativa é de construir um lugar seguro para o desenvolvimento das potências criativas, afetos e sexualidade. “O Slam das Minas RJ acredita na revolução pela palavra, na cura e libertação da voz de mulheres que foram tanto tempo silenciadas.”¹⁴ Há algo de muito poderoso de assegurar um espaço de compartilhamento de escritos, onde a autora performa em público um poema, ou algo íntimo de um diário ou caderno de anotações. A própria Gênesis declara que seu primeiro desafio foi justamente confiar naquilo que escrevia, que reverberaria nos outros e, portanto, deveria ser mostrado.

Logo, além da festa poética no espaço público, onde os corpos se expressam e ocupam fisicamente com suas vozes, há uma dimensão íntima da coletiva que o slam proporciona. Por causa do encontro na rua, ou seja, ao colocarem seus corpos e poemas para competir, a coletiva se forma e aprofunda laços de afeto. A partir deles, os poetas constroem uma nova possibilidade de vida. As tramas que tecem as amizades e os amores constroem algo novo. É como se essas pessoas se recriassem. Novos poemas, novas performances, novas personas surgem nesse ato de criar junto.

Suas vidas, suas artes, seus nomes são transformados. “A palavra cresce”, diz Carol Dall Farra. Tom Grito encontra espaço para ser “Se não tivesse o Slam, talvez o Tom não existiria”.

Na carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo, Gloria Anzaldúa afirma: “Escrever é o ato mais atrevido que já ousei e o mais perigoso”. No texto, que é um marco para o movimento feminista chicano no Estados Unidos, ela reflete ser improvável que essas mulheres tenham relações que as favoreçam no mundo da escrita, da literatura. Que tudo será motivo para que elas calem suas canetas: as tarefas domésticas que ganham um sentido de urgência no cotidiano atribulado e uma desculpa para adiar as dificuldades de encarar a escrita, a própria insegurança

¹⁴ Entrevista com Gênesis no site Poeme-se.

“Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?”, o entorno – a classe dominante, as instituições educacionais, o sistema político - oblitera seus discursos.

“Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia” (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Anzaldúa acredita que o ato de escrever na companhia de outras mulheres, como ocorre no Slam das Minas, onde os escritos são partilhados pela própria poeta nos eventos da coletiva, dissipam a solidão da escritura e a falta de poder. A escrita empodera quem escreve e o entorno que se encoraja também para colocar no papel e na voz suas próprias vivências e suas percepções do mundo.

Rôssi Alves Gonçalves, professora da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora de Cultura e Territorialidades, e a pesquisadora Talita Mathias, no artigo “Slam das Minas RJ: Erga sua voz” pontuam como o slam permite que poetas – sem chancela nos espaços institucionais e hegemônicos de fala - vençam “barreiras físicas, psíquicas e simbólicas” (GONÇALVES, Rôssi Alves/MATHIAS, Talita Miranda da Costa, 2023, p.19) para performar seus versos diante da plateia e criam uma rede a fim de se pensar novos paradigmas sociais.

“Eu costumo dizer que as minhas maiores referências estão vivas e uma delas está sentada aqui no sofá da minha sala”, diz Gênesis, se referindo à Carol Dall Farra. “Rejane está a cada dia mais potente. Eu estou vendo como a nossa escrita está se transformando porque a gente mudou muito. Eu estou muito influenciada pelo que Carol escreve e ela pelo que eu escrevo. A gente vai trocando e se influenciando muito”. Foi a coletiva que potencializou o seu trabalho.

“Essas pessoas são a minha família, é onde eu tenho acolhimento e segurança. Pensam o mundo como eu, eu conheço a obra delas. Tem a galera do modernismo onde todo mundo era meio amigo. O Slam é o meu movimento, é o pessoal que eu frequento”, diz Tom Grito. Fazer parte da cena artística carioca, fundar um coletivo de poetas, ganhar dinheiro com poesia. Essa parece ser a maior das insubmissões e rebeldias do grupo.

Figura 3 - Tom & Débora – Pintura a óleo (Quadro de Panmela Castro)



Tom e Débora estão sentados confortavelmente em um grande pufe. Olham para quem observa a tela, para quem a pinta. Atrás, como pano de fundo, há uma bandeira do arco-íris, símbolo da luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+. A tela integrou a exposição “Ostentar é estar viva”, da artista plástica Panmela Castro, na Galeria Luisa Strina em São Paulo.

Poemas

Na ponta do abismo

Carol Dall Farra

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 Aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa
 suspeito
 Não chora nem fala das mortes diárias
 Pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 - Preta é firme
 Teu corpo foi alvo da falta de amor
 Teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu
 Quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza por
 causa da cor
 Mas preta é forte, sempre ouvi falar
 Mãe, preta!
 Resiste desde que não sabia o que era existir
 Mãe preta!
 Teve teus calos calejados pela falta de arrego dos atrasos da história
 que
 traçaram teu destino
 Mãe preta!
 Que pariu no reboliço e trouxe com muito ofício outra preta que não
 sorriu
 Filha de preta!
 Que com a vida já traçada me desfiz de tanta tralha com um grito de
 cansada entalado na garganta
 E os bicos de diaristas entalados na minha herança
 Vi o mundo cortar com a foice minha passagem pela infância
 Os homens que me olhavam revestidos de ganância
 E para eles não importa se se trata de uma criança
 Hipersexualizar era um hobby da minha vizinhança
 Dedos te apontaram ontem e hoje o cano te aponta
 Amanhã outro julgamento julgando que cê aguenta
 Tua cabeça um reboliço
 Teu corpo cumpriu caprichos
 Tua mãe também passou por isso e todas da tua família
 Tua vó bem que dizia:
 - É uma praga feito sentença, eles dizem que a gente aguenta, mas
 vejo uma morte lenta
 Tua vida nunca passou disso, nunca fugiu da sentença
 Com as forças dos ancestrais internalizou que aguenta
 Imaginou o chicote lento na vértebra de um branco
 E viu que a força é um detalhe para quem vive resistência
 (In. DUARTE, Mel. Org. 2019, p. 65 e 66)

Capítulo 7

Gênesis

1. Quando não resta nem dinheiro, nem dignidade. Ainda resta o papel e a caneta e a vontade de fazer alguma coisa que preste.
2. Por trás do desejo de que tudo desapareça, por trás da tristeza ainda resta alguma coisa, ao menos a curiosidade de saber para onde avança.
3. Avançar tropeçando, às vezes se arrastando, quantas vezes suplicando. Deve ser isso que chamam fé...
4. Hoje sinto cólicas e tenho gosto de sangue na boca, pois matei o amor com palavras.
5. Hoje lágrimas não curam e não lavam, lágrimas secam e transformam-se em deserto de sal.
6. Toda uma terra corpo toda uma terra negra corpo devastada pela desesperança, mas alguém me explica o mistério, a dança dos pés feridos que teimam em tripudiar entre os cacos e os ossos.
7. Paradoxo e mistério se arrastam por essas ruas desertas, mas o fim do mundo começou hoje cedo na minha cama.
8. Sonhos premonitórios, demônios que se agitam, pois sou mais perigosa que os perigos dessas esquinas, porque minha alma está nua e minhas palavras são mais afiadas que uma lança. Mato e morro por elas!
9. Tudo muda e eu aprendi há um segundo em um milhão de anos quando ainda nem era.
10. A loucura de permanecer a mesma e transpassar as eras, sendo parida do outro lado, renascendo por uma explosão.
11. Tudo muda eu aprendi isso agora que não sobra nem dinheiro, nem dignidade.
12. Mas eu não sei se é o peso dos olhos tristes que pesam sobre as pálpebras, mas o mundo se tornou mais leve. Sem a vertigem das expectativas, me vejo de modo mais nítido.
13. Sou o abismo que olha para os meus próprios olhos.
14. Eu ameí o mundo inteiro e voltei sozinha para casa.
15. Todo mundo deseja amor eterno, mas eternidade mora dentro de um instante e nesse infinito de tempo me cabe dizer que quero direito de transcender, na lama, no lodo, na dor, na labuta, as permutas e agora mesmo neste instante eternidade sem dignidade, imagina dinheiro.
16. Já me vão pesando as palavras e sou toda olhos de cansaço e solidão. Você vê? Você vê? Ninguém vê.
17. Quem ousará olhar nos olhos de sua própria sombra? Quem gozará com ela? Quem ousará olhar nos olhos de minha própria solidão e tomá-la sobre si e eu tomarei as vossas? Quem troca? Quem troca? Ninguém troca. Ainda mais quando não sobra nem dinheiro, nem dignidade.
18. Sorte que ainda resta o papel e a caneta e o que agora eu vou chamar de Milagrosa vontade.
19. Oh não! Mais uma noite cansada, mas um dia virado E aquela palavra na garganta que não se pode dizer.
20. Diagnósticos não bastam quando os cães ladram mordendo as minhas pernas.
21. E meus olhos estão cansados, tentando conter a vertigem desses primeiros raios de sol.
22. Oh não! Mais uma noite insone, com fome, com fome. E esses monstros que se alimentam da minha vital energia.

23. E eu como minha própria placenta para encontrar a cura das minhas agonias.
(GÊNESIS, 2022, p. 58-62)

Aldeia Cuírlombola de Escrevivências **Tom Grito**

Vimos por meio deste manifesto
contar quem somos e dizer que antes de não poder ser - coisa imposta pelo
julgamento de pessoas -
já éramos.
Vimos de antes das regras, das gramáticas, existimos antes de sua
colonização.
Pois somos nação antes da chegada da que ora se intitula e aqui hoje nos
denominamos: Aldeia Cuírlombola de Escrevivências.
Somos Aldeia
Porque filhas dos povos nativos desta terra aqui já estávamos antes de tua
escrita chegar.
Antes da primeira carta de tua língua julgar nossas belezas, já fazíamos
literatura.
Somos Cuír
Porque nossos corpys estranhos não seguem teus padrões estéticos.
E antes de imporem tuas famílias, tuas medidas, teus cidadãos de bem,
tua moral e tua ordem,
aqui já estávamos.
Pois somos a poeira das estrelas e brilhamos bem antes de tentarem
nos reduzir a pó.
Não cabemos na estética binária de tua língua normativa. Somos cada
corpys possível, somos plural.
Somos quilombo
Quilombo urbano das resistências literárias, das oralidades griot, das
histórias de Yabás e Orixás, da roda ancestral.
Pois antes do papel
somos fogo e palavra
Antes da escrita
somos dança e risada
Antes do medo
somos batuque e trovão
Somos o desconhecido
o pretuguês
o valor, antes do capital
Somos Escrevivência
pois nossas escritas
falam de vidas
de sonhos ressignificados
de povos que recuperaram a estima,
o afeto,
e o reflexo de nossas belezas
ao olhar pra margem
- e jogamos fora teus espelhos

Nossas cadeiras não são numeradas
pois não precisamos ordenar pessoas.
Sentamos todos no solo,
ao redor de nossos olhares,
pois somos Ium e nos reconhecemos
e nos reconhecemos pela arte de nossas escrevivências,
pelo valor de nossos encontros,
pela dor de nossos afetos,
pela cura de nossa sabedoria ancestral.
Somos o notório saber, a cultura, a arte, a literatura, o slam, a rima, o rap, a
música, a roda, o griot.
As mais velhas, as mais novas, es estranhes, aquelas que não cabem, as
julgadas, as presentes, as invisíveis, as que sempre serão lembradas, as que
estavam aqui antes de vocês:
As verdadeiras imortais.
Desta forma, por meio deste manifesto estabelecemos que aqui já
estávamos e aqui permaneceremos e em círculo nos unimos com todas
as brasileiras de tua Aldeia Cuírlombola de Escrevivências e te
convidamos a se reconhecer como nós e a agradecer as que vieram antes
de nós.
Em uma especial saudação àquela que nos fez perceber tudo isso: -
Gratidão, Conceição Evaristo!
Somos as que aqui estavam antes da tua colonização. Somos, da
literatura, a revolução!
(GRITO, 2023, p.75-77)

Notas de rua 2

O relógio do celular marcava 19h na Praça da Harmonia, no território do Cais do Valongo. Poucas vezes estive ali num dia de semana comum. Desfilei duas vezes no Bloco de Carnaval Filhos de Gandhi, cujo ponto de encontro costuma ser na Praça e percorre pontos emblemáticos da Pequena África. Também frequentei a festa junina local.

Dessa vez, não havia festa e poucas pessoas conseguiram chegar ao evento do Slam das Minas. A área estava um pouco deserta e a iluminação pública falhava. Nenhuma amiga, amigo, nem namorado haviam aceitado o meu convite. Me sentia sozinha, o que viria a se tornar uma rotina nesse meu percurso.

Antes da batalha, Geisa, uma mulher empreendedora da área de reformas domésticas, ministrava uma oficina de conserto de tubulação de banheiro e instalação de chuveiro elétrico. Uma roda se formou em volta dela e as participantes tiravam dúvidas. Reencontrei uma colega do tempo da faculdade de teatro, trocamos algumas palavras e os números de telefone. Ela continuou tirando fotos do evento para a coletiva.

Talvez essa seja a lembrança mais forte que tenho de como eu me sentia deslocada naquele espaço. Puxei conversa com Rejane Barcelos. “Soube que você cursa letras na UFRJ, Rejane, apresentei aula lá e os alunos me contaram. Você sabia que haverá uma matéria neste semestre só com escritoras feministas?” Rejane olhou para mim. “Eu não sou feminista”. Fiquei sem reação. Como prosseguir aquele diálogo? “Eu sou mulherista, uma outra corrente”, completou. Dali, me encaminhei para conversar com Tom Grito. Tom cursou educação física com meu namorado. Sempre foi bastante educado e receptivo comigo. Mas naquele dia explicitou o desconforto do grupo em relação à minha pesquisa. Trocamos mais algumas palavras e me afastei um pouco do evento.

Um VLT cruzou o meu caminho. Sem pensar muito, entrei no veículo. Sentada perto da janela, apanhei o caderno de pesquisa: “Mulherista – Rejane”.

Mas o que poucos sabem é que **a preta raivosa**
nem sempre foi forte¹⁵/ E misturar futuro e sentido
 é o nosso presente / nos entregamos a cada começo só
 pensando no fim/ me **fudia bem gostoso** enquanto
 eu chupava a xota/ hoje os protestos inundaram
 a rua **com fogo**/ eu criei abrigo no seu chamego, no seu
 cangote no seu cabelo crespo/ **Eu quero**
falar de flor, pô/ Teve uma idosa que morreu
 cuidando dos patrões ricos que chegaram de viagem/ Mas as palavras ainda
são sagradas e o meu sangue ainda profana/ Das **batalhas de**
rima até levar o Slam pro palanque/ É o grito alto **do opressor** que
 todo dia te mata/ qual é a **faca** que te corta?/ A gente vai **se**
abraçar de novo/ Mais de 150.000 mil
 pessoas sem estudar/ **quando**

¹⁵ Autoria dos versos em ordem: Rejane Barcelos/ Tom Grito/ Andrea Bak/ Valentine/Midria/
 Briela G / Luiza Loroza/Tom Grito/ Gênesis/ Mel Duarte / Mariana Félix/ Ingrid Martins/ Lian
 Tai/ Andrea Bak/ Anna Moura

gritei, tentaram
cortar minha língua/

Cena 2: Poemas Pandêmicos: quarentena poética e as conversas de bastidores

Com o advento da pandemia de Covid-19, que impossibilitou os encontros e eventos presenciais, investigo nessa cena as saídas encontradas pela coletiva para dar continuidade ao seu trabalho poético. Apresento, em especial, a “Quarentena Poética”, projeto que ocorreu de 16 de março a 11 de junho de 2020 com vídeos-poemas diários de cerca de três minutos publicados em rede de relacionamento virtual. Quais os temas apresentados nos poemas desse projeto? Como é a vivência do isolamento social sob o ponto de vista dessas poetas?

Discuto ainda como os saraus online ao vivo, que complementam a programação da “Quarentena Poética”, possibilitam outras formas de escuta, permitindo à pesquisadora acesso às conversas de bastidores, onde elas falam sobre as suas vivências da pandemia, discutem sobre política e se queixam da prevalência de poesias de sangue nas batalhas. A partir das entrevistas com cada poeta da coletiva feitas posteriormente, de entrevistas em podcasts, apresentações online, abro meus ouvidos para a reflexão dos próprios poetas sobre poemas que sangram e poemas de amor. Diálogo com o conceito de “Constelação de Performance”, usado pela pesquisadora argentina Marcela A. Fuentes e ainda com “Cuírlombismo Literário”, também utilizado no capítulo anterior, da poeta e pensadora brasileira Tatiana Nascimento, fundadora do primeiro Slam das Minas no Distrito Federal.

Poemas confinados

Na tela, a imagem trava, embaça, cai, congela. Som e imagem se desencontram: ora se escuta a poeta, ora se vê o seu rosto sem som. Ela pergunta “Gente, vocês estão conseguindo me escutar? Respondam nos comentários.” Repentinamente, a poeta some e é preciso recomeçar o encontro virtual. É tempo de pandemia da Covid-19, da crise sanitária mundial que nos impõe o confinamento. Não há vacina ainda, dia a dia contamos os mortos. Dia a dia temos receber uma mensagem com a notícia de que alguém próximo se infectou, de que alguém próximo morreu. De que o próximo pode ser um de nós. E respiramos fundo, buscando o ar que nos resta nos pulmões.

Em tempos de pandemia, a cidade é uma mera abstração para quem pode se proteger e não trabalha nos serviços essenciais. A tela, o nosso refúgio. A pesquisa - que havia sido desenhada para estar na rua, nas batalhas de slam - se choca com esse cenário impensável até então. Sou atropelada pela seguinte questão: como enfrentar um percurso de investigação onde o desejo maior é estar na rua, ver o mundo e viver o tempo vivo, quando o tempo da morte nos exila em nossas casas? Diante do impasse, entro na tela. O Slam das Minas RJ cria sistemas de fugas para o novo cenário. No início, uma série de vídeos diários pré-gravados com poemas divulgados pela internet. Em seguida, encontros ao vivo online e, posteriormente, batalhas virtuais.

É Rejane Barcelos quem publica, no dia 16 de março de 2020, o primeiro vídeo-poema¹⁶ na rede social da coletiva, dando início ao projeto “Quarentena Poética”. No poema, Rejane narra um aeroporto que segue os protocolos contra a doença, abordando, em contraponto, o assassinato de uma amiga e o medo da política de extermínio impetrada pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro sob o pretexto de combate ao narcotráfico.

“Uma máscara não me protegeria de uma bala
Que é um perigo real
aqui nesse lugar complexo”
(Rejane Barcelos, 16/03/2020)

¹⁶ Vídeo 1 da Quarentena Poética - <<https://www.instagram.com/p/B9zaIowpWpI/>> (Rejane Barcelos)

A poeta olha para a câmera como a encarar o espectador que a assiste, buscando seu olhar. O rosto em close se destaca, um rosto apertado na tela como uma foto em 3x4: o coque no alto da cabeça, os brincos de argola e um cenário totalmente distinto da praça – agora a intimidade de cada casa é revelada como pano de fundo. Rejane deixa escapar, possivelmente, o seu quarto de dormir, a cama atrás, a mesinha de cabeceira. Nos vídeos-poemas da “Quarentena Poética”, veremos uma estante de livros, a porta da cozinha entreaberta, uma gravura colorida na parede, uma placa de rua azul onde se lê “Slam das Minas RJ” ou “Marielle Franco”.

Figura 4 – Instagram – Quarentena poética dia #1 – Rejane Barcelos



O respaldo tecnológico se estabelece como norma. Tempo e espaço já não são compartilhados como antes. O encontro é “desencontrado” no aqui e agora. Es poetas não têm mais o público diante de si, o olhar não se dirige ora para um ora para outro. O corpo inteiro, que performava versos com a expressão das mãos do movimento das pernas, não cabe na tela. Na Quarentena Poética, a poeta olha a câmera para dizer os versos ao público, que por sua vez se encontra do outro lado da tela e num outro tempo.

Quando o estado de emergência foi decretado no país, Rejane, junto com Tom Grito e Gênesis, acabava de voltar da primeira viagem internacional para representar a coletiva no “Mundial Poético de Montevideo”, no Uruguai. Havia um clima de vitória, de animação, de euforia com todos os contatos e referências

poéticas que es três conheceram durante a viagem. E também uma satisfação pelo reconhecimento do público, responsável por doar dinheiro para o pagamento das passagens aéreas, já que estadia e alimentação eram oferecidas pelo próprio festival. A campanha de arrecadação ocorrera pela internet na plataforma Vakinha, cujo próprio nome remete à popular expressão “Fazer uma vaquinha”, isto é, reunir um grupo de pessoas para que cada um faça uma pequena contribuição financeira a fim de juntar uma soma considerável. No caso do Slam das Minas RJ, 46 pessoas contribuíram totalizando a arrecadação de R\$ 5.880,00.

O público faz, então, o papel de marchand, patrocinador, mantenedor, apoiador da coletiva. É ele quem garante que as atividades sigam acontecendo na medida em que até então não havia nenhum apoio governamental, tampouco patrocínio para o Slam das Minas RJ. Em 11 de março de 2020, o grupo publica uma mensagem de agradecimento em rede social: “Agradecemos a cada pessoa que divulgou ou doou para nossa vakinha. Agradecemos o investimento que fizeram em nós. Estamos vivendo o sonho que construímos com vocês”.¹⁷

Neste mesmo dia, quando es três ainda estavam viajando, a Organização Mundial de Saúde “declarou que o mundo vivia a primeira pandemia do século XXI” e as medidas protetivas começaram a ser anunciadas por governadores, prefeitos e o Ministério da Saúde. (BUENO, SOUTO, MATTA, 2021, p. 27). Quando aterrissaram no Brasil, no dia 14 de março, Gênesis, Rejane e Tom Grito encontraram o sinistro cenário jamais imaginado. Escolas, universidades, teatros, cinemas, casas de shows suspenderam suas atividades. Eventos foram cancelados. Estradas começavam a ser fechadas. Aeroportos, também.

Os que puderam adotar o isolamento social mantiveram suas atividades profissionais na tela do computador. De outro lado, uma legião de trabalhadores de serviços essenciais abastecia as cidades com alimentos, remédios, combustíveis: motoboys, cozinheiros, caixas de supermercados, atendentes de farmácia. Os hospitais começavam a lotar. Profissionais da saúde agiam.

“A gente chegou do Uruguai no dia 14 no sábado. Chegamos em São Paulo, dormimos lá. No dia 16 ficou instituída a Pandemia. Vamos tirar duas semaninhas lembra?” (Tom Grito, 11/22)

¹⁷ Postagem de agradecimento pelo apoio do público. Link: <https://www.instagram.com/p/B9mCHV3pJbB/?img_index=1>.

Como a agenda da própria coletiva começava a ter suas atividades canceladas, ocupar as telas com poesia foi o mais óbvio a se fazer. Já havia a intenção de usar as redes virtuais com vídeos e poemas cotidianamente para divulgar ainda mais o grupo. A ideia era que cada uma fosse responsável por um dia da semana. Como são seis poetisas, no sétimo dia da semana haveria um revezamento. Quando surgiu a pandemia, a coletiva resolveu colocar o projeto na tela.

A ação “Quarentena Poética” se desenha, a princípio, como espaço de elaboração do que se vê e vive no dia a dia, trazendo poemas em tom de crônica sobre a pandemia de Covid-19. A crise política também vira verso, pois, sob o lema “A economia não pode parar”, o então Presidente da República propagava institucionalmente desinformações, desrespeitava as medidas protetivas, além de desautorizar o Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e sua equipe técnica cotidianamente.

Há comentários sobre os noticiários, o número de mortos, as vítimas fatais e principalmente a vivência da pandemia pelo olhar das poetisas. O tempo dos vídeo-poemas publicados segue os três minutos permitidos nos jogos ao vivo. O texto integral vem escrito ao lado do vídeo. O público participa deixando suas mensagens.

Tom Grito¹⁸ tematiza, no terceiro dia da Quarentena Poética, os medos e hábitos em tempos de isolamento social: o uso do álcool gel e a vulnerabilidade de portadores de doenças crônicas. Fala também sobre como a doença atinge de forma desigual pobres e ricos no país: “Teve uma idosa que morreu cuidando dos padrões ricos que chegaram de viagem”.

Tom se refere à primeira morte por Covid-19 registrada no estado do Rio de Janeiro: da trabalhadora doméstica Cleonice Gonçalves, infectada no seu local de trabalho no Alto Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro. A patroa tinha acabado de chegar das férias, na Itália, país que registrava o maior número de mortes à época. Mesmo apresentando sintomas da doença, ela não liberou a funcionária do serviço que, hipertensa e diabética, acabou falecendo poucos dias depois. O triste episódio adiantava a geografia da morte da Covid-19, que vitimaria principalmente moradores da periferia e pessoas negras.

¹⁸Vídeo 3 da Quarentena Poética - <<https://www.instagram.com/p/B94krjLpvAA/>> (Tom Grito)

A primeira semana da Quarentena Poética começa nessa ordem: Rejane, Gênesis, Tom Grito, Moto Tai, Andrea Bak e Lian Tai. Lian, que sempre ficava detrás das câmeras, realizando as filmagens dos eventos, é incentivada pela produtora Débora Ambrósia a mostrar seus poemas. Até então, ela não se sentia à vontade, não se sentia representante para mostrar seus versos, pois desde o início, em 2017, não só gênero, mas cor e classe social importavam na hora de pegar o microfone.

Segundo, Tom Grito, já na primeira semana ficou difícil manter o projeto só com poemas da coletiva. As consequências do isolamento social começavam a afetar a produção poética do grupo. Falar um poema por semana ficava cada vez mais penoso.

“Na primeira semana fizemos. Na segunda semana foi ficando difícil porque a gente estava ficando confinado. Quando a gente viu que não ia voltar a vida, que a gente ia ficar preso, não tínhamos mais cabeça. Vamos intercalar: uma poeta de fora e uma poeta do slam. Fomos convidando poetisas do Brasil. A ideia era fazer quarenta poetisas, mas a gente chegou a quarenta duas.”
(Tom Grito, 11/22)

A princípio, o isolamento duraria apenas uma quinzena e, logo, as atividades seriam retomadas. Em seguida, acreditou-se que seriam quarenta dias. Com o número de mortes aumentando progressivamente, não havia perspectiva de como e quando a vida, da forma como conhecíamos, seria retomada. Os decretos de estado de calamidade e a necessidade de continuação do isolamento social iam se renovando. Convidar slammers de outros estados foi a solução encontrada. A coletiva decide que a Quarentena Poética duraria quarenta poetisas independente da pandemia acabar ou não. O número de poetisas seria o tempo da quarentena.

Nos bastidores, a vida seguia seu curso com todas as suas adversidades. Chegando do Uruguai, Rejane desembarca no Complexo da Maré, onde mora, e assiste a um tiroteio. Segundo ela, o isolamento social é rompido em diversos momentos da pandemia. Comemora o aniversário de uma vizinha, bebe uma cerveja com outra, sai para dançar depois de dois meses de baile suspenso. “Eu moro num cubículo. Na favela, a vivência da pandemia é muito diferente” diz.

Lian Tai, que havia viajado para visitar os pais em Goiânia e ficaria apenas cinco dias, permanece longe do Rio de Janeiro durante cinco meses em função do

fechamento das estradas. Com a filha pequena para cuidar, precisa escolher entre dormir ou trabalhar durante a madrugada.

Moto Tai, depois de cumprir o isolamento por um tempo, retoma seu trabalho como entregadora de aplicativos de comida, leva o medo como companhia constante, o que a impede do exercício da escrita. Para não correr o risco de infectar a sua mãe, mantinha-se afastada dela e cumpria um ritual de higiene sobre-humano após o trabalho.

“Eu escrevi muito pouco na pandemia. Eu sinto falta da rua, da convivência com as pessoas para poder conseguir escrever. Eu escrevo por uma música, por pessoas que eu olhei... Esse movimento da rua é o que me traz vontade de escrever. Na pandemia eu não consegui fazer isso.” (Moto Tai, 04/22)

A lembrança de Gênesis é de um adoecimento profundo. Enquanto todos estavam em atividade nas redes sociais, fazendo lives, produzindo conteúdos, ela se calou, não escrevia, não conseguia falar, não conseguia sequer raciocinar.

É Rool Cerqueira, poeta baiana, estudante de Artes na Universidade Federal da Bahia, a primeira poeta convidada a participar na segunda semana de isolamento social, no dia 23 de março. E assim, dia a dia, de forma alternada, é publicado um vídeo com poetas da coletiva e poetas convidadas do Rio de Janeiro e outros estados.

Kika Sena, atriz, arte-educadora e poeta alagoana, participa no dia 6 de abril. Oito dias depois, no dia 14 do mesmo mês, é Mel Duarte, uma das fundadoras do Slam das Minas de São Paulo, que fala um poema. Do Slam das Minas da Bahia, é Nega Fya que participa com o videoclipe “Solidão da Mulher Preta”. De Pernambuco, a multiartista Luna Vitrolira, também pesquisadora das poesias de improviso do Sertão do Pajeú, se apresenta na “Quarentena Poética” quase no final do projeto, no dia 9 de junho.

A força coletiva se apresenta. Como um quebra-cabeça de rostos, sotaques e versos, a Quarentena Poética traz poetas emblemáticas do movimento do Slam, além das citadas acima, a fundadora do Slam no país, Roberta Estrela D’Alva, Mariana Félix, Luisa Romão, Memmei Bastos, Midria, além de Piê Poeta, Menino Jazz e tantas outras.

Esse cruzamento de fronteiras, a reunião de poetas de outros estados, ocorrerá, no movimento do slam brasileiro, durante o período da pandemia. Nas

competições virtuais, tanto em 2020 como em 2021, slammers aproveitam para se lançar em batalhas que demandariam deslocamentos longos caso fossem presenciais. Poetas de São Paulo, Pernambuco, Paraíba cruzam as fronteiras de seus estados para participarem de campeonatos a quilômetros de distância, mas que na tela possuem apenas a distância de um clique.

São as “brechas de mobilidade”, segundo a pesquisadora Miriane Peregrino, no artigo “Poesia sem fronteiras: Joice Zau, poeta angolana, é a campeã do SLAM BR 2021”. A impossibilidade da presença corporal nos eventos aproxima vozes distantes no espaço, explodindo na tela a participação de corpos poéticos de diferentes estados e mundo afora. Esse aspecto culmina na vitória, no campeonato brasileiro de 2021, da slammer angolana Joice Zau. Ainda por causa da pandemia, o campeonato foi realizado online.

Por um lado há uma fácil mobilidade, o convívio e aproximação de poetas que moram a quilômetros de distância, podemos arriscar até mencionar uma coesão maior do movimento do Slam diante das dificuldades que o isolamento social impõe. Há um outro lado, no entanto, sombrio da cena como Fabiana Oliveira de Souza e Mauren Pavão Przybylski mostram no artigo “Dos Espaços Físicos ao Cyberspaço: o poetry slam em contexto pandêmico”. Segundo elas, muitas competições não conseguiram dar continuidade às suas atividades tanto no Brasil como no México e Argentina durante a pandemia. O estado de Pernambuco, por exemplo, não realizou sua etapa final de slam em 2021, e as três finalistas precisaram ser selecionadas pelo Slam das Minas PE e pela etapa final do estado da Paraíba.

“Na Argentina, o primeiro campeonato nacional, em setembro de 2020, não contou com todos os coletivos até então ativos no país, porque, para muitos, como os do Slam Bariloche, era inviável sustentar competições on-line mensalmente”. (SOUZA/ PRZYBYLSKI 2022, p. 207)

As dificuldades também chegam ao Slam das Minas RJ. Quase dois meses após o início da Pandemia, em 11 de maio, com todos os cancelamentos de eventos, a coletiva recorre ao público pedindo ajuda financeira: uma mensagem, publicada no instagram, divulga o número da conta corrente da produtora Débora Ambrósia para contribuições voluntárias.

No entanto, o cenário começa a mudar quando o Instituto Moreira Salles seleciona a coletiva para a ação “IMS convida” que investe dinheiro na “Quarentena Poética”. A quantia é distribuída entre a coletiva e uma soma de R\$ 100 para cada poeta convidada. No ano de 2021, a coletiva consegue também uma emenda parlamentar da deputada federal Jandira Feghali em parceria com a Pró-Reitoria de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que possibilitou o sustento da coletiva durante o período em que as atividades presenciais estavam suspensas. (GONÇALVES/ MATHIAS, 2023)

Constelações de Performances: algumas considerações

Se no cenário da pandemia, as redes sociais desempenham um papel fundamental para a continuidade das atividades do slam, é importante destacar que antes mesmo de 2020, a internet já se fazia presente nos mínimos detalhes. O primeiro evento do Slam das Minas no Rio de Janeiro, por exemplo, já nasce atravessado pelo virtual, pois quando surge a ideia de fazer o evento no Largo do Machado, esta surge em forma de publicação online - um texto-convite em rede social chamando poetas a se apresentarem na batalha. Os registros de imagens fotográficas e audiovisuais produzidos para posterior divulgação fazem a festa poética perdurar e ganhar sentidos múltiplos. Novos participantes em outro tempo e espaço podem ver, comentar, pesquisar, fazer parte.

É na internet que a coletiva sempre divulgou os eventos, sendo o principal canal para se comunicar e convidar o público para as próximas batalhas, postar os vídeos das performances de participantes, receber comentários do público, curtidas. Ademais, nas redes sociais, começou o movimento de viralizar – ou seja o compartilhamento de vídeos. Os três minutos na rua se prolongavam na tela, se reatualizavam com as curtidas e compartilhamentos do público. As redes faziam a performance poética perdurar. Tudo isso ocorria desde 2013 com o surgimento do Slam Resistência e sua atuação nas redes. Os vídeos de performances poéticas de alguns minutos na Praça Roosevelt começaram a se alastrar nas redes, angariando fãs, novos poetas e ampliando o movimento, isto é, criando novas comunidades de slam Brasil afora.

No livro “*Activismos tecnopolíticos: constelaciones de performance*”, a pesquisadora argentina e teórica da performance Marcela A. Fuentes, hoje

professora da Northwestern University, em Illinois, nos Estados Unidos, analisa em cinco capítulos protestos políticos na América Latina e a relação entre as atividades feitas em presença e nas plataformas digitais de informação. Entre as manifestações analisadas estão: o movimento estudantil chileno em 2011 e a mobilização contra a violência de gênero, o “Ni una a menos”, que começou na Argentina e se espalhou pelo continente.

Fuentes, a partir de textos analíticos descritivos, mostra a importância desses protestos no continente que viveu longo período liderado por ditaduras militares e como essas manifestações oferecem ferramentas de formação educacional, artística e política muito além das instituições.

A questão central que nos interessa em seu texto é como, segundo Fuentes, as ferramentas online potencializam as performances ao vivo. Não sendo mera representação do que foi, mas gerando novas concepções das performances corporais que, atualmente, com o advento das novas plataformas de comunicação, estão entrelaçadas com suas repercussões no mundo virtual. Fuentes usa o conceito de constelação de performance.

“estes exemplos mostram como, mediante construções de tempo real em redes sociais, a performance digitalmente mediada e a performance corporal entrelaçam dinâmicas de geração mútua, fazendo com que ações simultâneas convivam como parte de um mesmo acontecimento estendido” (FUENTES, 2020, p. 146, tradução minha).

Isto é, os vídeos – muitas vezes em tempo real - das performances na rua e as fotos, segundo a pesquisadora, “criam “experiências estendidas de copresença”, formando uma constelação de performance.

Para ela, no momento atual, as redes digitais e as performances presenciais não podem se separar, uma não acontece sem a outra, não há hierarquia entre o evento gerador – evento primeiro – e depois os registros do que foi. Isto é, as redes virtuais não servem – antes e depois - ao evento-mãe-gênese na praça na aglomeração. Logo, as ações de divulgação não funcionam como coadjuvantes, como apenas um chamamento para a batalha. As imagens e pequenos filmes do que houve no corpo a corpo - em presença - não são apenas registros do que foi. Tudo isso - convites virtuais, vídeos produzidos entre outras formas de material

digitalizado – estão imbricados de tal forma que compõem uma constelação. São cenas que se complementam.

Curioso pensar, no entanto, que o livro de Marcela A. Fuentes foi publicado em inglês em outubro de 2019, antes de o mundo viver o isolamento social por causa do advento da Covid-19. Sua tradução para espanhol, de novembro de 2020, já traz uma introdução problematizando o conceito de constelação de performance no contexto pandêmico. Pois, quando é decretado o lockdown no país, ocorre, no entanto, uma mudança radical, pois a assembleia nas ruas e o encontro dos corpos são totalmente suspensos. O ambiente virtual, portanto, se torna a única opção para os ativismos e performances. No caso do Slam das Minas RJ, as redes sociais se transformam na arena para se comunicar com o público e dar continuidade ao trabalho. O novo espaço é a tela, a única possibilidade onde é possível agir não só para o Slam das Minas, mas para profissionais das artes em geral. Confinada em casa, a coletiva grava vídeos, promove *lives*, organiza saraus e mais tarde realiza na tela as batalhas ao vivo que antes aconteciam na rua.

Como pensar então o conceito de constelação de performance diante da radicalidade que a pandemia nos impõe? Nas redes encontram-se imagens em vídeo, de um passado não tão distante, de Carol Dall Farra e Gênesis na batalha final no Largo de Machado em 2017. Performances que põem no tempo presente um recorte, transformam e alongam o que foi. A partir de um certo ângulo, é possível assistir na tela ao público atento, sentado nas pedras portuguesas. Observa-se es jurades, a luz da praça. São rastros, pegadas de um tempo efêmero que não pode ser reconstruído, mas que, paradoxalmente, pode ser imaginado a partir das marcas que deixa. Os filmes dos poetas na praça fazem a performance seguir reexistindo a cada novo “play”, ganhando novos tons e significados. Na tela, a praça segue reunindo público e poetas.

Já no tempo presente da pandemia, tudo que resta é a poeta encapsulada na tela, dentro do seu ambiente doméstico, sem a praça, sem a torcida, sem os transeuntes, tampouco as luzes da cidade. Todo o aparato de cheiros, imagens e sons da cena urbana somem nessa nova cena pandêmica.

Mas seria aquele pequeno vídeo de três minutos com um rosto apertado que fala um poema apenas isso: um pequeno vídeo de três minutos com um rosto apertado que fala um poema? Quando, no tempo de uma pandemia, no

confinamento doméstico, assistimos à quarentena não haveria ali uma brisa da rua a nos soprar a cara?

Mesmo que a poeta deixe vazar atrás de si uma franha mal arrumada na cama, um vaso de flores aqui, às vezes a porta da cozinha entreaberta. Mesmo que a espectadora-pesquisadora, ao apertar o play para ouvir e ver o poema, veja dentro de sua própria casa a mesa da sala, a pia da cozinha, o abajur do quarto. Nessa colagem de rostos, nesse arquivo de poemas de diferentes sotaques, há a memória da quentura dos corpos, da vibração da torcida, de uma roda de pessoas que escuta e se emociona junta. A Quarentena Poética só existe porque temos esse pano de fundo. Ecoa, no nosso corpo, a voz do coletivo, essa vivência urbana que permanece nos poros da pele. Em cada poema dito na tela, venta em nós o frescor da rua, camadas de lembranças que não fogem.

Conversas na coxia

Na palma da mão, cabe o evento do Slam das Minas RJ. Posiciono-o em cima da mesa. Ora está jogado no sofá, ora apoiado na mesa da cozinha. Eu carrego o celular para o quarto de dormir, para o banheiro. Não há mais praça, ambulante, a plateia junta em roda, transeuntes cruzando o cenário a fim de embarcar ou desembarcar no metrô, os corpos presentes. Não importa se vai chover, ventar, se faz calor ou frio.

Somos a comunidade do Slam das Minas RJ – slammers, futuras slammers, poetas, futuros poetas, aspirantes a poetas, curiosos, fãs. Olho para a superfície lisa do aparelho celular como quem olha um espelho. Vejo a poeta Andrea Bak, é ela quem faz o papel de mestre de cerimônias nesse momento.

Nos encontramos na rede social. Sempre aos domingos depois do almoço. Hoje é dia 7 de junho de 2020, há mais de dois meses estamos confinados. Às 15h começa o sarau do Slam das Minas RJ. Não se trata de uma batalha virtual com notas de jurades e resultados de primeiro, segundo e terceiro lugar. Ao invés de simular na tela o que ocorria no chão da praça, uma nova dinâmica é proposta: há uma lista de oito poetas convidadas que falarão um poema cada. Anna Moura, Ingrid, Briela G, Tawane, Luz Ribeiro (uma das fundadoras do Slam das Minas SP), Nega Fya (uma das fundadoras do Slam das Minas da Bahia), Midria e Luiza Loroza. As conversas e comentários vão surgindo antes e depois dos versos falados.

Sem o microfone, sem a rua, sem a presença corporal dos espectadores, outras dimensões são reveladas.

Sou jogada, então, para a intimidade de suas casas e conversas, posso espiar da coxia o espetáculo. A intimidade da poeta, seu lar, é mostrada ao espectador de forma inusitada, favorecendo uma conversa mais intimista.

Agora o espetáculo acontece nos bastidores, no dentro, possibilitando também novas formas de escuta. O rosto de Andrea Bak está em close, vejo os detalhes do cabelo, o brinco de argola. Ela está em seu quarto, eu estou na minha sala. Eu a vejo, ela não me vê. A cada vez que ela recebe uma poeta, a tela se divide em duas – a anfitriã embaixo e a convidada em cima. As poetas podem ser vistas, elas se veem, mas o público está invisível. Já não é possível ouvir o coro barulhento de vozes da plateia. Nesse novo formato, es espectadores encenam a participação por escrito, nos comentários que aparecem na tela, sobre a imagem das poetas: “saudade de aglomerar”, “maravilhosa”, “pow pow pow”.

Figura 5 - Quarentena Poética ao vivo com Andrea Bak



Em alguns momentos, as poetas conversam como se não houvesse plateia, aparecem então comentários espontâneos, a fofoca, as confissões. Nas frestas do que seria um poema ensaiado, na ponta da língua, há um pouco dos bastidores do movimento. As participantes comentam sobre como levam suas vidas na pandemia, criticam a política nacional, dividem suas reflexões sobre o país e sobre o fazer

poético. O público - do outro lado - escuta como se estivesse à espreita, espiando pelo buraco da fechadura duas amigas, ou colegas de profissão, dissertarem sobre o que se passa em suas casas, no país, no mundo. O imprevisto se apresenta.

“A nossa população preta não deve ir emocionada para as manifestações porque essa é mais uma etapa desse projeto genocida”, considera Nega Fya, uma das fundadoras do Slam das Minas Bahia. “Estou com saudades da minha preta” Gabriela, uma das poetisas convidadas, confessa à Bak. “Eu quero falar de amor, eu acho que essa é a nossa revolução”, ela completa. “Gente, vocês gostaram do meu quarto? Esse aqui é o meu quarto, eu é que pinteí tudo. Conheçam meus grafites.”, Andrea Bak fala diretamente com a comunidade de ouvintes.¹⁹

Nesse encontro virtual, cada poeta deveria falar ao vivo o poema que fez parte da “Quarentena Poética”. No entanto, elas resolvem quebrar as regras e compartilham poemas inéditos. Entre um poema e outro, os temas que vêm à tona nos diálogos são autocuidado e saúde mental. “A nossa preocupação maior hoje enquanto comunidade negra e periférica é a nossa saúde mental”, diz Nega Fya, que decide compartilhar uma “poesia mais dengosa”. Bak, a anfitriã, reflete que o slam é esse espaço de denúncia através da arte, mas também de acolhimento e troca. Ela ressalta a importância de que “a nossa psique e coração estejam alinhados” e incentiva todos a fazerem terapia.

Poesia de amor X Poesia que sangra

Luiza Loroza é a última poeta a participar, assim como as outras ela resolve ler um poema inédito. Um texto que ainda não está pronto, segundo a própria. “Eu estava muito em dúvida do que eu ia falar aqui. Elas estavam falando sobre autocuidado. Aí eu fico pensando como é que a gente faz para encontrar força no que os nossos mais velhos já produziram?”.

¹⁹ Os encontros ao vivo online do Slam das Minas RJ foram realizados com o apoio do Instituto Moreira Sales.

Figura 6 - Quarentena Poética ao vivo Andrea Bak e Luiza Loroza



“Quem é que limpa o sangue?”: meu ouvido para no seu primeiro verso, acende a minha escuta. O poema que Luiza Loroza lê nesse encontro ao vivo mediado por Andrea Bak traz uma discussão profunda que vem sendo tematizada pelas participantes do Slam das Minas RJ em muitos de seus poemas. A tensão existente entre poemas que tratam do genocídio da população preta nas periferias e comunidades das cidades brasileiras e os poemas que falam de amor, autocuidado, tensão.

“Quem é que limpa o sangue
que vocês gostam de ver na tela
na roda, nos palcos
quem limpa ?
é a lágrima, é a lágrima que limpa?
mas se é o sal da lágrima que conserva a dor
eu é que não vou chorar mais
não vou
foi aí que o meu dentro corroeu
porque o sal da lágrima também corrói
aqui ó
a pele do meu rosto

tá vendo?
 a mão tá calejada de tanto esfregar
 sangue pisado nesse chão de terra batido
 sangue que cês jogaram aqui
 acham que eu é que vou usar
 esse meu sangue para fazer a obra de arte?"
 (Luiza Loroza, 07/06/2020)²⁰

O encontro virtual é interrompido em um momento por causa da má conexão. A imagem trava, paramos de escutar Luiza Loroza, paramos de vê-la. Ela reaparece e retoma seus versos, quer falar o poema todinho, de onde parou. Em seguida, ela se despede. Eu decido rever esse encontro, escutar novamente seu poema, copio os versos no caderno. Há algo nessas palavras que me chama a ficar.

Tom Grito, em uma entrevista ao podcast “FALAPALAVRA” comenta como os jogos poéticos do slam colocam o corpo e a voz do poeta disponíveis para encenar o trauma, cutucar a ferida de dores muito profundas: “Quanto mais o artista sangra em público, mais ele é ovacionado. Há uma necessidade de que aquele grito, de que aquele sangue seja derramado ali.” Segundo elu, isso ocorre para conquistar aplausos, ganhar pontos e vencer o campeonato. Quanto mais dolorido o testemunho do poema, mais pontos a poeta ganha.

Persigo essa pista, as manchas de sangue nos versos da Quarentena Poética, as brechas de amor, a violência das periferias, as chagas do racismo. Sobre o que tratam os versos no projeto que dura quase três meses em 2020, durante o período de isolamento social? O que pensam as poetisas sobre poemas que sangram e poemas de amor? Converso com cada uma delas, escuto entrevistas em podcasts, em apresentações. Abro meus ouvidos.

No vídeo-poema de número oitenta e três, publicado em 6 de junho de 2020, a poeta Moto Tai²¹ repete três vezes o refrão típico das combativas batalhas de rimas²²: “O que vocês querem ver? Sangue!”. Ela posiciona a câmera de forma a enquadrar seu corpo do quadril para cima, fugindo do enquadramento apenas do rosto como se convencionou durante a Quarentena Poética. De pé, ela segura o

²⁰ Poema transcrito a partir do Encontro Quarentena Poética ao vivo 07/06. A versão integral do poema está ao final dessa cena (capítulo). Link: <<https://www.instagram.com/tv/CBJTtlgJrqn/>>

²¹ <<https://www.instagram.com/p/CBG-ay3pGbv/>>

²² Importante destacar que o termo “poesia/poema de sangue” nas batalhas de rima apresenta uma roupagem completamente distinta. Nessa manifestação cultural, os poemas de sangue são o espaço da zoação, do esculacho, dos xingamentos, muitas vezes preconceituosos, endereçados ao adversário ou ao público. Já no slam, os poemas de sangue são de cunho político, com versos de denúncia, com a preocupação de oferecer segurança para os participantes LGBTQIAP+.

celular em uma das mãos a fim de ler seu poema enquanto mexe o corpo e a outra mão se expressa com movimentos e gestos. Simula, em sua própria casa, o corpo presente na roda de poesia na rua. Assim como Luiza Loroza, seu poema questiona o espetáculo da dor, a reação efusiva da plateia diante de versos trágicos que tratam do genocídio da população preta, dos estupros, dos racismos sofridos cotidianamente. É consenso na coletiva que quanto mais sangue, quanto mais dor, mais alta é a nota e maior a chance da poeta vencer o jogo. É consenso que “poema de amor não ganha batalha”, como me disse Tom Grito em um depoimento.

As performances são julgadas de modo subjetivo. Leva-se em conta o conteúdo dos versos, a expressão corporal dos poetas, a comunicação do artista com a plateia. Mas, de certa forma, leva a melhor nota a performance que mais emocionou, que tocou mais profundamente es jurades. E talvez as poesias mais trágicas levem vantagens nesse sentido, pois tem uma força, um impacto imediato. Não há como controlar. Individualmente, cada jurade reagirá de forma distinta e dará a nota de acordo com suas sensações.

Diante dessa questão, a coletiva reflete sobre o tema em suas discussões, pensa o seu próprio fazer poético e tematiza o sangrar, a desistência, a competição da dor e a decisão de falar sobre o amor nos seus versos seja na ‘Quarentena Poética’, seja nas batalhas de rua.

“Vocês acham mesmo jeito?/ Poeta sai do palco chorando, sangrando por dentro e vocês rindo, aplaudindo, gritando?” Esbraveja Moto Tai em seu poema.

“É mais um ato racista nos colocando no lugar de sofredores, amando as dores” ela diz. E completa: “Tô falando que é foda sangrar três minutos toda hora”. Ao final, expõe no próprio poema como a questão vinha sendo elaborada dentro da coletiva, revelando o cansaço diante da estratégia de jogo que reverencia o sofrimento. “A Dall Farra estava certa, vocês brindam com sangue e não se afetam”. E dita seu manifesto: “O chafariz da dor fechou, beba da minha escrita mais limpa não saciarei nessa poesia sua sede de dor”

Figura 7 - - Instagram – Quarentena poética dia #83 – Moto Tai



Por mais que, no Slam das Minas RJ, não se grite o refrão “O que vocês querem ver? Sangue!”, a plateia vibra com poemas que expõem esse sangrar, explica Moto Tai. “O quanto cada pessoa conseguiu desenvolver aqueles temas que foram muito doloridos, principalmente, para mulheres, mulheres pretas, mulheres trans”. Ao longo de um ano, ela se desafiou a competir só com poesias de amor “Eu tenho falado muitas poesias de amor. Eu tenho algumas guardadas. Eu também dou uma sofrida, eu sou uma pessoa romântica.” (Moto Tai, 04/22) Em um de seus poemas, Tai escreve: “Entre retalhos de cetim/ se entrega pra mim/ para que sejamos um carnaval sem fim/ hein, preta, diz que sim?”²³.

Carol Dall Farra conta que sentiu necessidade de compartilhar suas dores, colocar para fora as mazelas de uma infância cheia de privações quando começou a escrever e falar poemas no Slam. “Eu sou de uma família pobre periférica, não tive pai. Meu pai abandonou a minha mãe com seis filhos... Uma infância na escassez como a maioria das infâncias de crianças pretas.” Então, começa a escrever pautada na urgência de falar das dores.

Segundo ela, o slam se transformou em um espaço de ser ouvida com atenção. “Já que eu não fui ouvida a minha vida inteira, agora as pessoas me escutam, eu vou dizer tudo que eu tenho para dizer.” Por um lado, o jogo

²³ Poema transcrito a partir do vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kr8lWu66a34>>

proporciona o acolhimento dessas dores e isso é transformador, “ele te liberta de uma certa angústia”, diz Carol. Por outro, o slam fixa as participantes a performarem suas tragédias como estratégia de jogo. No intuito de ganhar a partida, é preciso cutucar a ferida aberta, revirar os traumas. “Ele te joga em um lugar da dor. Muitas vezes a gente não está preparada.”

Uma das performances mais conhecidas de Andrea Bak aborda a violência policial na cidade do Rio de Janeiro. Nela, a poeta, com o microfone em punho, emite com a boca o som de tiros, gira a cabeça de um lado para o outro. Encena uma metralhadora sem alvo certo “pow pow pow pow pow pow pow”.

“Conseguiu contar?
Nem Roberto de Souza
111 tiros para cinco adolescentes
Comparando isso ao intervalo dos minutos
Que marcam o genocídio
Do povo preto(...)
No país onde ser preto é crime
Rafael Braga sabe bem disso
ou quem sabe Amarildo que até hoje anda sumido
na sala de aula morre Maria Eduarda”
(Andrea Bak, 2018)²⁴

A poeta se refere a algumas das vítimas de ações truculentas e fatais da polícia militar do Rio de Janeiro que foram notícia na imprensa. Roberto de Souza voltava de um passeio com quatro amigos adolescentes com o objetivo de comemorar seu primeiro salário como jovem aprendiz. O carro onde estavam levou 111 tiros da polícia, matando todos os jovens. Os policiais responsáveis tentaram alterar a cena do crime a fim de criminalizá-los. Já Rafael Braga foi preso injustamente durante as manifestações de 2013. O ajudante de pedreiro Amarildo foi torturado, morto por policiais dentro de uma unidade de polícia na Rocinha. Seu cadáver foi ocultado pelos próprios policiais. E por fim, a menina Maria Eduarda, de 13 anos, que, durante uma aula de educação física na escola municipal de Acari, levou três tiros: um na cabeça, um na nuca e um nas costas.

“As poesias que dão mais engajamento com o público, de prestar atenção é quando a gente sangra. É poesia de dor”, reforça Andrea Bak cujas poesias sobre o tema foram escritas há cinco anos. “Eu não abro mão de recitar porque elas são

²⁴ Slam das Minas RJ nos Arcos da Lapa em 2018. Link: <<https://www.youtube.com/watch?v=aDTF11pahv8>>

sempre presentes. Infelizmente, são sempre atuais. Que no caso é sempre a mesma coisa quando a gente vai falar sobre o genocídio da população preta.” Ela revela que sua poética caminha na direção de explorar outros temas, principalmente o amor. “Antes da dor a gente é amor. Então eu tenho escrito sobre isso”.

Andrea Bak comenta que nunca mais batalhou. Apesar da sua atuação na coletiva, batalhou pouquíssimas vezes na vida. “Talvez três”, ela diz. Com o tempo, percebeu que o que mais importava era ouvir e ser ouvida, compartilhar seus poemas, trocar com outras poetisas. Como isso pode ser feito sem participar da competição, pois no slam sempre há poemas que podem ser ditos no microfone aberto ou na calibragem que ocorre minutos antes de o jogo começar. “Há um discurso que é reproduzido no slam de que as notas são apenas um pretexto para o encontro entre poetisas, para que a brincadeira aconteça. Eu realmente acredito nisso, mas, na verdade, o número importa sim”, diz Andrea Bak. (Andrea Bak, 07/22)

“Se você perguntar para qualquer poeta: Como é que foi para você quando você soube da história dos 80 tiros? Quando você soube da história dos 111 tiros? Quando você soube da Ágatha? Do João Pedro? De todas as crianças que morreram nesse período? Como você se sente? Como você sentiu? Todos vão te dizer de forma diferente que foi incômodo, que doeu, que foi doloroso, que sentiu medo”, explica Moto Tai.

O poema de dor é necessário sim segundo Rejane. “O slam precisa ser esse lugar autêntico, seguro e confortável para as pessoas narrarem, contarem suas histórias. O poema de dor, o poema de carnificina tem esse lugar legítimo porque a nossa realidade é essa” (Rejane Barcelos, 06/22). Em seguida, ela conta que o filho de uma amiga morreu recentemente vítima de uma chacina em Manguinhos. “E como vou passar imune a isso?”

Rejane reclama, entretanto, da expectativa do público de ouvir na batalha de slam sempre o mesmo tema – as poesias viscerais que reviram traumas, misérias e dores. “A nossa vida é também isso, mas não é só isso. O artista precisa se sentir confortável nos slams para falar das suas conquistas, afetos, orgasmos, até para falar das suas filosofias. Por que não? Por que eu não posso fazer uma poesia difusa? A do fulano de tal lá do sarau do Humaitá. Por que lá o beltrano de tal neto do escritor fulano de tal as pessoas pagam 100 reais para ouvir a poesia dele sobre o céu azul e no slam minha poesia ganha zero? É isso que eu sou contra”.

O livro “The Cultural Politics of slam: race, identity, and performance of popular verse in America”²⁵ de Susan B. A. Somers-Willett, doutora em Literatura Americana na Universidade do Texas e também participante da cena nos Estados Unidos, propõe uma discussão sobre como os poemas-identidades são celebrados pela audiência, em sua maioria composta por pessoas brancas e de classe média, das batalhas poéticas no seu país. Ela analisa sobretudo as competições das décadas de 1990 e 2000. A pesquisadora define poema-identidade como testemunhos em versos performados por poetas das bordas, isto é, que têm ascendência asiática, latina, indígena, afro-americana e poetas queers que tematizam questões relacionadas a suas vivências singulares na sociedade estadunidense.

Diferente do que ocorre nos versos lidos na página de um livro, aqueles ouvidos e vistos no slam traz o corpo de quem escreve presente na arena ou sua imagem na tela como é o caso da “Quarentena Poética”. Na performance, o corpo da poeta, em evidência, chega antes de suas palavras: as características físicas, o tom da pele, textura e comprimento do cabelo, traços fenotípicos, além da voz desde o timbre, musicalidade e sotaque. No slam, corpo e voz não escapam da leitura da plateia, o que está sendo dito parte de um indivíduo diante da mirada do público.

Por um lado, segundo Sommer-Willett, há uma “suspensão da cultura dominante”, em que se cria um ambiente propício de afirmação e empoderamento da identidade não-branca, da margem, do gueto, especialmente, de poetas afro-americanes. As batalhas provocam uma inundação de poemas de resistência. Por outro, no jogo, es jurades, predominante brancos, premiam com notas mais altas os versos segundo seu valor de autenticidade em confluência com corpo, voz e palavra. Avaliam, portanto, a competência de poeta de jogar com suas ferramentas performáticas privilegiando poemas que tratam de suas identidades marginalizadas.

Segundo a pesquisadora, isso ocorre com a finalidade de reafirmar suas posturas progressistas e antirracistas: “Essas audiências podem estar comparando as performances de identidade racial marginalizada com o que é autêntico tendo como pressuposto que algo tão diferente de outro em relação à existência branca e de classe média é despojado desejável e mais real ou genuíno” (SOMERS-WILLETT, 2022, p. 273).

²⁵ Livro referência nos estudos da cena de slam nos Estados Unidos. No Brasil, teve o terceiro capítulo traduzido pelas slammers e pesquisadoras Luiza Sousa Romão e Midria da Silva Pereira no dossiê sobre Slam na Revista Terceira Margem, da Universidade Federal do rio de Janeiro. As tradutoras adotaram a linguagem neutra, que procuro seguir de forma mais evidente neste trecho.

Assim, Sommers-Willett problematiza como os espaços do Slam acabam por reforçar e essencializar as identidades, tanto da plateia como dos poetas. Os poetas, entendendo o que mobiliza os jurados, direcionam a criatividade de sua escrita e performance a fim de alcançar a vitória. Já a plateia e os jurados premiam poemas-identidades como forma de suavizar a “culpa branca”.

Ao contrário do que Sommers-Willett expõe sobre o contexto estadunidense, a audiência branca não tem essa relevância numérica no Brasil. De fato, o slam não é um espaço de pessoas brancas que querem ver artistas negros. Minha vivência como plateia e como jurada não se deu entre iguais, mas, na maioria das vezes, como alguém de fora. Isso não impede, no entanto, que haja cada vez mais a presença de pessoas brancas e de classe média na plateia, sobretudo quando a coletiva ocupa espaços localizados nas áreas mais nobres da cidade como o Parque Lage e Largo do Machado, ambos na Zona Sul.

No entanto, mesmo com as singularidades de cada país, o debate de Sommers-Willett é importante, especialmente, para esta pesquisa em que a autoria é de uma mulher branca e de classe média que, ao longo de cinco anos, se debruça sobre uma coletiva de poesia em que predomina mulheres pretas e, em sua maioria, de periferia.

Sou a que observa, a que escuta, partindo de um outro lugar. Minha imagem não está refletida na escrita-espelho de mulheres negras da diáspora, nem mesmo de pessoas queers e desobedientes de gênero, que também são acolhidas nessa experiência de uma escrita que, ao falar de si, abraça uma coletividade. Não me vejo ali, mas a trajetória de estar presente me devolve uma imagem sobre mim e minha trajetória.

Com isso, não se trata, acredito, de refutar ou concordar com tal argumento – a busca de validação de uma postura progressista e antirracista enquanto plateia branca. Prefiro abraçar o desconforto a fim de ouvir e elaborar no corpo tais questões. Seguir em um trabalho de apuração e depuração do olhar e da escuta.

No intuito de aprofundar um pouco mais o debate, coloco mais duas questões. Não assistir ao slam, por achar que esse movimento não me representa, seria uma saída? E outra, conferir à audiência branca tal importância não seria subestimar a potência de tal evento e seus artistas?

O slam é um espaço contracultural autônomo que prescinde da validação da branquitude. Emerge como uma experiência estética única onde há debate político,

experimentação poética e formação de artistas da palavra, que não só escrevem como também expressam a palavra no corpo. E, mais, a brincadeira da competição, que acaba transformando a plateia em torcida, traz um calor único para a fruição da performance poética.

Mas por que a prevalência de poemas que se autoproclamam de forma dolorosa ou a insistência em tematizar a política de segurança pública que vitimiza, principalmente, a população preta no país? O debate como alerta para as poetisas é de extrema importância na medida em que elas criam e conduzem a cena. Apontam a direção.

Portanto, se, nos Estados Unidos, Sommers-Willett problematiza o poema-identidade, no cenário brasileiro, confrontamos tal debate com as inquietações das próprias poetisas acerca da poesia que sangra. Os poemas de sangue abarcam uma autoproclamação de vivências dolorosas em função de identidade de gênero, raça e classe, mesmo que os próprios versos tragam pontos de saída e apontem soluções e resistências. Tratam, por exemplo, de traumas de infância por causa do cabelo crespo ou cor da pele, gravidez na adolescência, abusos, histórias que recontam a exploração do sistema escravocrata, xingamentos homofóbicos ou transfóbicos, entre outros temas.

Dentro desse conceito de poemas de sangue, cabem, sobretudo, versos que tematizam a violência policial institucionalizada nas cidades brasileiras, que suspende o estado democrático de direito com execuções de adultos, adolescentes e crianças, em sua maioria, negros e moradores de regiões periféricas. Tudo isso revela poetisas dispostas a expor, nas performances poéticas, vivências traumáticas que lhe atravessam e de olhos bem abertos para as questões sociais do seu entorno.

Segundo Tom Grito, “essa coisa do amor e dor começa lá na Tatiana Nascimento. Ela começa a ver o slam como um monstro que ela criou. Como se o slam não desse conta de acolher o afeto que ela gostaria que acolhesse”. Ele entrega uma espécie de mapa para eu perseguir as pistas e pensar sobre as tensões entre dor e amor no slam.

No primeiro ano de existência do Slam das Minas, a pensadora e poeta Tatiana Nascimento já questionava sobre a validade de reencenar na performance poética as dores do cotidiano. Quando ocorreu um caso de assédio em um sarau de São Paulo, o assediador publicou um poema como pedido de desculpas nas redes sociais. As minas se organizaram com a hashtag #naopoetizeseumachismo, havia

um clima de revolta com o que estava acontecendo. Um combate que tomou as redes sociais.

Além disso, Nascimento criticava a performance e a competição serem valorizadas, quando seu intuito era proporcionar um espaço de convivência, acolhimento e produção para mulheres e lésbicas.

No seu livro “Cuírlobismo literário”, Tatiana Nascimento esmiuça a questão acerca da poesia negra brasileira expor em seus versos as feridas da colonialidade. Ela imagina que cerca de 70% das poesias performadas no slam, saraus, até mesmo nas redes sociais e livros independentes tragam essa marca das poesias que narram traumas do racismo, definido pela mesma como “máquina de morte, desumanização, silenciamento, interrupção de conjunto organizados no tempo-espaço de políticas de extermínio físicas, psíquicas, epistêmicas, religiosas, culturais”. (NASCIMENTO, 2019, p. 23)

Para ela, é compreensível que apareça a denúncia da ferida do racismo brasileiro na literatura como denúncia. A inteligibilidade é imediata, para quem compartilha as mesmas dores, além de conferir reconhecimento e legitimidade. No entanto, há que se questionar esse modo inerente de se expressar poeticamente, sempre com a marca do punho cerrado, do heroísmo, da revolta. “Como curar esse grande machucado íntimo, coletivo, antigo, renitente?” (NASCIMENTO, 2019, p. 18), Tatiana pergunta. E sua principal proposição: o direito ao devaneio.

Luiza Loroza²⁶ explica que esse poema “Quem é que limpa o sangue?” foi um texto de desistência dessa competição de dor. Ela se questionava por que os textos com “sangue exposto” eram os que mais faziam a plateia vibrar e tinham mais chance de vencer. Afinal, o que o público deseja ouvir? Loroza desistiu “de colocar o nosso sangue na rua, na roda, na live, no palco, e não ter ninguém para nos amparar”. Não queria mais competir com esse tom trágico.

É inegável a importância de ter esse espaço para falar das dores. Funciona como ambiente de escuta entre pessoas que se reconhecem. Em muitos momentos há uma ação curativa em curso. Falar de um abuso sofrido que até então era um segredo. Colocar em linguagem os preconceitos que antes eram sentidos com uma

²⁶ Entrevista conduzida por mim e Stéfane Souto na abertura do Seminário online *Preto no Branco – exercícios de letramento racial* como trabalho final da disciplina: “Inscrições da racialidade nas artes e no pensamento social: exercícios de letramento racial”, ministrada por Eneida Leal Cunha (PUC-Rio), Júlio Tavares (UFF) e Felipe Machado (CEFET/ PUC-Rio), no Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

espécie de névoa. Denunciar e expor em versos com a própria voz as agruras da vida. Mas quando a competição caminha para premiar quem consegue espremer mais sangue, mais dor, os participantes não se privam de indagar se não há outras maneiras de explorar esse espaço de batalha poética. “Em que medida vale a pena lembrar essa memória de dor? Esse questionamento é importante”, diz Tom Grito.

“Eu acho muito importante como ação política também expor nossas dores. Mas eu também quero falar de flor. Sabe? Eu quero gritar novos imaginários, novas subjetividades...”, completa Luiza. “Foi um ato político para mim. Uma decisão: eu preciso criar para mim e para as minhas iguais novos imaginários...”

O poema de Luiza Loroza “Quem é que limpa o sangue?”, performado de forma inédita e ainda em processo de escritura, no encontro mediado por Andrea Bak, foi vice-campeão do Slam Cuír, da Flup (Festa Literária das Periferias) em 2020. Segundo Tom Grito, o primeiro lugar, o poema que venceu, tinha um tom violento e isso acendeu um alerta para ele. “Opa! Poema de amor não ganha batalha. Incita multidão, as pessoas querem revolução movimentação, ação. Vi muitos poetas desistirem por isso. Acho que em termos de produção tem lugar para tudo. Tem hora que você precisa mesmo falar da dor. Mas de alguma forma surge efeito em termos de revolução literária.”

“Eu acho que é questão de tempo. O slam é muito novo muito recente aqui. É tempo de falar das dores. Eu entendo isso, eu entendo esse processo. Mas entendo também que a gente precisa caminhar para uma sutura, uma sutura dessas feridas. Eu percebo já esse movimento de sutura em alguns poetas que eu escuto. Eu já vejo que não falam tanto de sangue. Estão falando mais de cura do que no começo. É um movimento fluido. Até que um dia vamos falar mais sobre amor, sobre saúde mental, temas mais leves”, Gênesis diz (Gênesis, 06/20).

Na tentativa de ouvir melhor resolvo organizar os poemas da Quarentena Poética em uma grande planilha. No dia 9 de maio, Rejane Barcelos traz um poema que trata da maternidade em meio à violência do estado: “Mães loucas não sabem ensinar seus filhos a serem produtivos”. Lian Tai, no dia 21 de março, traz um poema cheio de esperança pós-pandemia: “A gente vai se abraçar de novo/ Sem medo/ Sem máscara”. Luiza Loroza traz versos sobre insônia, no dia 6 de maio, “Vocês sabiam que as baratas podem viver vários dias sem a cabeça?/ Ah! Eu queria ser barata”. Em 22 de março, Gênesis diz “cantaremos o fim e o cumprimento das leis cósmicas”.

Volto a cada um desses 88 poemas publicados entre 16 de março e 11 de junho de 2020. Há muitos rostos, muitos são os sotaques. Milhares de versos. É fato que muitos deles pensam sobre a pandemia no país, outros sobre a violência nas comunidades brasileiras, sobre racismo, a política, o amor, o tesão. Muitos escapam.

“Dentro de mim mora um oceano, um profundo e misterioso mar” diz Josi de Paula em 22 de maio. “Cafuné cheiro de almoço ficando pronto/ eu gosto da comida de todas as avós do mundo”, Piê poeta em 29 de março. “Era um tal de palavra não dita, garganta inflamada, o amor encruado em cistos no ovário” é um dos versos de 11 de abril, performado por Gênesis. “A palavra é par/ É multidão” diz Tom Grito em 9 de abril. “Joga sua rede, a Voz/ E arrastadas na trama atarrafada, / vem canções/ vem refrões/ dentes de banguelos tubarões segredos de família, certidões” é o trecho de 28 de maio performado pela fundadora do slam no Brasil Roberta Estrela D’Alva.

Volto para cada link, ouço, escuto, anoto versos na tentativa de capturá-los, jogo a minha rede e o que vem? O que pesco? Preciso ouvir melhor os versos que escapam. Treinar o ouvido para não me fixar na expectativa. “A palavra é par é multidão” diz Tom Grito. Busco os versos que não encontram classificação, que seguem a poeira das estrelas, o fundo do mar, os temperos das avós, cósmicas combinações de letras. Encontro o escape do sangue, da violência, das balas perdidas, o cuírlombismo literário de Tatiana Nascimento.

“desculpa, minha meta tá fora/
do que você procura/
não vou embelezar a dor/
não vou embelezar a dor/
não vou”,

(Luz Ribeiro, Quarentena Poética, 30 de abril).

Poemas

Poema de Moto Tai na Quarentena Poética 6 de junho de 2020²⁷

O que vocês querem ver? Sangue!
 O que vocês querem ver? Sangue!
 Estamos condicionados, direcionados a falar sobre as dores.
 Enumeradas e aplaudida pelos jurados, pelo público ou pela pessoa que te contratou.
 Engana-se quem acha que estou reclamando do sistema das notas, tô falando que é foda, sangrar três minutos toda hora.
 Vocês devem estar de sacanagem?! Porra, eu nem me via em nada, até acreditar que somos a movimentação, ação dessa geração. Preparando, adubando o terreno para verdadeira reparação.
 Existir e não resistir esse vai ser o tema.
 E como seremos a porra da revolução?
 Se a divisão está errada até no local que deveria ser plural?
 Tá fingindo que não tá vendo? Por que será que ninguém fala nada? É mais um ato racista nos colocando no lugar de sofrendores, amando as dores, sendo amadores quando a visão seria amar em qualquer lugar, lembrando sempre beije sua Preta em praça pública que um dia o patriarcado cai.
 Eu pego é ranço, num slam só com mulher 9.9 quando ela se atreveu a falar do pulsar e não do racismo estrutural que vocês vêm ajudando a perpetuar
 Eu não vou ser hipócrita eu também quero ganhar, chegar em Sampa e discutir com poetas se é biscoito ou bolacha. Conhecer as minas do Slam das Minas de outro estado. Falar que o Jazz é foda, a Luz Ribeiro. E que é maluquice nós entrarmos de medir sentimentos com nota?
 Vocês devem estar ouvindo essa poesia e se perguntando se alguém me obrigou? Não, ninguém obrigou.
 Devem estar pensando: “não quer, vai embora. Deixa para quem tem mais sangue para botar na mesa rechear a roda com tristeza”.
 Se engana, somos um bando de fudidos, mascarado, escondendo os textos mais limpos. Deixando o que é sujo exposto, posto à mesa feito carniça para urubu devorar.
 O chafariz da dor fechou, beba da minha escrita mais limpa não saciarei nessa poesia sua sede de dor
 Vocês acham mesmo maneira poeta sai do palco chorando, sangrando por dentro e vocês rindo, aplaudindo, gritando?
 O que vocês querem ver? Sangue!
 Enche o copo, brinda! Deixa até derramar, até te saciar.
 Até quando todos os poetas aguentarem e foda-se se um se suicidar!
 Continuem a brindar! A Dall Farra estava certa, vocês brindam com sangue e não se afetam.
 No dia em que uma poesia de amor ganhar eu estarei recebendo bolsa de sangue em algum lugar e aí não adianta chorar, perguntar, repensar. Morri laudo hemorragia externa interna
 Tanto faz, aqui jaz, pois a palavra não salva
 insiste em me matar

²⁷ Vídeo # 83 da Quarentena Poética - <https://www.instagram.com/p/CBG-ay3pGbv/> (Moto Tai)

Poema de Luiza Loroza recitado em encontro ao vivo

Quem é que limpa o sangue?
que vocês gostam de ver na tela, na roda, nos palcos
quem limpa?
É a lágrima, é a lágrima que limpa?
mas se é o sal da lágrima que conserva a dor
eu é que não vou chorar mais
não vou
Foi aí que o meu dentro corroeu
porque o sal da lágrima também corrói
aqui ó
a pele do meu rosto
tá vendo?
a mão tá calejada de tanto esfregar
sangue pisado nesse chão de terra batido
sangue que cês jogaram aqui
acham que eu é que vou usar
esse meu sangue para fazer obra de arte
que vocês vão colocar no museu
esse mesmo do alto escalão europeu
tal qual fizeram com as obras do Kemet
eu serei o futuro Tutancâmon?
coitado nem soube que a história o embranqueceu
E tu que nem conheceu a terra dos homens pretos
esse homem que é Deus
Eu não escrevo versos para servir de mola
para o motor de soco que vocês dizem que eu dou
eu sei que a minha arte ela normalmente grita sangue
grita lágrima, mas eu quero falar de flor pô
porque se branco faz um risco no papel
pode ganhar até prêmio Nobel,
mas para preto aparecer tem que merecer
mostrar as tripas e quase fenecer
para quem sabe um dia talvez
a algum branco comover
Eu consegui?
Pouco importa
Pois se é pela ira que eu me transformo
e entre os meus iguais é que se faz a cura
Sankofa é o apontamento para o futuro
como um estilingue que precisa recuar
para poder atacar
eu estou em ponto de ataque
eu estou hiper tensionada
é pedra ferro flecha e fogo
os quatro elementos existem através de nós
eu sou porque nós somos a pólvora do mundo

o nosso futuro se anuncia
num passado mais remoto
a nossa tecnologia é ancestral
a gente atravessou o tempo
o nosso pé chegou até aqui
pois num impulso foi dado lá de trás
nós somos o resultado da resistência ancestral
Ngola Djanga é a reconstrução do nosso povo
Ngola Djanga é a nossa sociedade organizada
que esteja sob nossos poderes
tudo que construímos
toda laje que batemos seja nossa
todo minério que extraímos seja nosso
todo o lucro econômico que fomos base
na Colônia e na pós colônia seja nosso
o saber que inventamos a milhares e milhares de anos seja nosso
pelo renascimento cultural e político do nosso povo
como já dizia o honorável Marcus Garvey
de pé raça poderosa²⁸

²⁸ Poema Transcrito a partir do Encontro Quarentena Poética ao vivo 07/06/20 link
<<https://www.instagram.com/tv/CBJTtlgJrqn/>>

o coração da preta que fez meu coração batucar²⁹/ que o

amor é loteria e ela não foi

sorteada/ A santíssima trindade parlamentar **boi, bala e**

bíblia / a negra **trans** é o poder / vocês

sorriem e se beijam enquanto o menino árvore bate

palmas/ Mais do que viciada, eu sou **apaixonada/**

não **pode ser** presidente/ **amor líquido**

que goteja a cada instante/ Meu **miocárdio** é

feito de manteiga / Vai falar com Deus e os **Orixás**

/ fulana, vem sambar **no mar!**

²⁹ Autoria dos versos em ordem: Moto Tai/ Rejane Barcelos/ Tom Grito / Valentine / Tom Grito/ Valentine /Luiza Romão/ Andrea Bak/ Piê Poeta/ Jazz Poesia/ Kika Sena.

Notas da rua 3

Estou sentada no alto do morro da Babilônia, no Leme, Zona Sul do Rio de Janeiro. É novembro de 2021. Encolho-me em um dos degraus da escada, de onde posso ver o evento de cima. Algumas pessoas se enfileiram naqueles degraus junto comigo. A escada é um dos acessos para as casas da comunidade. Ainda usamos máscara cirúrgica com receio da pandemia da Covid-19. O desconforto da respiração abafada contrasta com a música alegre que toma o pequeno largo onde acontece o evento. As pessoas bebem cerveja, conversam e se abraçam forte. Vejo um boteco com o escudo do Botafogo pintado na parede, as mesinhas ao redor. No centro, uma kombi, toda grafitada com as cores do arco-íris, está estacionada e algumas integrantes do Slam das Minas RJ resolvem questões de produção, anotam o nome das poetas que vão participar logo mais.

Essa será a primeira batalha presencial do Slam das Minas RJ após um ano e seis meses de quarentena. O país contabiliza mais de 600 mil mortos na maior crise sanitária da história.

Rejane Barcelos, a Rainha do Verso, se aproxima de mim. Seus olhos estão pintados e ela usa cílios postiços. Elogio sua maquiagem, digo que estou muito contente de estar ali, das batalhas terem voltado. Ela apoia seu tabuleiro de balas no joelho e pergunta se eu não quero batalhar. “Abre o seu caderninho e lê um poema para a gente”. O pedido é completamente inesperado e lisonjeiro. Eu batalhar? Até então eu era a pesquisadora de olhar branco inconveniente. Peço desculpas. Não estou preparada, mas aceito o desafio para o próximo evento.

Desço para cumprimentar Tom Grito, o mestre de cerimônia do coletivo poético. É ele que, com microfone em punho, dá boa noite aos presentes, explica como acontece a competição de poemas, organiza a ordem das performances e da apresentação dos convidados. Ele me chama para ser jurada. “Como é que você vai escrever sobre o Slam das Minas RJ sem ser jurada? Sem competir? Sua pesquisa vai ficar incompleta”, ele me diz. Titubeio, mas aceito.

Presto atenção em cada palavra, em cada movimento das participantes. Somos cinco juradas. Teremos que dar as notas com as mãos, esgarçando os dedos. É diferente de antes da pandemia quando havia placas coloridas, feitas em papel cartão, com números combinados. O caderninho da pesquisa vai para dentro da bolsa e quase fico vesga de tanta tensão. As notas variam entre 9.2 e 10. No meio

da competição duas mulheres trans surgem para competir. Uma delas eu conheço de outros eventos, é Valentine. A outra se chama Bianca. Ela chega de calça jeans justa e uma meia arrastão preta que desenha pequenos quadradinhos na sua barriga. Balança os cabelos loiros e lisos e canta no microfone: “Ô abre alas que eu sou travesti.” Puxa o coro e todos começam a cantar junto e dançar. Eu inclusive. “Ô abre alas que eu sou travesti.” Valentine é vencedora com versos falando das loucuras que faz na cama com o seu deus do ébano. “O meu nome é Valentine, jamais Valentina. Se quiserem me encontrar, vão me achar no slam, nunca numa esquina”.

Antes de ir embora, procuro um poema guardado de forma desorganizada nos meus arquivos do celular. Lembro de ter enviado para minha amiga do doutorado, a Ciça Brandi. Peço para me apresentar no microfone aberto. Tom Grito me apresenta ao público, diz que sou pesquisadora, que faço doutorado em Literatura na PUC-Rio – não é chique, gente? - ele diz e pede para eu contar sobre a minha pesquisa antes do poema. Minhas mãos tremem, o círculo de pessoas aparece completamente borrado aos meus olhos míopes. Gaguejo um pouco e falo sobre o impacto que tive ao conhecer o coletivo, ao ver pela primeira vez a competição final no Museu de Arte do Rio em 2018. Vou falar um poema, eu escrevi para a minha irmã.

Cena 3: O amor erótico dos desobedientes de gênero nas batalhas do Slam das Minas RJ.

No primeiro evento do Slam das Minas RJ após a pandemia, no dia 19 de março de 2022, no Largo do Machado, Valentine é a poeta campeã. Ela mesma uma mulher trans, Valentine performa um poema que narra uma relação erótica entre um homem trans e uma travesti. A partir desse episódio, o capítulo traz um breve histórico da participação de poetas trans no movimento e coloca como questão central: O que está em jogo quando poetas trans e não-binários performam seus poemas nas ruas? Neste capítulo, apresento também poemas de Moto Tai e performances de Tom Grito, em diálogo com os pensamentos de Paul Preciado, Adriana Azevedo e Judith Butler.

“O Slam das Minas retorna às ruas para as suas atividades político poéticas. Vamos nos reunir no dia 19 de março no Largo do Machado, ou no Largo das Minas, onde em 2017 tudo começou.

Há quatro anos uma violência brutal marcou nossas vidas e queremos voltar pras ruas clamando justiça por Marielle e pensando quais futuros ainda precisamos construir.

O fundamentalismo impõe barreiras aos direitos humanos em toda a Abya Yala. Entendemos que os feminismos são um dos principais impedimentos ao avanço dos fundamentalismos.

Convidamos você a participar de uma roda de conversa sobre quebrar “quebrar muros para sonhar futuros”. A proposta é que nessa roda de conversa estejam mulheres representativas da luta e legado de Marielle. Estamos convidando: Mônica Benício, Camila Marins, Monica Francisco, Renata Souza e Tainá de Paula.”³⁰

Logo o evento se desmanchará de gente, de música. A roda vai se desfazer e os materiais cênicos serão recolhidos. Cada participante – poeta ou plateia - pegará seu metrô, ônibus, uber, taxi de volta para casa ou seguirá para aproveitar seu sábado à noite. A praça retomará seu ritmo habitual. É como se no espaço público o slam não deixasse marcas, nenhuma pegada do que ocorreu no Largo do Machado, no dia 19 de março de 2022, primeiro evento do Slam das Minas RJ pós-pandemia de Covid-19.

No caderno de pesquisa e na tela do computador, há, no entanto, rastros materiais do que foi. Registros como pequenos vídeos, fotos, frases soltas, partes de poemas. Na ânsia de não deixar o evento escapar, registrei alguns momentos, selecionando impressões na velocidade possível do olhar, da escuta e das mãos que anotam, filmam e muitas vezes relaxam na intenção de estar apenas presente. Enquanto escrevo este texto, a memória também me traz pequenos flashes, uma materialidade inexata do que vivi em roda, pescando versos, expressões, aplausos, sensações.

³⁰<<https://www.instagram.com/p/CfbQUjXcpccc/>> (Texto do anúncio do evento em rede social)

Tom Grito em pé, com microfone em mãos, diante do público agradece a participação da poeta Valentine, vencedora da batalha que acabara de acontecer, por trazer temas tão importantes para os desobedientes de gênero.

“Diariamente as pessoas transmasculines são questionadas de sua masculinidade pela não existência de um falo. Então, por mais que seja na brincadeira, no funk. É muito político e muito importante isso que Valentine está trazendo porque essa semana foi muito difícil para as pessoas transmasculines. Te agradeço muito, sabe? Porque é muito importante a gente se apoiar, a gente ter rede de afeto e a gente não duvidar da nossa identidade de gênero por conta de questões de outras pessoas, por conta de duvidarem dos nossos corpos. Então agradeço a esse bando de boyceta que tá aqui também, uma salva de palma para todos os meus amigos homens trans”. (Tom Grito, 19/03/2022)

Este é o último vídeo que gravei antes do evento acabar. São apenas 53 segundos das mais de três horas. Volto aos vídeos postados nas redes sociais da coletiva. Recorto e colo, encaixo e desencaixo peças de um quebra-cabeça. Como contar? O que ocorreu nesse evento que insisto em registrar em texto?

“Seja subversivo, apoie o comércio informal”, anuncia ao microfone Rejane, a Rainha do Verso. Com seu imenso baleiro de madeira pendurado no pescoço, ela desfila entre o público oferecendo tabaco, pirulitos, balas e amendoim. É a tabacaria da Rainha. Em cima de uma mesa, uma lojinha improvisada exhibe livros feitos artesanalmente com poemas da coletiva e de poetisas convidadas, além de canecas e bolsas de tecido. A árvore da praça serve de suporte para pendurar cabides com as camisetas onde se lê: “Sagrado mesmo é o feminismo”, “Seja você o seu padrão de beleza”, “Contra a necropolítica imunização poética”, “Vai ter mais preto na universidade do que na delegacia”.

Um isopor gela as bebidas, provavelmente, conseguidas com apoio de alguma cervejaria. O chapéu circula para arrecadação de dinheiro. A produção e organização do evento é paga com as vendas de produtos e a colaboração voluntária do público. A esta altura a DJ Bieta já comanda o som preenchendo o espaço urbano com música.

O público chega aos poucos ao Largo do Machado. As pessoas vão se acomodando em pé, sentadas em cangas coloridas, muitas se sentam nas pedras portuguesas, em cadeiras de praia ou no banco de cimento que se estende perto dos quiosques de flores, entre o colégio Amaro Cavalcanti e a estação de metrô do Largo

do Machado. Algumas ainda vestem máscara no rosto para se proteger do coronavírus. A montagem do evento acontece diante do olhar curioso dessa plateia: o som, a disposição cuidadosa dos produtos da lojinha e a arrumação de algum recurso cênico – uma grande bandeira preta onde se lê “Marielle Presente”, uma bandeira do arco-íris, símbolo da luta LGBTQIAP+. Assim, o espaço urbano vai, aos poucos, sendo vestido de gente, de som e de cenário. Isto é, ganhando a atmosfera do slam.

É no início da noite que a festa começa. Mas a de hoje não será como as outras. Esta é a primeira batalha do Slam das Minas RJ, no Largo do Machado, após o advento da pandemia de Covid-19. Carregamos nos ombros 660 mil mortos, três anos de um governo de extrema direita que brada contra as medidas protetivas – contra o uso de máscaras e o isolamento social.

Antes da batalha poética, haverá a tradicional roda de conversa - cujo tema é sempre previamente divulgado nas redes sociais com os nomes das convidadas. Ancestralidade, combate à gordofobia, arte e política são alguns temas que já foram discutidos e eu pude participar. Hoje, a roda é em homenagem à vereadora carioca Marielle Franco, executada em 2018, em um dos crimes políticos mais macabros da história recente do país.

Lésbica e defensora dos direitos humanos, Marielle era relatora da comissão que fiscalizava a intervenção federal militar no Rio de Janeiro, denunciava a violência policial dentro das comunidades. Na câmara municipal, defendia também pautas em prol das mulheres e dissidentes de gêneros. Havia, portanto, uma forte identificação do Slam das Minas RJ com a vereadora, que era, de certa forma, a voz política da coletiva dentro do órgão municipal.

Foi a sua morte trágica que modificou o formato da batalha do slam. Depois de seu assassinato, a coletiva decidiu implementar a roda de conversa antes do jogo, pois era preciso falar e ouvir sobre o que estava acontecendo, entender, expurgar o que aquela execução significava para o movimento. “A gente achava que iam sair atirando em todo mundo”, revela Tom Grito.

O primeiro debate, seis meses após a morte da vereadora, aconteceu na etapa final de 2018. O tema: “Como o slam consegue colocar as mulheres pretas para falarem na rua sem que elas corram o risco de serem mortas?”. Desde então, sempre há um bate-papo nos eventos do Slam das Minas RJ.

Tom Grito explica que a roda de conversa é essa etapa inicial de estudo, de se pensar o espaço coletivamente, uma preparação para que a brincadeira, para que o jogo aconteça, um momento de reflexão e debate sobre temas que atravessam as pessoas que fazem parte do slam como poetas ou público. “É um formato meio igreja, em que há uma egrégora reunida, primeiro se pensa coletivamente a forma de ocupar o espaço a fim de que o público se sinta acolhido”.

Evento após evento, até a pandemia acontecer, o Slam das Minas sempre seguiu esse mesmo roteiro: primeiro a roda de conversa, depois a batalha e música antes, durante e depois. Onde quer que ele se realizasse, fosse na Cinelândia, no Largo do Machado, na Praça da Harmonia, no Morro da Babilônia, ou qualquer espaço cultural, o evento tinha esse formato.

Hoje é Andrea Bak quem media o debate. Cada uma das convidadas faz um discurso. No caderninho da pesquisa encontro algumas anotações. Renata Souza, deputada estadual: “Todos os nossos sonhos são tarefas. A felicidade é uma tarefa coletiva. Precisamos amar sem medo”. A vereadora Tainá de Paula diz que o ano de 2022 é um ano de reconstrução. “Até a nossa bandeira foi sequestrada. O nosso projeto de país foi sequestrado”.

“Cria do Borel, mãe e avó de menino preto, empregada, pastora, cientista social, militante”: a deputada estadual Mônica Francisco marca seus atravessamentos antes de iniciar o seu discurso. Ela ressalta a importância de mulheres pretas ocuparem o parlamento como forma de combater a necropolítica brasileira. Disputar orçamento para políticas que beneficiem mulheres e jovens.

Na tela do computador, também encontro o registro do evento divulgado nas redes sociais. Tainá de Paula: “Vocês são parte do país que passou uma das cenas mais terríveis da crise da Covid 19. Foram 660 mil pessoas executadas pelo fascismo brasileiro”. Renata Souza: “É neste estado do Rio de Janeiro que morreram 70 mil pessoas.... É esse lugar aqui que gerou o bolsonarismo”. Mônica Benício, viúva de Marielle e eleita vereadora em 2020, “Onde Marielles floresçam e não sejam assassinadas. Onde a população LGBT possa amar sem medo”. É dela a imagem mais marcante do evento. Com o braço direito levantado e o punho cerrado, ela grita “**MARIELLE**”, o público responde “**JUSTIÇA**”. E assim três vezes.

Andrea Bak revela como a violência policial afetou sua própria vida ao perder seu melhor amigo aos 16 anos de idade. Ele se chamava Brendon de Lima

e foi executado com um tiro do bope. Ela fala dos sonhos de um menino que gostava de andar de skate e cantar rap. Ele queria ser astronauta e médico. Em um dado momento, Bak entoa um canto e pede para o público cantar junto: “Oh ooo Eu peço paz Oh ooo Cativoiro nunca mais”

O clima é de eleição, já que em sete meses o povo irá às urnas escolher o novo presidente, governador, deputados estaduais e federais e senadores. Há uma mistura amarga de esperança e medo. Como seguir caso o governo de Jair Bolsonaro persista mais quatro anos no poder? Temos chance de eleger um outro candidato?

Slam sem batalha?

Neste dia, no entanto, no primeiro evento pós-pandemia no Largo do Machado, em março de 2022, quando mais uma vez nos relembramos a execução da vereadora Marielle Franco, ninguém quer jogar. Ninguém quer competir, brincar. As pessoas querem falar seus poemas, mas não querem ser avaliadas, receber notas pelos seus versos. Elas pedem para entrar na fila do microfone aberto, uma modalidade que se assemelha a um sarau. Resistem, porém, a receber notas pelos seus versos. Rejeitam a torcida e a competição. Recuam no jogo do slam.

“Hoje não vai ter batalha”, anuncia Tom Grito com a prancheta na mão. Ele lamenta esse momento triste pós-pandemia e que, de certa forma, o slam possa enfatizar a competição em detrimento da brincadeira. “O jogo é legal, gente, é um espaço aberto, seguro para mulheres e pessoas trans falarem da sua vivência”, diz. Em seguida, a Rainha do Verso toma a palavra para explicar as regras – participantes devem performar poemas autorais de até três minutos. Irreverente, ela reforça que vale falar de xoxota. “Chifre? Por favor”. Diz que vizinho gato também está valendo. E finaliza reforçando que o slam é uma revolução artística para poetas e poetas mostrarem a sua arte.

Quando entrevistei Gênesis alguns meses depois sobre aquele acontecimento ela revelou que ficou bastante preocupada: “Será que a gente está fazendo alguma coisa errada que as pessoas não estão se sentindo acolhidas para batalhar? Ou será que é só um momento mesmo?”. Depois trouxe a sua própria experiência. Para ela, a poesia era o seu norte, o seu guia. Quando começou a escrever para o slam, vieram as comparações, os julgamentos. Havia o desejo de chegar na etapa estadual, competir no mundial. “Que palavra é essa que chega no

Mundial?”, era a questão. Tentava ler o movimento da cena, e criar a partir do que via. “Enquanto poeta, eu acabei me perdendo nisso”.

Andrea Bak só batalhou três vezes. Depois enjoou, não sabia me dizer ao certo se foi por causa das avaliações, das notas e dos jurados. “... a gente brinca falando que os números existem só pra gente poder linkar de fato quem é primeiro, segundo, terceiro e tal. O que importa é você colocar pra fora ali através da poesia. Eu realmente acredito nisso, mas na verdade o número importa sim”. Seu objetivo era “trocar, escutar, poder ser escutada”. Como existem outras formas de se fazer isso - poemas de aquecimento ou o microfone aberto onde as performances não são avaliadas - Bak nunca mais batalhou.

Subitamente, o público é surpreendido pela coletiva com uma demonstração de performances poéticas. Tom Grito lê no seu caderno diante da plateia um poema que alterna versos da canção “Amor Perfeito”, conhecida na voz de Roberto Carlos. “sem o seu carinho amor sem você, já não importa quem errou o que passou passou”. Rejane traz um poema sobre a solidão da mulher negra, tematiza uma mulher forte, boa de briga, que reage com ímpeto, cuja personalidade foi moldada pelos revezes de uma vida dura.

“Mas o que poucos sabem
é que a preta raivosa
nem sempre foi forte
Acreditou na sorte
e viu que estava sozinha
que o amor é loteria
e ela não foi sorteada”.
(Rejane Barcelos, 19/03/2022)³¹

Andrea Bak fala de amores líquidos: “Debaixo das rachaduras é só desprezo/ nós não merecemos isso/ nos entregamos a cada começo/ já pensando no fim” mas também traz o poema sobre o genocídio da população preta pelas forças do estado. A batalha acaba acontecendo.

Valentine, a primeira poeta mulher trans na cena do Slam do Rio de Janeiro, é a poeta da vez nessa volta às ruas do Slam das Minas RJ. Com calça jeans boca de sino, um top rosa de franjinha, argolas nas orelhas, cabelos cacheados na altura dos ombros, ela desenha seu caminho performático entre os ouvintes. Coloca a mão na cintura e solta o verbo.

³¹ Poema transcrito a partir de vídeo feito pela pesquisadora no dia do evento.

Poetas Trans no Slam – um breve histórico

A presença de poetas trans na cena brasileira não começa no Slam das Minas RJ. Já em 2016, no campeonato nacional de Slam na FLUP (Festa Literária das Periferias), Kika Sena, arte educadora e poeta alagoana que estava em transição de gênero na época, performou versos que narravam em primeira pessoa uma travesti sendo atacada com fogo e pedras, mas que ao final afirmava sua força, reagindo à agressão. Kika, ainda usando seu nome no masculino, aparecia de brincos, trajando um vestido com estampa de onça.

“Tacaram fogo nim mim
 Tacaram fogo no meu cabelo
 Tacaram fogo na minha pele
 Tacaram fogo nos meus olhos
 Tacaram fogo na minha respiração
 Tacaram fogo na minha voz

Logo
 não puderam me conter
 poluí seus ares com meu grito

queimei suas casas caras brancas
 com meu choro

queimei suas esperanças brancas
 tingi tudo de preto...”
 (Kika Sena, 2016)³²

Este poema além de ser encenado no documentário “Slam, a voz do levante”, de Roberta Estrela D’Alva, é utilizado por Tatiana Nascimento na elaboração do seu conceito cuírlombismo literário. Nascimento destaca a importância do ponto de virada do poema de Kika, presente já na segunda estrofe que abre com “logo”.

Se a primeira estrofe - com uma sequência de seis versos – evidencia o ataque com fogo no cabelo, pele, olhos, até na respiração e na voz. Tudo isso na tentativa de total aniquilação, de lhe incendiar a vida e a palavra falada. Os versos “logo/ não puderam me conter”, na segunda estrofe, rompem a expectativa de morte segundo Nascimento. O que o poema afirma é “que o resultado de todas as tentativas de destruição foi tornar-se incoercível.” (NASCIMENTO, 2019, p.20 e

³² Kika Sena na FLUP <https://www.youtube.com/watch?v=3_zosUEYbO0>. Versão do poema escrito em (Apud NASCIMENTO, 2019, p.21-22)

21). O poema trata da reação e não só da resistência à dor. “Queimei suas caras brancas/ com meu choro”, diz o poema. O agressor branco, aquele que taca fogo, é quem queima porque a poeta reage com seu grito e choro.

No debate Slam Cuír, realizado pela FLUP em 2021, Kika Sena revela que, mesmo quando não havia batalhas específicas para corpos dissidentes, o slam lhe trouxe segurança. Isso ocorria, segundo ela, em função da possibilidade de ser escutada.:

“Em vários momentos eu me senti segura inclusive na época que não tinha essa segmentação em prol de pessoas trans. Antes do Slam Marginália, eu me sentia segura nos espaços de slam na medida em que eu sabia que eu ia ser escutada. Você tem o microfone e aquele momento, aqueles três minutos, é todo seu”. (Kika Sena, 6 de março de 2021)³³.

Quando da fundação do Slam das Minas RJ, em 2017, a coletiva foi pensada para acolher poetas dissidentes de gênero. “Eu já me entendia como uma pessoa não-binária. E Lian Tai já era uma pessoa transinclusiva também. A gente acreditava que tinha que ter pessoas trans no feminismo”, conta Tom Grito.

A intenção era esgarçar o leque. Se Tatiana Nascimento, ao criar o primeiro Slam das Minas no Distrito Federal, percebeu que não se ouviam as vozes das mulheres e lésbicas no Slam, que elas eram minoria; Tom Grito e Lian Tai optaram por aumentar a rede. Incluíram os excluídos dos excluídos, os desviantes da “norma” binária. Queriam que elus entrassem em cena – as mulheres trans, os homens trans, boycetas, os queers, pessoas não binaries para tomarem a palavra na rua, na praça.

No primeiro ano de existência, mulheres pretas e lésbicas serão a maioria das vencedoras das batalhas de poesia do Slam das Minas RJ. As pessoas trans e não-binárias foram aparecendo aos poucos, principalmente, depois de uma aproximação da Casa Nem, casa de acolhimento para travestis, transexuais, pessoas não-binárias em situação de vulnerabilidade, localizada na Lapa, zona central da cidade.

“Eu ainda não era tão assumidamente trans naquela época. Eu ainda estava no meu processo”, explica Tom Grito destacando que a participação de poetas trans acontece, de alguma forma, com a sua transição de gênero. Esse movimento acaba

³³ Debate Slam Cuír – <<https://www.youtube.com/watch?v=Ln5d8Piadq8&t=5s>>

influenciando os Slams das Minas de outros estados, que entendem, assim, a importância de acolher também pessoas trans e não binárias. O Slam das Minas carioca provoca uma espécie de efeito cascata.

Em setembro de 2018, um ano e meio depois do início do Slam das Minas RJ, surge o Slam Marginália, na cidade de São Paulo. É a primeira batalha exclusivamente para corpos trans e não binários, que acontecia até a pandemia sempre nas primeiras quintas-feiras do mês, no Campo de São Bento. Além de criar um espaço afetivo de fala e escuta para pessoas trans que, normalmente, vivem seu processo de transição sem rede de apoio, em total solidão e vulnerabilidade – o Marginália incentiva a circulação de dinheiro com espaço para venda de produtos artísticos, comidas, objetos e vestuários de segunda mão. (NASCIMENTO, 2019)

“Eu acho que a cena em si é uma cena que valoriza a autonomia da identidade, não é? Então por exemplo eu conheço muitas pessoas que transicionaram na cena e isso é muito forte... Todas essas pessoas transicionaram dentro do slam. O slam acompanhou e acolheu né? Porque se fosse um lugar que não fosse acolhedor as pessoas não teriam feito isso na cena. Ainda mais quando você já anunciou o nome depois anuncia o outro”. (Tom Grito, 11/2022).

Valentine no Slam das Minas RJ

Foi em um sarau de fim de ano, no BXT, que Valentine começou a recitar em 2018. Da plateia, percebeu que não havia poemas sobre pessoas trans, mulheres trans, travestis. Na hora, pediu papel e caneta e começou a escrever um poema para recitar. “Eu queria escrever, fazer algo que eu pudesse ouvir”.

Ela conta que, no início, escrevia mais poemas ativistas, poesias de dor. Porém, como muitas outras slammers, expor a dor no slam com o objetivo de ganhar pontuação mais alta para comover os jurados começou a adoecê-la. No final de 2019, já tinha poemas que falavam de erotismo, mas não recitava. Poemas de amor era algo distante. Aos poucos, isso foi mudando.

Quando estreou no Slam das Minas RJ, em junho de 2019, antes da pandemia de Covid, no aniversário de dois anos do evento, foi campeã com um trabalho de voz e expressão corporal bastante preciso. Seu poema tratava da desumanização do seu corpo, os maus tratos e a solidão aos quais está submetida como mulher trans.

“Sou como uma boneca
 Não tenho sentimentos
 As minhas falas devem ser programadas
 Quando não sirvo mais sou jogada fora
 Sem cerimônias ou lamentos”
 (Valentine, 06/2019)³⁴

Simulando movimentos robóticos, sem qualquer fluidez nas articulações, sua coluna mexia de forma rígida. A cabeça acompanhava essa falta de plasticidade e espontaneidade. Seu rosto esboçava um sorriso tímido, sem convicção. A voz parecia imitar uma gravação. Até que ela abaixa o tronco e levanta com uma expressão de fúria, trazendo uma voz alta, grossa e assertiva. Nesse momento, seus braços traçam no ar movimentos curvos, rápidos, as mãos apontam para a plateia, batem no peito, se dirigem à testa. Valentine nega, nessa segunda parte, tudo o que havia afirmado anteriormente performando um robô. Não é boneca, nem fetiche, tampouco objeto. Afirma os sentimentos que lhe atravessam “Me machuco, sinto dor e sangro”:

**“eu sou uma mulher pra você respeitar
 e, acima de tudo, eu sou um ser humano
 meu nome é Valentine, jamais Valentina
 se quiserem me encontrar,
 vão me achar num slam
 nunca numa esquina”**
 (Valentine, 06/2019)

Ao final, afirma sua identidade de gênero e, principalmente, sua humanidade. O público grita, bate palmas, pula no chão de forma eufórica. Mesmo em se tratando da tragédia cotidiana vivida por uma mulher trans, há um ambiente de festa, de celebração, de embriaguez. Os versos denunciam o preconceito, a invisibilidade e a experiência de maus-tratos. A receptividade, no entanto, é alegre, com pulos, palmas e muitos gritos.

“Eu comecei a me incomodar por achar que aquilo estava
 se tornando uma comercialização da minha dor e da minha luta

³⁴ Slam das Minas RJ, aniversário de dois anos em junho de 2019. Poema transcrito a partir do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=H5KWmNBigs0>

sabe? Eu pensava assim: as pessoas não estão realmente escutando o que eu tenho para falar. Elas estão aplaudindo o show, aplaudindo a demonstração de dor, aplaudindo os versos, a métrica, essa interpretação dolorosa que eu faço. Mas eu não acho que elas estejam escutando de fato o que eu falo” (Valentine, 08/2023).

A sua vitória na batalha do aniversário de dois anos do Slam das Minas RJ demarca, de certa forma, o início da representatividade de poetas trans e não binárias nos eventos do Slam das Minas RJ.

Na rua – perigo e acolhimento

Judith Butler problematiza em “Corpos em Aliança e as políticas da rua” como o campo da aparência no qual estamos inseridos se estrutura normalizando determinadas versões do humano que podem circular nas cidades sem que suas vidas e integridade física e mental estejam em risco. Isto é corpos que estão em conformidade com as regras binárias de gênero – homem-mulher - que Butler afirma serem “transmitidas por meio de fantasias psicossociais” (BUTLER, 2019, p. 44). São elas que determinam quem será legível e reconhecível no espaço público.

As pessoas transgêneros abrem, de certa forma, uma fenda nessa normalidade binária fantasiada coletivamente. Pois seus corpos em travessia seguem escondidos, sem exposição nas imagens publicitárias, cinematográficas, nos discursos jornalísticos, editoriais e, também, acadêmicos. Não há representatividade no campo da aparência. Por serem invisibilizados do imaginário simbólico, são ameaçados de aniquilação pelo simples fato de emergirem nas ruas.

O dossiê de “Mortes e violências contra pessoas LGBTQ+ no Brasil”³⁵ apresenta o termo cissexismo, sistema que normaliza o preconceito contra os dissidentes de gênero. Esses são percebidas erroneamente pela sociedade como inferiores, como pessoas acometidas por alguma doença mental. Diante disso, pessoas trans e não-binárias, lésbicas e homossexuais são alvos de agressões verbais, psíquicas e físicas. São ainda preteridas em instituições educacionais e no ambiente de trabalho formal. Muitas vezes maltratadas e excluídas e no próprio

³⁵ Relatório produzido com o apoio das instituições da sociedade civil Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Acontece – Arte e Política LGBTQ+ (Acontece) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT).

ambiente familiar. Logo, segundo o documento, a doença mental e o sofrimento psíquico não são pré-existentes, mas sim consequências da forma hostil e violenta como o mundo lhes é apresentado.

Em um de seus poemas³⁶, a slammer Valentine narra as adversidades pelas quais passa em via pública, reflete a precariedade pela qual sua vida é atravessada e as consequências dos maus tratos no seu espaço íntimo. “E dentro do quarto eu ainda ouço os gritos: traveco, puta, merda, diabo, viadinho”. Conta também dos olhares repulsivos e das risadas de que é alvo. Finaliza sua performance aos berros com a pergunta: “Você já se perguntou o que passa uma mulher negra trans?”

Não é à toa que Valentine faz tal pergunta ao público presente, pois o fato de ser mulher trans, representar esse gênero dissidente, não pode ser dissociado da sua identidade, é uma questão ontológica, como explica Butler. Ao caminhar, falar, ao se vestir, a pessoa o faz sendo homem, mulher, não-binário, trans ou cis. “Uma pessoa não é primeiro o seu gênero e então, depois, decide como e quando representá-lo” (BUTLER, 2019, p. 68).

E nesse sentido, ser trans no Brasil é correr risco cotidianamente já que somos o país mais violento do mundo para pessoas LGBTI+, como mostra o dossiê. Ocupa tal posição há 14 anos e, só em 2022, foram 228 assassinatos contra essa parcela da população, sendo travestis e mulheres trans os maiores alvos de crimes de ódio.

É importante destacar, entretanto, que o estudo já nasce incompleto e falho em função da possibilidade de inúmeras mortes permanecerem anônimas e desconhecidas. Seus dados são recolhidos de forma dispersa em notícias da imprensa, relatos nas redes sociais e, também, a partir de entrevistas com as vítimas e pessoas próximas das mesmas. Há total negligência dos órgãos oficiais de segurança pública e do sistema judiciário, e até da própria imprensa, de mapear a violência contra os dissidentes de gênero, por isso a inexatidão do dossiê.

Portanto, há de se reconhecer a importância das batalhas do Slam das Minas RJ de delimitar um território seguro. Um simples largo ordinário da cidade se transmuta em espaço de expressão artística, poética e afetiva, de fala e escuta, onde poetar trans podem performar seus versos tematizando suas vivências, ora dolorosas, ora amorosas. Ao retirar da rotina aquele espaço, transmutando a urbe

³⁶ Slam da Guilhermina #248 <<https://www.youtube.com/watch?v=TkJzZiiMGUA>>

no tempo-espaço da festa poética, podem vir à tona o tabu e o segredo, sem ameaça de violência, mesmo que não seja 100% seguro, segundo Valentine. Tudo isso graças à ação coletiva.

“Eu acho que o que deixa seguro é a coletividade. Tem muita gente ali e a gente sabe que é muita gente para entrar no bolo e defender. Mas ao mesmo tempo a gente sabe que está um pouco vulnerável então ainda dá um pouco de medo. O slam não é um lugar 100% seguro de fato. Acho que é um lugar que você tem um pouco mais de segurança. Na volta pra casa, quem te leva? Eu já tenho essa perspectiva. Não existe espaço 100% seguro para alguns tipos de poesia”. (Valentine, 08/2023)

Dessa forma, a partir do acontecimento do slam, do acolhimento auditivo das pessoas ali presentes, uma espécie de rede é tecida onde Valentine pode não só circular em segurança como também se expressar artisticamente, falando em versos do perigo de ser quem se é. De como a experiência de simplesmente circular na rua pode ser violenta. Pode falar também poemas sobre amor, sobre sexo. A praça que, para seu corpo de mulher trans, é o espaço dos possíveis ataques verbais, dos linchamentos, das pedradas, dos assassinatos se transmuta em algo distinto com a batalha poética, permitindo que Valentine coloque seu corpo palavreiro, seu corpo-poema em luta, como a desafiar o perigo à espreita.

Poesia erótica - o corpo poético como campo de batalha

É que eu tenho um ex-namorado
 assim meio otário
 Que uma vez veio com um papo
 Que eu jamais ia conseguir esquecer aquele falo
 Aí eu cheguei no vacilão
 Tive que falar para ele
 que eu não parava de pensar na pica do irmão dele
 Ele não acreditou
 falou para mim que era mentira minha
 Que o irmão dele era trans e que por isso não tem pica
 Mas meu parceiro olha só
 eu vou te mandar o papo
 só lamento informar, mas tu tá muito enganado
 O teu irmão não é mutante, mas ele tem três piroca
 me fudia bem gostoso enquanto eu chupava a xota.
 Vibrador e dildo
 seu irmão tem tudo isso e bem melhor do que você comparece no serviço
 Agora tu tá puto me dizendo que não é realidade
 que não existe nada melhor do que uma pica de verdade
 Mas me desculpe te dizer tu tá todo errado
 ele me fudia muito bem sem precisar do seu caralho

Enquanto ele metia, mais eu empinava o rabo
 Ele era safado, me fodia forte
 bem mais gostoso
 bem melhor do que o seu pau
 é teu irmão me dando gozo.
 Você fala pra caralho
 não dá conta do recado
 bem melhor que chupar uma pica
 É teu irmão todo molhado
 Tu tá aí se garantindo só nos seus quinze centímetros
 mas o vibrador do teu irmão mede 25
 Ele me come por horas
 Ele me dá prazer, me bota pra gemer, me satisfaz de um jeito que tu não sabe
 fazer
 Ele me dá prazer, me bota pra gemer, me satisfaz de um jeito que tu nunca
 soube fazer
 E quanto mais ele botava
 mais eu gritava
 Vai boyceta Vai boyceta Vai boyceta
 Pode me comer com força que chupo sua boceta
 O meu nome é Valentine, jamais Valentina
 eu vim dá esse papo com a certeza e garantia que a boceta desse boy é melhor
 que qualquer pica
 (Valentine, 19/03/22)³⁷

Na volta da pandemia, no Largo do Machado, a poeta Valentine se dirige ao público simulando contar um caso, uma espécie de fofoca. Não poupa gírias como a tratar o público com intimidade. Começa, então, se referindo a um ex-namorado, um homem cis, que duvida da viabilidade de uma relação sexual entre uma mulher trans e um homem trans, sendo que o homem trans é o irmão do ex. Valentine se refere a esse sujeito que duvida com palavras chulas: otário, vacilão, alguém que está enganado, todo errado. A dúvida é o pretexto para ela expor em detalhes como esses dois corpos trans (um homem e uma mulher) se encontram para experienciar a intimidade sexual, o gozo.

Valentine narra sem pudor as vantagens da transa com esse boyceta, como ela mesmo se refere. Ele fode sem precisar de um pênis, dá gozo, fica molhado, fode forte e usa brinquedos sexuais para satisfazer o desejo da parceira. Ela traz palavras safadas, versos curtos, rimas que se alternam, remetendo de alguma forma o vaivém dos corpos que se encontram e desencontram. No lugar do romance, ela opta pelo escracho, pelo sexo despudorado bastante presente nas letras do funk.

³⁷ Poema transcrito a partir de vídeo feito pela pesquisadora no dia do evento.

É como se Valentine abrisse uma fenda em plena praça pública ao servir os ouvintes, detalhadamente, a intimidade sexual que desafia a ordem cisheteronormativa, especialmente uma transa onde não há a centralidade do falo. Trata das fantasias e possibilidades de vivência de intimidade como mulher trans, explicita uma lista de gozos, com direito à boceta molhada, três pirocas, rabo. Coloca o eros como fim a ser militado, questionado. O íntimo como questão política a ser falada, tratada, debatida em praça pública.

“Eu não queria ficar ali sangrando o tempo todo. Aí comecei a escrever mais poesias de amor e eróticas pensando que é isso: eu não sou só a minha dor, né? Eu estou para além disso. e que, por exemplo, eu falava muito sobre solidão afetiva. Uma vez eu falei para a amiga minha que eu preciso recitar mais poesia de amor no slam, sabe. Por que que se nem eu, na minha arte, me possibilitar ter acesso, onde eu vou ter? Se na realidade eu sou jogada pra solidão, na minha arte eu também não posso me jogar lá, sabe? Na minha arte, pelo menos, eu tenho que ser lúdica comigo mesmo, na minha arte tenho que me permitir me amar e me permitir sentir ser amada.” (Valentine, 08/2023)

Seria o próprio público esse ex-namorado que não entende como essa relação acontece? Aquele que precisa de explicações? Mesmo que seja, o que de fato ocorre é que a plateia escuta com atenção, por vezes participa da brincadeira com sons de gemido. “Ai, ai”, alguém grita, como a simular o gozo, incentivando a poeta com seus versos.

Nos eventos do Slam das Minas RJ, não é novidade ouvir poemas eróticos que tratam de relações sexuais não normativas como o de Valentine. Na batalha final de 2019, por exemplo, antes da pandemia de Covid-19, quando ainda não conhecíamos a vida em isolamento social, Moto Tai foi uma das finalistas com o poema “Como é que duas mulheres transam?”. Pergunta que evidencia o estranhamento da relação sexual entre duas mulheres. Estranhamento ou até mesmo uma impossibilidade.

“Como as mulheres transam?
É uma pergunta feita por gente meio escrota, às vezes
por garotas, mas em sua maioria por seres babacas
que têm duas bolas entre as coxas.
Eu vou me dirigir somente a elas, por que eu não vim
nesse mundo para ser didática com homem hetero
cuzão, padrão e qualquer outra merda, não!
Ooo Moçaa! elas se entrelaçam, se acham, se

encaixam!
 Numa frequência que talvez só abalos sísmicos
 Ultrapassam
 Começa antes da cama, no olhar profundo entre as
 damas.
 No sorriso que não engana (muitas vezes sim, né?).
 Mas a gente sabe que sempre tem um drama.
 Tenho que dizer que sexo entre nós é digno de fama
 Hoje tu vai andar na montanha russa, eu vou deslizar
 pelas curvas, vai ser uma loucura.
 Nesse processo gostoso, em que nossos corpos se
 chocam parecemos terremotos.
 Onde cada dedo e língua causam destroços.
 Tudo entre nós tem um propósito, mas é sempre bom
 lembra que eles nunca acharam o clitóris.
 Mas isso não é um problema nosso! nós sabemos
 onde ele fica! No escuro, a 12km, sem usar óculos.
 A potência que nos envolve é sem igual, são bocas
 e seios, seios e bocas conduzem uma energia
 paranormal.
 Chega parecer exagero, mas vocês não nunca vão
 saber o que a gente faz no banheiro.
 Do nosso prazer somos donas, mandonas, sapatonas.
 Eu repito com ênfase donas”
 (Moto Tai, 2019)³⁸

A poeta inicia a performance como quem convida para um embate. Fala inclusive palavrões “seres escrotos” ou “qualquer outra merda” para se referir aos homens hetero cis que questionam o sexo lésbico. Em seguida, a poeta fecha os olhos e os versos seguem uma linha melódica mais erótica que envolve o ouvinte em uma paquera com troca de olhares profundos, sorrisos correspondidos ou não entre duas damas que se observam.

Os versos de Tai aliam a sensibilidade com a turbulência, a fluidez das curvas dos corpos, mas também o choque entre eles: são tsunamis, terremotos, destroços. A cena de sexo entre mulheres é incendiária, faz o chão tremer, segundo a poeta. Carne com carne, pele contra pele, em permanente encontro e desencontro. Corpos que se friccionam, corpos atritáveis como propõem e pensadore não-binária Adriana Azevedo na sua episteme do corpo- atritável, no artigo “Corpo-atritável ou uma nova epistemologia do sexo”.

“É comum no decorrer da vida de uma mulher lésbica
 dotada de boceta receber a pergunta ‘mas como vocês fazem
 sexo?’, justamente porque faz parte de uma discursividade

³⁸ Moto Tai na final do Slam das Minas RJ em 2019. Poema transcrito a partir do vídeo <<https://www.youtube.com/watch?v=OGYyshDeU1k>>

corpórea que foge à centralidade do pau, que diz respeito à lógica social heteropatriarcal.” (AZEVEDO, 2020, p.306)

Azevedo traça uma genealogia da pergunta-mote do poema de Moto Tai. “Como as mulheres transam?”, esse questionamento aparentemente simples, mas que se arrasta no tempo. Em documentos do Santo Ofício, que datam do século XVII, é possível perceber a condenação das relações homossexuais entre homens, o coito anal ou sexo oral. Entretanto, segundo tais documentos, a relação sexual entre mulheres é uma espécie de ponto-cego.

Dentro da lógica heteropatriarcal dos inquisidores, o sexo entre mulheres era impossível de ocorrer. Os religiosos não enxergavam a possibilidade do amor erótico entre mulheres. O crime/pecado da sodomia – condenado e perseguido pela Igreja - só era possível de existir entre os homens. Pois é o órgão masculino que obtém a centralidade na relação de intimidade sexual, do gozo e do prazer. Nessa lógica, entre damas não há sexo.

Tai alterna o tom entre a didática e a performance. Em um determinado momento, admite-se o segredo, o oculto. A poeta diz: “vocês nunca vão saber o que a gente faz no chuveiro, no banheiro”. Mesmo tendo acabado de narrar a cena de sexo em um jogo de público X privado, segredo X revelação. A performance de Tai afronta, de certa forma, o status quo a fim de legitimar o amor erótico entre mulheres. “Como as mulheres transam?” não é, portanto, um simples poema-pergunta. Com ele, emerge diante do público um poema-corpo como campo de batalha.

“Nas últimas décadas de teorização e de mobilização feminista, o corpo tem sido tratado como nosso verdadeiro campo de batalha. Lugar onde o social e o individual se chocam e se negociam, de forma que o pensamento descolonial lança uma série de desafios, pois nos impele não só a uma ruptura epistemológica, mas a uma mirada atenta para as diferentes formas por meio das quais a matriz colonial de poder afeta, (de)forma e informa nossos corpos, nossas sexualidades, nossas maneiras de desejar.” (BACELLAR, 2020, p.317)

Tom Grito – um corpo poético em travessia

Em 22 de março de 2021, ainda em plena pandemia, Tom Grito publica na rede social do Slam das Minas RJ um desabafo político poético³⁹. É mês da mulher

³⁹ Desabafo político poético de @tomgritopoeta em 22/03/21
Link: <<https://www.instagram.com/tv/CMvdjP-pYn>>

e pausadamente ele relata a sua experiência como poeta transmasculine. Olha nos olhos da câmera, sabe exatamente onde colocar o olhar, fala cara a cara com quem o assiste. “Definitivamente eu não sou uma mulher, eu nunca habitei confortavelmente aquele corpo”. O desconforto vira busca de uma identidade a ser prescrita, vira poema, desabafo-manifesto.

Tom também abaixa o olhar acompanhando seus escritos, busca a letra a palavra escrita em um papel. Ser mulher, segundo ele, vem acompanhado de uma série de interdições: não falar alto/ não jogar futebol/ não namorar uma mulher. Todas elas desobedecidas. Também vem acompanhada de uma série de etapas: estudar, se formar, passar em concurso público, casar e ter filho. Um roteiro a ser seguido pela heterocismundo. Grito cumpriu todas, uma a uma. “Mas eu não fui feliz”, confessa e poeta.

Segundo Tom Grito, o seu corpo é um universo em expansão. Sentia, diz, que a qualquer momento um monstro sairia de dentro dele e que não tinha controle: “Até que um dia eu olhei no espelho, cortei os cabelos e deixei o monstro se aproximar. Olhei nos seus olhos e me reconheci como nunca”.

A partir do movimento do slam, Tom conhecerá múltiplos feminismos que acolhem outros corpos e outras corpos. Ele mesmo será acolhido. Tom alerta que uma pessoa transmasculine não é a reprodução de um homem cis “Não sou homem, nem mulher”. E conclui que o Slam das Minas RJ é um movimento anti-patriarcal, antirracista, anti-colonial. O intuito é construir outras utopias.

Seu depoimento dialoga diretamente com o discurso que o filósofo queer espanhol Paul B. Preciado fez para uma plateia de 3.500 psicanalistas na França, recentemente publicado em livro com o título “Eu sou um monstro que vos fala”. Suas palavras confrontam a forma como a psicanálise e a psiquiatria vêm medicando e enquadrando os dissidentes do regime da diferença sexual como psicóticos ou portadores da disforia de gênero, na “borda da psicose”.

Em tom autobiográfico, Preciado relata a sua história. Fala da infância como uma menina calada e silenciosa em uma pequena cidade da Espanha em plena ditadura franquista até a descoberta de livros sobre o corpo lésbico de Mônica Witting. Mostra como os livros foram seu refúgio enquanto em casa era desprezado,

especialmente pelo pai que abominava mulheres que não cumpriam o seu papel de esposa discreta silenciosa - papel que lhe cabia e que recusou.

Conta as experimentações hormonais e os efeitos sobre o seu corpo e, principalmente, a sua voz. A princípio, por mais que já portasse barba e bigode, trajasse calça, e, talvez usasse uma cartola; isto é, por mais que se vestisse homem, a voz ainda vacilava doce e delicada. Ao falar se ouvia mulher, e sua transmasculinidade se desvestia.

E de repente uma voz fabricada sinteticamente emergiu de dentro dos seus pulmões. Uma voz monstruosa, masculina, grave, grossa, forte e voraz como um monstro a grunhir alto. Essa voz lhe pertence como uma identidade, personalidade.

O monstro - essa figura mencionada tanto por Preciado como por Tom. Um monstro que não é humano nem animal, que muda de pele como crocodilo que imita o tronco da árvore. E de repente sua pele está se transmutando em múltiplas tonalidades. A monstruosidade é a pele que elus desejam vestir.

Em um depoimento, não por acaso, na Escola Brasileira de Psicanálise no Rio de Janeiro, Tom problematiza a leitura que o outro faz do seu próprio corpo, evidenciando a opção do não enquadrar. Pois se o mundo divide de um lado homens e de outro mulheres, Tom persegue o não-normativo, o monstro, o palhaço.

“Esse é o problema do binarismo: não existe um lugar fora. Ou você está em um lado ou você está em outro. Ninguém consegue aceitar a possibilidade de eu não estar, nem em um lugar, nem em outro. Isso é um incômodo. Esse lugar é o mais próximo do quanto mais estranho eu me pareço. Às vezes, me sinto melhor nesse lugar de não ser lido, nenhum lugar, nem em outro. Aí me sinto confortável: quando eu raspo a sobrancelha, o cabelo... Quando eu sou uma coisa mais parecida com um palhaço, até: o cabelo azul, um *glitter* aqui... As pessoas leem, aí, um lugar que não humano. Isso é mais próximo do confortável.” (GRITO, Tom. Latusa, 2022, p. 28)

No lugar lido como não humano, palhaço, cabelo azul, glitter, a voz fabricada: o corpo de Tom vive a travessia. A transgeneridade lhe foi oferecida enquanto uma nova palavra em uma roda de conversa no slam. Palavra que passou a ser perseguida como busca, como vida nova, habitar entre. Nem homem nem mulher.

Pois se o corpo é lido pela sociedade como homem em função do uso da testosterona, da barba no rosto, as memórias desse corpo são de uma vivência inteira como mulher. Um corpo que gestou, sofreu violências, abuso. Um corpo que viveu como mulher, mas não é homem. Um corpo que parte, partido, que atravessa.

Por isso, Preciado diz que é preciso escapar da jaula do regime da diferença sexual mesmo como homem trans. A jaula da mulher discreta e silenciosa, da reprodutora, criadora e cuidadora, mas também escapar da jaula da masculinidade tóxica. Porque em determinado momento os homens passaram a lhe reconhecer como um deles.

O projeto de Preciado como pensador da dissidência de gênero não é se enjaular no mundo da masculinidade em segredo, mas fazendo da sua transição um espetáculo público, pesquisa filosófica. Não se calar. Sair do ambiente íntimo, do segredo. A travessia, para Preciado, torna-se grito, voz audível, a travessia espetáculo. Assim como Tom Grito, a transição é, para ele, material poético e político, vivência no corpo e que transborda nas suas criações artísticas em poemas, performances no campo das artes visuais, mas também debates na roda, participação em coletivos. O próprio fazer artístico leva a transição como num movimento cíclico, sem início, meio e fim. Estar em travessia, sendo, se transmutando. Gritar a transição no mundo de hoje.

“É hora de sair dos divãs para as praças e de coletivizar a palavra, politizar os corpos, desbinarizar a sexualidade e descolonizar o inconsciente”. (PRECIADO, 2022, pag. 87).

Travessia em performance

Como se enterra um nome? Deitar o nome próprio no caixão, incinerar documentos que comprovam a sua existência. E, também, queimar fotos de uma identidade que foi. A travessia busca não ser mulher, nem homem. Seguir atravessando. Se apropriar da não-binariedade. Na carteira de identidade, o documento já fora modificado em cartório: com o gênero retificado e o nome Tom Grito.

No dia 25 de junho de 2022, Tom realizou uma performance-velório como atividade final de uma residência artística. Sem roupa, ele deita seu corpo pelado no caixão como forma de se despedir do que será chamado o seu cisheterônimo: Letícia Brito. Em seguida, cobre-se com um filó branco. Uma coroa de flores azuis

e velas acesas ornaram o ambiente, velaram o nome morto. Há muitas fotos dentro de uma caixa ao lado. Gênese do alto da escada faz um discurso. “Quando minha avó recebia visita ela dizia ‘Que bom que vocês vieram, melhor ainda que vocês estão indo’”. Morte e vida celebrados em um mesmo momento: enterrava-se Letícia, nascia Tom Grito. Eu vejo tudo isso pela tela porque nesse dia eu testei positivo para Covid-19.

“O velório foi uma performance artística no campo das artes visuais. Mas para mim foi um ritual pessoal onde eu reuni todos os meus documentos, fotos – tem fotos criança que eu olho ‘isso aqui é a Letícia, tem fotos que eu olho ‘isso aqui é o Tom.’ Porque o Tom já existia na Letícia.” (GRITO, Tom)⁴⁰

Camila Bastos Bacellar, pesquisadora das relações entre artes, feminismos e ativismos latino-americanos, destaca que as lutas feministas têm sido uma questão de corpo encarnado a partir de vivências individuais e coletivas que se fundem a partir de experimentações no corpo e na intimidade. No seu texto “À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas” ela escreve que “embarcamos em uma permanente experimentação corporal e subjetiva capaz de produzir uma torção nos nossos modos de desejar, de dizer, de fazer e de ser em relação e em comunidade.” (BACELLAR, 2020, p. 317).

Tom Grito, em seu trabalho artístico, expõe sua vivência singular do processo de transição como uma experimentação corporal criativa, não se enquadrando em uma trajetória retilínea, com ponto de chegada – homem-mulher ou mulher-homem. Afirma os muitos ‘entres’ dentro desse trajeto onde é possível aterrar. No seu artigo “A emergência do termo ‘sapatão-não-binário’ como disputa discursiva no Brasil contemporâneo”, Adriana Azevedo discute a luta presente dentro do movimento LGBTQIA+ brasileiro de explodir tais concepções de uma fórmula única de experimentar esse processo: “há uma resistência epistêmica acontecendo no seio desses movimentos que são atravessados pelo pensamento decolonial”.

Nesse sentido, no campo artístico, as performances de Tom Grito se juntam a esse movimento de viver o processo íntimo da sua experimentação corporal em comunidade. Produzir palavras sobre si que ecoam no corpo de outros. Lançar

⁴⁰ Em depoimento à Revista Latusa. Disponível em:
<<https://youtu.be/EMoZdoFpiHM?feature=shared>>

ondas visuais e poéticas que reverberam no ambiente coletivo. Dentro desse desafio corporal, Tom encontra um porto para sua travessia. A coletiva aparenta ser o porto seguro:

“Durante todo o meu período de transição, o Slam das Minas RJ foi um coletivo seguro e acolhedor e jamais questionaram minha presença transmasculina e branca num espaço predominantemente feminino e preto. Elas sempre foram só amor. Não só comigo, mas com todas as pessoas que ali estão. Nesta coletiva, aprendi a importância da escuta, do afeto, do não punitivismo e do acolhimento”. (Tom Grito, 14 de junho de 2022).

Transcrição Desabafo Político Poético de Tom Grito⁴¹

“Tenho sido chamado para falar em datas como o Dia Internacional da Mulher. É complexo. Na maioria das vezes, eu não aceito porque definitivamente eu não sou mulher. Atualmente uso pronomes masculinos ou neutros para politicamente demarcar que eu sou um corpo em transição, um universo em expansão, alguém além da cisheteronorma. Não sou mulher, mas definitivamente também não me vejo como um homem. Não me vejo como um homem porque as referências de masculinidade que tive foram, em sua maioria, cisgeneras, da mesma forma que as referências de feminilidade. Mas já tem um tempo que conheci outras mulheres, outros feminismos, outras belezas que não a magra branca cisgênera padrão. Tenho muitas amigas pretas, muitas amigas trans, muitas referências sapatão, mas em termos de mulheridade, eu não me identifico. Não posso apagar minhas vivências, as violências sofridas, as experiências, processos e construção que me levaram a não me identificar como mulher e a maioria dessas violências parte de um mundo construído pelos homens cis.

Você não pode jogar futebol porque você é mulher e eu joguei. Você não pode falar alto em público porque você é mulher e eu falei. Você não pode se relacionar com uma mulher porque você é mulher, mas eu me relacionei.

Fiz tudo o que me foi dito que eu não poderia até que eu me questionei: talvez eu não seja mulher. Eu nunca habitei confortavelmente naquele corpo, eu nunca performei aquele estereótipo e eu até que me esforcei. Estudei, me formei, casei, tive filhos e prestei um concurso público. E nunca fui feliz. Sentia que a qualquer momento um monstro sairia de dentro de mim, tomando conta do que eu não tinha controle. Até que um dia eu olhei no espelho, cortei os cabelos e deixei o monstro se aproximar. Olhei nos seus olhos com ternura e me reconheci como nunca. Eu pensava que todo mundo sentia isso, essa sensação de não pertencer, esse incômodo de não se reconhecer, mas a maioria que eu conversava não sabia. Então eu me sentia

⁴¹ Desabafo político poético de @tomgritopoeta em 22/03/21 Link: https://www.instagram.com/tv/CMvdjP-pYn_/>

frustrado, fracassado, um impostor de mim. Até que eu soube que existiam outras pessoas assim e me reconheci nelas. E me permiti me reconhecer em mim. E é por isso que eu acho importante que todas as mulheres saibam que uma pessoa transmasculina não é a reprodução de um homem cis com seus machismos, toxicidades e babaquices. Estou aqui no Slam das Minas RJ desde sua fundação e tenho a sorte de ter sido acolhido e acompanhado com muito amor por minhas companheiras nessa transição porque elas sabem que essa coletiva luta por nossas utopias que são antipatriarcais, anticapitalistas, anticoloniais e coletivas. E acho importante que as pessoas que acompanham o trabalho político poético do Slam das Minas RJ saibam que aqui a construção coletiva é feita por mulheres cis e trans e de pessoas não cisgêneros sejam elus homens trans, transmasculines, transfeminines, não bináries, ageneros ou gênero dissidentes. E que também respeitamos as especificidades de vivências de pessoas pretas e racializadas e indígenas. Assim sendo proponho que os múltiplos feminismos e movimentos de mulheres respeitem as especificidades de pessoas não cis e lutem coletivamente pelos direitos de mulheres e homens trans e pessoas gênero dissidentes, pois estamos todes na luta contra a masculinidade tóxica patriarcal que nos desumaniza rotula, objetifica, hiperssexualiza e diminui. Ou vamos juntas ou não chegaremos em lugar nenhum.”

Tom Grito

Poemas

Poema de Valentine⁴²

Sou como uma boneca
 Não tenho sentimentos
 as minhas falas devem ser programadas
 quando não sirvo mais sou jogada fora
 Sem cerimônia ou lamentos
 boa de brincar, fácil de largar
 não sou levada para passear
 Entre quatro paredes ou em uma rua
 onde devo ficar
 guardo segredos , sou amável
 mas o amor eu não posso tê-lo
 afinal bonecas não sentem amor e nem medo
 Não correspondo ao padrão
 Não mereço amor não
 É o que dizem os donos da razão
 Meu sofrimento para eles é diversão
 Afinal bonecas não têm depressão
 sou como uma boneca

⁴² Poema transcrito a partir do vídeo <<https://www.youtube.com/watch?v=H5KWmNBigs0>>

Eu não sou uma boneca
 sinto medo, mágoa e solidão
 me machuco, sinto dor e sangro
 dentro do meu peito bate um coração
 mas vocês comigo vão continuar brincando
 e essa poesia não vai terminar com uma rima
 Verão que mais difícil do que prever o clima
 é ser o objeto que tem vida
 e tentar manter a graça, a ternura e o que restou da alegria
 e eu não sei se vai adiantar avisar
 mas agora mais uma vez eu vou falar
 eu não sou boneca para você brincar
 eu não sou objeto para você usar
 não sou fetiche para você experimentar
 E não sou a porra de um produto para você aproveitar
 eu sou uma mulher pra você respeitar
 e acima de tudo eu sou um ser humano
 meu nome é Valentine, jamais Valentina
 se quiserem me encontrar vão me achar num slam
 nunca numa esquina

Mãos pequenas ⁴³ (Marina Ivo de Araujo Lima)

Minha irmã tem mãos pequenas
 ásperas
 unhas bem curtinhas e redondas
 aparadas dente a dente
 desde sempre.

ela nunca deixou as unhas crescerem
 sempre foi aparando
 começava pelo mindinho
 a ponta do dedo no lábio inferior
 e assim seguia unha a unha
 dia a dia
 desde sempre.

quando menina,
 juntava as mãos ásperas e pequenas
 e rezava para não gostar assim
 adolescente, ela abraçou sua melhor amiga
 com os braços curtos e as mãos ásperas e pequenas

O coração da minha irmã gritava dentro do peito
 mas ela continuava em silêncio aparando as unhas
 comendo um pouquinho das pontas dos dedos
 dia a dia

⁴³ (poema performado por mim no microfone aberto no Slam das Minas RJ no Morro da Babilônia no dia 30 de outubro de 2021). Editado em abril de 2024.

A gente também ficava em silêncio.
à época, isso não podia
era estranho
o mundo era estranho

hoje minha irmã não precisa não querer, não gostar, não ser.
ela é, ela quer e ama uma mulher
pronto.

Mas ela se acostumou ao silêncio.
a roer as palavras junto às tristezas, os medos e a raiva
dia a dia
desde sempre

O jogo vai começar. Uma mulher agarra o microfone segundos antes de falar um poema. Ela é a primeira poeta a competir. Estamos em um evento do Slam das Minas RJ.

O público lhe aguarda, quer ouvir o seu poema. Eu estou com papel e caneta em punho para fazer todas as anotações da pesquisa. Seu corpo se mexe, com mãos e gestos. A boca gesticula como se falasse. Da sua boca, no entanto não sai nenhuma palavra. Nem uma. Não se pode ouvi-la. Eu não estava aqui para isso? Para escutá-la?

De repente, imagens começam a se formar. Como uma fumaça que se desenha no ar. De sua boca saem muitas delas. Arregalo meus ouvidos, os olhos estão em estado de atenção. Um guarda aponta uma arma, uma criança está deitada na calçada com o uniforme escolar manchado de sangue, um relógio derrete pelo ralo de um banheiro – é o tempo de Gênesis. A poeta dança. A poeta cospe uma bala. E poeta traz um cometa nas mãos. Ela cospe um beijo, um beijo de línguas entre duas mulheres. Duas pessoas trans transam no meio da praça.

Quero agarrar por inteiro tudo que vi, que ouvi para contar. Escuto com a ponta dos dedos, com os olhos. Recorto todas essas sensações para colar no papel. Como dar forma a esse material tão vivo, em constante mutação? A cena acontece e há muitas cenas dentro dela. Muitos olhos e ouvidos que escutam de outro modo. Ouço com todo o meu corpo. É da escuta que escrevo. Mas também do olhar. De um olhar que escuta.

Hoje decido escrever aqui do Largo do Machado. É um dia quente de quase verão, de um final de tarde, e aos poucos um temporal se arma no céu. Rondo a praça com passos lentos e os ouvidos arregalados. Lá estão os velhos jogadores de carta, um vira-lata que fareja folhas e pedrinhas, no banco de cimento um rapaz exhibe sorridente um cartaz: ouço desabafos. Paro em frente à Escola Estadual Amaro Cavalcanti, onde algumas vezes estive nos eventos do Slam das Minas RJ ao longo desses quatro anos de pesquisa.

Não há nenhum rastro de poema por aqui. Nenhuma fagulha de roda de conversa. Não há gritos, palmas, música. Nenhum verso.

Figura 8- Foto do Largo do Machado – Escola Estadual Amaro Cavalcanti (30/11/2022)



Crédito: Marina Ivo de Araujo Lima

Esse espaço ordinário da cidade – uma praça como tantas outras com uma igreja, lojas e bares ao redor, e uma saída de metrô – passa por uma transformação radical quando o jogo acontece. O Slam das Minas RJ se arma no espaço como o temporal começa a se armar no céu. Neste fim de tarde calorento de quase verão, meu pensamento voa para um tempo futuro. No meio dessa praça, um dia minha avó cruzou com o meu pai ainda bebê nos braços, meus pais caminharam de mãos

dadas para visitar a minha bisa, onde eu cruzei correndo um dia para ir ao cinema, ou voltando da escola. Em voz baixa, eu grito sozinha no meio da multidão, **Slam das Miiiiiiinas.**

Pedaços de escutas⁴⁴ – Transcrição de trechos de entrevistas

Lian Tai
Em julho de 2022

“Um conhecido, um cara que eu tinha conhecido no sarau uma vez, me convidou para participar de um grupo que estava se formando, na casa de uma amiga dele, de poesia. Então a ideia era cada um levar uma poesia própria, a gente se criticar, trabalhar junto as nossas poesias. E a gente começou a fazer isso. E esse grupo foi entrando gente, saindo gente, foi mudando a formação. E um dia o Tom apareceu lá.... E a gente tava nessa de trabalhar as nossas poesias entre quatro paredes e tinha passado pelo golpe que tirou a Dilma e estávamos todas angustiadas. E a gente começou a conversar de como a gente gostaria de tirar a poesia daquela coisa de fazer individualmente entre quatro paredes e como a gente queria levar a poesia para a rua e torná-la potente.

Como a gente pode fazer algo que seja transformador de verdade em um momento tão horrível do Brasil? O que a gente faz com isso? Como a poesia pode ser mais potente do que fazer poesia individualmente? E o Tom já tinha experiência com vários slams, tinha relação com vários slams. Aí ele propôs da gente criar o slam das minas. Ele falou “olha existe o slam das minas em São Paulo e não sei mais onde, só que não existe aqui no Rio de Janeiro...Vamos fazer. Ursula (era na casa dela que aconteceram os encontros), Yassu Noguchi (ela também organiza uma batalha de haikai combat, é poeta também). Quem tava desde o princípio era Ursula e Yassu. O Tom disse que era o primeiro encontro dele, mas não sei se era o primeiro ou o segundo. Mas ele caiu meio que de paraquedas ali. E tinha a Eliana (não lembro o sobrenome dela). Mara, isso. Eliana.

E aí a gente resolveu que a gente precisaria de alguém para fazer os vídeos. Que era superimportante. E não era eu que fazia na época. Porque a repercussão do slam dos slams de uma maneira geral se dão muito por esses vídeos na internet, que vão para o youtube. Eu já tinha visto vários vídeos desses: de alguma poeta, algum

⁴⁴ Neste trecho, transcrevo trechos mais longos de algumas entrevistas, buscando dar a ver as falas dos poetas de forma mais aprofundada e sem tanta interferência da minha edição. Destaco temas que foram discutidos nas cenas anteriores: a criação da coletiva na voz de Lian Tai, o Slam como espaço de escuta e acolhimento por Carol Dall Farra, o poder da palavra segundo Moto Tai, os encontros criativos na casa de Débora Ambrósia pela própria, a discussão de poesia de dor e poesia de amor por Rejane Barcelos, o processo criativo de Gênesis e o trabalho performático e de artes visuais de Tom Grito.

poeta em algum lugar falando alguma coisa muito legal. A gente acreditava também que para as poetisas isso era uma coisa muito importante. A gente não tinha uma remuneração para dar de premiação. Então a gente achava que essa divulgação para as poetisas talvez fosse uma maneira de estimulá-las a participarem da batalha. Aí a Eliana conhecia essa menina que a gente chamou para ser videomaker – Karen, deixa eu só lembrar o sobrenome – Karen Ferreira. Que era cinegrafista, era fotógrafa. A Eliane a chamou para ser a nossa videografa.

Nessa época eu estava na produção. Não tinha uma coisa muito definida de quem vai fazer o quê. A gente não tinha nada. Não tinha estrutura nenhuma. Vamos fazer o slam das minas? Vamos. Precisa de quê? Vamos arranjar um microfone e uma caixa de som. E alguém para filmar. Então era tudo que a gente tinha. Eu acho que a Úrsula arranjou uma caixa de som emprestada. Não sei quem arrumou o microfone. Foi assim uma coisa completamente sem estrutura.

E a gente abriu um evento no facebook. Slam das Minas tal dia no Largo do Machado. Aí a gente se assustou porque muita gente confirmou presença, muita gente. E no dia, no primeiro dia do Largo do Machado foi lindo porque foi uma galera em peso – e nós eramos em grande parte, eu, Tom, Úrsula, Yassu – eramos brancas-amarelas... não era nem um coletivo preto, nem um coletivo periférico. Era principalmente um coletivo branco de classe média. Aí a gente marcou esse evento no Largo do Machado e ficamos todas muito emocionadas e assustadas porque apareceu uma galera em peso. Esse primeiro evento que deu a cara para o slam de ser periférico, de ser racializado.”

Carol Dall Farra
Em junho de 2022

“A competição em si não é o corpo que compete no slam porque o meu corpo é um corpo irmão da maioria dos corpos e corpos que estão ali. São pessoas que se parecem comigo, que tem a mesma vivência que eu, que partem do lugar de onde eu vim. Então não é uma competição corporal, de corpo para corpo. É uma competição da palavra. Pense também: O que significa – na minha experiência no slam - para o meu corpo ganhar? E quando eu ganhei aquele slam eu fiquei pensando o que eu já tinha ganhado? Na vida, o que eu já tinha ganhado? E eu pude assemelhar esse momento - se analisado de uma forma mais ampla - não se compara a esses outros momentos. Mas os momentos que eu já ganhei na minha vida foram

tão poucos que ele entra dentro de uma gama de momentos... Não é só sobre ganhar, mas é também sobre ganhar quando a gente fala desses corpos também é sobre ganhar.

O que eu senti? Foi a mesma coisa que eu senti quando eu passei para a faculdade. A alegria, a felicidade, o êxtase. Poxa, eu me senti importante, me senti válida, valiosa, me senti importante, legítima. Por mais que não entre na lógica de competição, não é uma lógica de competição que fundamente e dialogue com a competição do mundo, do capitalismo e tudo mais. É outra lógica de competição. A gente está ali para ser ouvido. O competidor tá ganhando mais em ser ouvido do que ganhando de fato. E quem está ouvindo está ganhando também. Então é uma competição muito louca. A maioria das pessoas que estão ali não ganharam nada ou ganharam muito pouca coisa.

Eu lembro de ter essa sensação... Quando você ganha, você sente que é possível fazer quase tudo. A questão do acolhimento porque era uma espaço formado majoritariamente por mulheres, pessoas não cis, pessoas trans. Então eu me senti muito acolhida. É uma acolhida que o slam proporciona que não se acha em nenhum outro lugar por ser uma acolhida de escuta né? ... Enquanto sociedade, a gente demora a entender o que é escuta verdadeiramente. O que é escutar de verdade, sentar para ouvir o outro e escutar cada palavra. Direcionar cada palavra.

O que você pode fazer para ajudar? O slam tem isso. Hoje em dia na sociedade não tem isso. Tem um acolhimento superficial. Um cuidar líquido. No slam não. Me senti pela primeira vez ouvida de fato. Ouvida em todas as minhas incertezas.”

Moto Tai
Em abril de 2022

“No meu barracão, na minha religião a palavra tem força. Ela tem poder de movimentar muita coisa muita coisa. Terreiro. Essa vivência. O meu colégio era um colégio católico franciscano. Então eu fui à missa até os 17, 18 anos. Minha mãe era do Kardecismo. Eu fiquei um tempo sem frequentar nada, eu cheguei a ir a algumas consultas do kardecismo com ela, mas desde 2016 que eu sou do candomblé. Ele influencia em tudo, na minha escrita, na minha vida, a forma como eu penso. Tem uma coisa que o mais velho do barracão fala é que a palavra tem poder para tudo, para o bem e para o mal. Eu sei que pode ser figura de linguagem,

pode ser qualquer coisa que não a ação em si. Mas como eu vejo e como eu acredito a palavra hoje, precisa ter muito cuidado para falar sobre as coisas. Ainda mais coisas que são apontadas. A palavra dada, a flecha atirada não volta mais atrás. Então assim: “tacar fogo nos racistas”. Quais as ações você faz para que isso aconteça? Quando você está vendo alguém ser racista com alguém, você debate? Na sua empresa, você tenta quebrar a estrutura desse racismo? Você consome de pessoas pretas para que esse dinheiro circule e a gente consiga ter situação? Você vota em pessoas pretas? Todas as ações para que realmente seja fogo. Eu não posso falar as paradas que eu não posso cumprir ou que eu faço muito pouco. Então eu tenho esse cuidado hoje na minha escrita depois que eu entrei no candomblé. Eu não tinha tanto. Mas você vai aprendendo. Eu penso nisso na hora de escrever. Se eu estou sendo leviana com isso.”

Débora Ambrósia
Em novembro de 2022

“Lá em casa, quando o coletivo estava bem redondo, tudo era na minha casa. Eu morei no Morro do Pinto de 2017 a 2019. Nessa casa tinha uma varanda, que tinha de piscina a ensaio. Tinha tudo, todo mundo vivia lá, a galera ficava lá por meses. Isso também é uma coisa boa que estava todo mundo sempre muito junto...”

Um dia a Bak chegou falando “meu pai passou três horas na fila do aniversário Guanabara”. Aí eu falei “opa! espera aí vamos pensar aqui uma coisa”. Rejane falou: “vamos fazer uma intervenção”. Eu falei fechado vamos fazer uma intervenção na frente onde a galera fica, a gente passa o chapéu, a galera tá indo comprar, certamente, vai ter dinheiro, a gente passa o chapéu e vende zine...

Só que a gente foi pro Guanabara errado. Não tinha fila alguma... A gente entrou no Guanabara... Tinham pessoas que sempre iam atrás da gente, que a gente ainda não conhecia muito, a Ciça e a Dani. Nesse dia elas foram, deu umas vinte pessoas. A gente não acreditou, a gente fez um evento e as pessoas foram. Quando a gente chegou lá tipo pegamos um megafone, ligamos, foi o tempo de falar uma poesia e meia e o segurança tirar a gente. As tiazinhas super animadas “Tinha que ter isso sempre, não sei por que eles estão tirando vocês”. Essa foi a coisa do Guanabara.

E essa coisa da casa, ali tipo a gente também uma vez pensou o bloco que foi o Xerêcanto que durou um Carnaval. São ideias malucas. A gente foi pra fazer

alguma coisa no Parque Lage e entendeu que o Parque Lage não era ocupado da forma que a gente imaginava. Aí eu pensei e falei vamos fazer uma parada de verão, colocar uma galera gorda e invadir aquele espaço. Não invadir né... Eu fui lá conversei com o Parque Lage e virou o “Verão para todos os corpos”, que eu já fiz duas edições, aí depois teve pandemia. E quando a gente chegou lá foi uma mesa com sete manas gordas, nem tinha pessoa trans ainda, nesse primeiro. Aí no segundo eu gravei um clipe um mini-curta antes, eu falei galera vamos numa laje, todo mundo bota biquíni de fita, sunga de fita os boy trans. Vambora... Disso eu gravei, e a gente exibiu no segundo “Verão para todos os corpos”, que aí tinha boy trans, pessoas não binárias, mulheres pretas e gordas.”

Rejane Barcelos
Em junho de 2022

“Olha eu penso a literatura marginal e esse poema da dor ele é necessário e ele tem o seu lugar sim. Inclusive dentro do slam. O slam precisa ser esse lugar autêntico seguro e confortável para as pessoas narrarem, contarem suas histórias. E mostrarem a sua arte. Acho assim o poema de dor, o poema de carnificina tem esse lugar legítimo sim porque a nossa realidade é essa. A gente não tem nenhuma oportunidade de fugir. Antes de ontem teve uma chacina em Manguinhos e o filho de uma amiga minha morreu. E como vou passar imune a isso? Mês passado, o afilhado que a minha amiga criou como filho foi chacinado. A foto do corpo dele em tudo que é twitter. Até o áudio do celular dele, do tiro que matou ele estava no telefone, na mídia.

E aí como você passa imune a tudo isso? Quando a gente conversa, a gente vê que a nossa vida é pautada em desgraça. Então a gente precisa falar sobre isso. Se a gente não falar isso em poemas a gente vai falar isso onde? Vai esperar o apresentador do “Balanço Geral”? Não vai. O que eu sou contra é a expectativa do público, a espera dessa linguagem. Ou do artista se moldar a essa demanda de poemas. O artista ele é livre. A arte não tem limite. A arte existe pra gente poder se liberar. Então a arte precisa ser libertária. Não é porque eu sou uma poeta favelada que eu levanto um monte de bandeiras, monte de particularidade, cheia de paradigmas, que eu sou obrigada a falar das minhas dores para quem eu não quero que ouça. Porque eu quero ganhar um dez, porque eu quero publicar um livro, ser lida, porque eu quero ser respeitada. Eu quero ser respeitada como artista. Eu não

tenho que ser respeitada pelas desgraças que aconteceram na minha vida. Até porque eu não queria que essas desgraças acontecessem na minha vida. É a mesma coisa quando você coloca a mãe solo como heroína. A gente não é heroína, a gente é sobrevivente. Qual é a mãe que queria criar seu filho sozinha porque não tem com quem dividir? Que tem que cumprir tripla jornada? Qual a mãe quer ver seu filho passando fome, quer passar o dia inteiro num fórum para conseguir 100 reais de pensão que não dá para nada? Qual a mãe que tem que escolher entre trabalhar e criar seu filho porque o patrão não entende que ela tem filho e a família não entende que ela tem trabalho? Mesma coisa do artista. Porque eu tenho minhas misérias, dores, meus atravessamentos, meus traumas. Só porque a Fátima Bernardes quer ouvir? Não.

A nossa vida é também isso, mas não é só isso. O artista ele precisa se sentir confortável nos espaços de slams para falar das suas conquistas, dos seus afetos, orgasmos, até para falar das suas filosofias. Por que não? Por que eu não posso fazer uma poesia difusa?

Por que eu não posso ter a minha poesia difusa respeitada tanto quanto a do fulano de tal lá do sarau do Humaitá? Por que o beltrano de tal, neto do escritor fulano de tal, as pessoas pagam 100 reais para ouvir a poesia dele sobre o céu azul e mar e no slam minha poesia ganha zero? É isso que eu sou contra.

Acho que as pessoas têm que ir de coração aberto assim como elas vão para qualquer movimento cultural... O que tem que estar em voga é a narrativa, a estrutura do poema, a performance, realmente, o que te toca... E não o que você espera ouvir, aquilo que vai te dar uma redenção. Eu não sou paga para dar o perdão para ninguém, para dar a salvação para ninguém, eu não estou ali para dar extrema unção. Eu sou uma artista e eu mereço esse respeito como artista. Se você está ali para ver sangue jorrando na sua cara para você se sentir menos medíocre, o problema está em você e não na minha arte. Então é isso que me incomoda. Eu tô vendo pessoas que entraram na arte e se identificaram como artista através do slam e estão moldando a sua identidade de artista na dor. E isso limita. Isso te impede de voar.”

Gênesis

Em junho de 2022

“A minha criação poética passa pelo meu não entendimento das coisas. Por exemplo, eu não entendo o mundo, eu não entendo a vida, eu não entendo nada de nada. Eu digo que eu sou senhora das minhas ignorâncias e assim nesse não entender o mundo, não saber, eu fico num processo de investigação muito grande, às vezes, vai muito profundo de olhar para mim. Uma das coisas que eu que eu sinto né que eu olho muito para dentro e eu queria escrever olhando mais para fora. Eu às vezes me peso nisso. Mas a minha poesia é uma investigação assim dos meus próprios processos internos da manifestação da minha energia no mundo, sabe, do meu ser no mundo. E aí quando eu entendo como eu opero no mundo eu consigo entender como o outro opera. E quando eu consigo manifestar ou escrever sobre isso, as pessoas se identificam. Eu acho.

Porque tá todo mundo nessa investigação. Ninguém entende a vida, né? Ninguém entende as coisas que a gente vai passando, vai vivendo assim. É muita coisa para a gente dar conta. E a palavra ela me salva nesse sentido porque ela me dá norte ela me dá direção. Tipo eu tenho uma caixa de cadernos, assim, eu tenho muitos cadernos, eu escrevo muito e esses cadernos para mim são uma bússola. Sempre que eu tô meio mal meio perdida, eu volto lá para me lembrar de mim. Eu acho que eu escrevo para não esquecer quem eu estou me tornando e para reafirmar também né quem eu estou sendo. Eu acho que é por aí. E eu acho muito engraçado quando as pessoas falam “porque a sua poesia é assim, ela fala disso”. Realmente na hora que eu estou escrevendo é uma agonia tão grande que eu quero que saia aquilo de dentro de mim. Mas às vezes eu não encontro palavras.

...Eu tive um bloqueio criativo muito grande... Eu fiquei num bloqueio que eu falei “eu nunca mais vou escrever, acabou minha vida. O que eu vou fazer se é a palavra que eu amo? Acabou acabou acabou. E aí agora eu estou num movimento de retomada, de retomada mesmo.

Eu gosto de brincar, eu falo que minha cabeça é um lago e as palavras são os peixinhos e aí eu fico pescando. Às vezes eu pesco frases, às vezes eu pesco palavras. E quando eu estou nesse estado de pescaria, sabe? O estado de pescador é um estado que eu gosto para mim da palavra. Sabe? Onde eu pesco o que vem nas profundezas desse inconsciente. E vou trabalhando com isso. É assim meu processo criativo, vem mais desse lugar de estar comigo mesmo, em silêncio, e deixar às vezes assentar ou, às vezes, é agitar as águas. Mas eu nunca sei o que vem, nunca sei o que vai vir.”

Tom Grito
Em novembro de 2022

“Eu peguei o panfletinho, e fiz o curso das afrografiteiras... Eu fiz essa turma primeiro, depois eu fiz a turma avançada e depois uma turma de avaliação de portfólio. Aí eu fiz uma exposição que é uma performance que eu estou nu e peço para as pessoas escreverem no meu corpo...

A Panmela começa a me estimular a fazer performances em artes visuais, eu fiz o velório... A Lian filmou. A gente ainda não fez esse vídeo, mas a ideia é fazer com esse vídeo alguma coisa ou um filme ou um MF... A Panmela acabou ficando muito minha amiga porque ela começa a estimular essa coisa das artes visuais e me estimular a ser uma performer como Abramovic, Yoko Ono, nesse lugar das artes visuais né? E ela começa a me dar referências para isso. E é assim que eu faço vários cursos, eu fiz um curso com a Daniela Labra, fiz um outro curso... A residência do MAM já é fruto disso também porque são os trabalhos que eu fui apresentando e fui construindo né? Então a Panmela meio que me orienta...

A Pamela pintou no quadro eu e Débora... Ela foi lá em casa tirou uma foto da gente. A ideia é uma visita que ela vai nas casas das pessoas e pinta as pessoas. Mas às vezes ela não pinta, ela só monta a cena com a pessoa, fotografa e vai pintar em casa. Isso ela fez com a gente porque o nosso quadro é muito grande né? Ele é tipo 3M de largura e 1,50M de altura. Ele é enorme, lindo, lindíssimo. Ele foi vendido para um museu do Canadá um museu da diversidade no Canadá.

Quando conseguimos a kombi, eu mandei uma proposta falando assim: “eu gostaria de grafitar a kombi, mas não tenho material e queria que fosse um desenho seu”. Aí ela começou “Tom tá muito difícil tenta com a Artha”.

Aí fui tentando com a Artha, é a irmã dela, a produtora dela, mas não estava dando, eu tinha desistido... Vou insistir na Panmela direto... “Está bem eu vou. Esse final de semana você pode? Pode! Então você traz a kombi até a Tavares Bastos.” Levo. Só que a kombi pifou na Nabuco de Freitas onde eu morava... Ela chegou com as latas de tinta, com tudo, ela levou o material e pintou de uma tacada só... “O verniz por cima tem que ser com vocês. Esse custo a mais eu não tenho como arcar e se não envernizar vai sair a pintura”... A gente conseguiu um cara pra envernizar.

Ela é linda, chama Comuna Deusa porque o plano inicial era ter uma sede do coletivo... A gente falava que a gente ia morar junto eu, Débora, Gênesis, talvez

Carol. Carol sempre falava que não, que ela ia morar sozinha.... Vai ser uma comunidade... Eu falei cara o Wi-Fi eu vou botar Comuna Deusa e a senha vai ser “você me mantém” que era a música mesmo... Quando a Pamela foi grafitar, eu falei Comuna Deusa bota aí. Ela tem uma identidade dela, tem um nome. A gente é muito doido, né? A gente cria os negócios ... o conceito, a gente faz as coisas só que a gente tá vivendo, né?”

Figura 9 - Lateral da Kombi Comuna Deusa



Crédito: Marina Ivo de Araujo Lima

Figura 10 - Traseira da Kombi Comuna Deusa



Crédito: Marina Ivo de Araujo Lima

Conclusão

Foram muitas batalhas que presenciei pela cidade: na Gamboa, no Chapéu Mangueira, na Praça XV, na Praça Tiradentes, no Circo Voador, Parque Lage, Piscinão de Ramos, Largo do Machado, Glória. Houve bate-papo em livrarias, em escola de psicanálise, peça de teatro, oficina de criação. A pesquisa se fazia circulando pelo Rio de Janeiro com os olhos e ouvidos atentos. Versos se destacavam, poemas inteiros, uma dica de leitura ao microfone, um pensamento que escapava na voz, tudo isso funcionava como pequenas peças de um quebra-cabeça que eu ia montando.

Nas conversas individuais com cada uma das poetisas, criamos um território de fala e escuta. Pude ouvir suas histórias dentro da coletiva, as inquietações poéticas que me guiavam, seus métodos de escrita. Eu escuto. Sou uma grande orelha. Um ouvido enorme que presta atenção. Meus olhos também ouvem, meus ouvidos também veem. Eu observo. Anoto, olho, vejo, sinto, anoto. Diante de tantas anotações perseguia o que mais acendia os ouvidos.

Na primeira cena, a partir desses depoimentos, apresento uma colagem de vozes para contar a formação da coletiva, na tentativa de mapear cada uma, um pouco de suas histórias e interesses. Em um encontro de poesia no Largo do Machado, Lian Tai e Tom Grito, que já se entendia como pessoa não-binária, e um grupo de mulheres, discutiam uma forma de intervir poeticamente no espaço público diante do cenário pós-golpe de 2016. Surge então a ideia de trazer o Slam das Minas para o Rio de Janeiro.

Na rua, as mulheres pretas tomam a palavra ao microfone. O primeiro grupo, majoritariamente de classe média e branco, se desfaz ao final de 2017, ficando apenas Tom Grito e Lian Tai. A nova coletiva se forma com uma nova configuração: um time de poetisas, que não só organiza eventos, mas também realiza apresentações, encarna a poesia como modo de vida e trabalho. “O desejo de fazer alguma coisa que preste”, diz Genesis em um de seus versos.

As relações de amizade se aprofundam pelas palavras compartilhadas, assim as poetisas se unem, criam um modo de viver próprio e autêntico. Insubmisso até. A escritora brasileira Conceição Evaristo e seu conceito de escrevivência surgem como inspiração, pois os versos revelam dores de vivências e memórias, do que se ouviu das mulheres da família. Trazem a encruzilhada das questões de raça,

classe e gênero. As palavras servem de espelho, onde se reconhece a própria identidade e, também, uma coletividade.

O coletivo vira família – com tudo que essa palavra pode carregar – de afeto, amor, confusão e separações. Durante o período da pesquisa, pude observar muitos finais e outros tantos recomeços. Rejane já não é parte do grupo, também não estuda mais letras árabes na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje cursa teatro na Escola Martins Penna. Carol Dall Farra, que ficou um tempo afastada, hoje em dia, participa de muitas das atividades do Slam das Minas RJ. Quando Tom Grito anunciou a saída parecia que a coletiva iria terminar, mas logo ele voltou.

Quando do anúncio da primeira pandemia do século XXI pela Organização Mundial da Saúde, logo no segundo ano da pesquisa, questões existenciais de vida e morte e um sentimento de fim do mundo emergiram imediatamente. Já não era possível realizar os eventos presenciais. Escolas, universidades, teatros, cinemas, tudo fechou. Muitas atividades culturais, incluo aqui as da coletiva, seguiram suas atividades em isolamento social, do jeito que era possível.

A suspensão do tempo da rua imprimiu um novo modo performático, o tempo da tela, com os vídeos-poemas diários, as *lives*, os saraus. É a Quarentena Poética do Slam das Minas RJ, com poetisas encapsuladas na tela, bidimensionais. Enclausuradas, elas expõem brechas de seus ambientes íntimos que serão recebidos pelos espectadores em outro tempo e espaço. O público que antes participava com gritos e palmas, agora escreve, uma plateia digitante.

Um mosaico de versos sobre o dia a dia da pandemia, o cenário político, e também questões como racismo, violência policial, questões de gênero dão o tom, com muitos rostos e sotaques na medida em que poetisas de outros estados também participam. Um arquivo precioso desse tempo do mundo vai sendo formado pela coletiva.

Nos saraus online ao vivo, outras brechas possibilitam formas novas de escuta. Entre um poema e outro, as poetisas, pela tela, conversam. Contam sobre as vidas em tempo de isolamento social, falam de política, emitem opiniões sobre os rumos da cena de “Poetry Slam”. E assim acabam revelando um cansaço de poemas que tratam de violência policial nas comunidades, os racismos enfrentados cotidianamente, questões de gênero que atravessam suas vivências. São as poesias de sangue, como elas mesmas se referem.

Entre a dor e o amor elas preferem o devaneio. Criar versos sobre flores, sobre os astros. Há uma urgência de criar novos imaginários segundo as poetas. Desviar da denúncia que oferece uma identificação e resposta imediata da plateia, conforme o conceito cuírlombismo literário forjado pela poeta e pesquisadora Tatiana Nascimento. Há ainda um desejo de quebrar a expectativa des jurades. No lugar de competir espremendo até a última gota de sangue e cutucar a ferida até o fundo, performar poemas sobre o gozo, o sexo, os almoços das avós, o cafuné.

Durante o percurso da pesquisa, a questão trans emergiu com uma urgência incontornável, por isso a terceira cena é dedicada ao tema. Tom Grito fez, de seu processo de transição de gênero, material poético, performances visuais, manifesto, debates e criação de novos espaços dentro do próprio Slam. Não se enjaulou, como escreve Paul Preciado, colocou a palavra na rua, muito além do ambiente secreto dos afetos, do divã.

Pude observar a chegada de mais poetas trans na cena, acompanhei seu trabalho e precisei me munir de novas ferramentas teóricas e de linguagem para que minha escuta pudesse alcançar essas palavras. Os versos sobre a experiência trans os preconceitos sofridos, a experiência dolorosa nas ruas, e também o amor. Poetas desobedientes de gênero colocam a cama no meio da praça, apresentam ao público versos sobre a intimidade sexual entre duas pessoas trans, a transa entre duas mulheres lésbicas. A militância pela palavra, pela performance toma as rodas das batalhas poéticas.

Nesse sentido, é importante destacar ainda o papel fundamental da Festa Literária das Periferias na abertura de novos espaços para a emergência de poetas desobedientes de gênero. Na FLUP, já em 2016, Kika Sena performou um poema sobre uma mulher trans atacada que reage à agressão. Poema que serve de exemplo para o conceito Cuírlombismo Literário.

Outros eventos organizados pela FLUP recentemente colocam em evidência a emergência cada vez mais forte da cena trans no movimento de *poetry slam* brasileiro. São eles: o Debate Slam Cuír, organizado em 2021 ainda em formato online por causa da Covid-19, e a mesa “Transmasculinidades: resgatar a história e escrever futuros”, este já em formato presencial em 2023. Ambos reuniram poetas trans em uma conversa aberta para falar poemas e problematizar questões que atravessam suas vivências cotidianas, seus corpos, suas poéticas. Com isso, acredito, de fato, que um novo campo de estudos se abre. Qual será o

desdobramento do campeonato Trans Slam, lançado também no final de 2023, nos próximos anos? Qual o seu papel no desenvolvimento artístico de pessoas trans e sua importância para abrir espaços para o debate não só estético, mas também de direitos humanos?

Outra questão importante para futuras investigações é o lançamento do espaço QueeRIOca⁴⁵ neste primeiro semestre de 2024. Trata-se de um casarão que funcionará no Centro Histórico do Rio de Janeiro, mais precisamente na Travessa do Comércio, que terá atrações culturais como shows musicais, performances, poesia, teatro e oficinas. Além de funcionar como espaço para residências artísticas. O projeto, com apoio da prefeitura, será liderado por Laura Castro e Cristina Flores em parceria com o Slam das Minas RJ e tem como um dos seus objetivos ser referência da cena artística queer. A coletiva, que nasce na rua, no meio da praça, agora terá um espaço para abrigar suas atividades.

Arrisco vislumbrar que a missão de ocupar um espaço físico artístico no Centro do Rio trará uma transformação na própria dinâmica de criação da coletiva. Menos batalhas, e mais vivências literárias? Talvez. Mais criações dramatúrgicas e performáticas? É possível já que Andrea Bak, Lian Tai, Carol Dall Farra, Tom Grito, em diferentes momentos desse período, se lançaram seja em cursos e apresentações teatrais e, também, como atrizes de produções audiovisuais.

De fato, tenho observado, nos últimos meses, a diminuição das batalhas poéticas. A coletiva e seus integrantes investindo em outras atividades, Carol Dall Farra e Andrea Bak estrearam no teatro, Tom Grito têm feito suas performances, Tom Grito e Gênesis ministraram oficina de escrita com o tema festas populares e a cidade no início de 2024. Houve também muitos saraus e apresentações em escolas. Tudo isso leva a crer que o Slam das Minas RJ está em plena transformação, buscando novos horizontes. Talvez mereça atenção a forma como a QueeRIOca será ocupada e sua influência na vida cultural do Rio de Janeiro.

⁴⁵ No dia 22 de abril, uma semana antes da defesa desta tese, o Slam das Minas RJ anunciou, em rede social, o rompimento com o projeto Queerioca. “Após meses de trabalho e construção, estamos tendo nossas imagens apagadas e nosso trabalho invisibilizado”. Link completo para o comunicado: https://www.instagram.com/p/C6EYcHwr0jh/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Desde então, saraus poéticos têm acontecido na casa de Tom Grito em Santa Teresa. No dia 22 de junho de 2024, o Slam das Minas RJ comemorará oito anos com uma festa junina na Cinelândia, Centro do Rio. Haverá batalha poética e bingo (uma nova estratégia do grupo para financiar suas atividades).

Por fim, gostaria de citar Camila Bastos Bacellar, em seu texto “À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas”. Nele, a autora propõe encarnar no corpo, cada um, numa travessia própria e singular, consciente dos seus privilégios e dos marcadores sociais. Na encruzilhada de vivências pesquisa-poesia e universidade-rua, meu corpo iniciou uma travessia própria que afeta minha própria subjetividade e mundo onírico. Não é possível desver, desouvir e desviver. Como um sopro, um vento parecia, de início, embaçar o meu olhar. Aos poucos, na velocidade de um furacão, foi derrubando conceitos e modos de vida. Mundos novos se apresentavam diante de mim.

E tudo isso porque um amigo, numa noite de quinta-feira em 2018, perguntou: “Estou indo ao Slam das Minas RJ. Vamos?”. E pude dizer “Vamos”. Acredito que a coletiva persista em cada uma que experimentou uma ponta de existência poética nos seus eventos, seja como plateia, seja participando do jogo poético ou ao falar um poema no microfone aberto. Talvez um mero verso que lhe tenha grudado na escuta, ou alguma frase que lhe tenha acendido o pensamento durante a roda de conversa. Uma música que tenha virado sua durante a festa na rua. São palavras-poeiras que se levantam quando o Slam das Minas RJ acontece.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas. v. 8. n. 1. 2000. Florianópolis. págs. 229-236. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>> Acesso em: 01 fev. 2022.

AZEVEDO, Adriana. Corpo-Atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: **Pensamento Feminista hoje: Sexualidade no Sul Global**. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

AZEVEDO, Adriana. **A emergência do termo sapatão-não-binário como disputa discursiva no Brasil Contemporâneo**. Revista Z Cultural Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-emergencia-do-termo-sapatao-nao-binario-como-disputa-discursiva-no-brasil-contemporaneo/>> Acesso em: 20 jan. 2024

BACELLAR, Camila Bastos. À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas. In: **Pensamento Feminista hoje: Sexualidade no Sul Global**. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

BARTHES, Roland. “A escuta”, In: **O óbvio e o obtuso**. LX: Edições 70. 1984

BUENO, F.T.C.; SOUTO, E.P.; MATTA, G.C. **Notas sobre a Trajetória da Covid-19 no Brasil**. In: MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P. e SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilidade a das e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid-19; Editora FIOCRUZ, 2021, p. 27-39.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa da Assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Disponível em: <<http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2020.

DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

DUARTE, Constância Lima/ Nunes, Isabela Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memória**. 3. Ed, 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima/ Nunes, Isabela Rosado (org.). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREITAS, D. S. de. (2020). **Slam Resistência**: poesia, cidadania e insurgência. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, v. 59, p. 1–15. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-40185915>> Acesso em: 20 abr. 2022.

FUENTES, Marcela A. **Activismos Tecnopolíticos**: constelaciones de performance. Tradução de Mariano López Seoane. 1ª Ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Eterna Cadência, 2020.

GÊNESIS, **Terra Santa**. Rio de Janeiro: Alma Revolucionária, 2022

GONÇALVES, Rôssi Alves / MATHIAS, Talita Miranda da Costa. **Slam das Minas do Rio de Janeiro: Erga a sua voz!** Revista Terceira Margem, v. 27, n. 5, p. 16-30, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50451/31966>> Acesso em: 20 jan. 2024

GRITO, Tom. **Antes que seja tarde: para falar de poesia**. Rio de Janeiro: Malê Edições, 2023.

GRITO, Tom. **Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio – n. 26** (novembro de 2022). Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise Seção Rio de Janeiro, 2022.

LOUSA, P. L. e. (2019). **Da genealogia ao sangue**: o corpo coletivo em Sangria, de Luiza Romão. *Opiniões*, v. 15, p. 98-122. <<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2019.164400>> Acesso em: 24 jun. 2023.

Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022. Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). – Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.

NANCY, Jean-Luc , **À Escuta (parte 1)**. Tradução Carlos Eduardo Schmidt Capela e Vinícius Nicastro Honesco. Revista Outra Travessia, n. 15, p. 159-172, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/21768552.2013n15p159>> Acesso em: 20 jan. 2024.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **Vocigrafias**. 2019. Tese. (Doutorado em Comunicação e semiótica. – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. **Cuírlombismo Literário**. N-1 Edições, 2019

PEREGRINO, Miriane. **Poesia sem fronteiras: Joice Zau, poeta angolana, é a campeã do SLAM BR 2021**. Disponível em:

<<https://www.pordentrodaafrica.com/cultura/poesia-sem-fronteiras-joyce-zau-poeta-angolana-e-a-campea-do-slam-br-2021>> Acesso em: 25 jan. 2022

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Ilustração de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala**: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Carla Rodrigues. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RIBEIRO, R. A.; PULINO, L. H. C. Z. (2019) **Outubro, 2016, Brasil - As ocupações de escolas brasileiras da rede pública pelos secundaristas**: contextualização e caracterização. *Psicologia política*, v. 19, p. 286-300. Maio-Agosto, 2019.

ROCHA, Daniel Leonel da. (2020) **Ocupação das escolas em 2015 e 2016**: uma breve análise da forma e do conteúdo da ação dos estudantes. *Revista Sociologias Plurais* 6, v. 1, p. 61-86. janeiro, 2020.

SOMERS-WILLETT, Susan B. A. **"Eu canto o corpo autêntico. A poesia de slam e a política cultural de performar identidade"**. Tradução de Luiza Sousa Romão e Midria da Silva Pereira. Tradução do terceiro capítulo do livro "The Cultural Politics of Slam Poetry", de Susan B. A. Somers-Willett. *Revista Terceira Margem*, v. 26, n. 49, p. 259-289, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50498/29433>> Acesso em: 20 jan. 2024.

SOUZA, Fabiana Oliveira de e PRZYBYLSKI, Mauren Pavão **"Dos Espaços Físicos ao Cyberespaço: o poetry slam em contexto pandêmico"**, *Revista Terceira Margem*, v. 26, n. 49, p. 200-218, 2022. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50557/29429>>. Acesso em: 20 jan. 2024

SPITZNER, Marcelo; NASCIMENTO, Tatiana. **Lundu, Padê, Apocalipse Cuír – Entrevista com Tatiana Nascimento dos Santos**.

<<https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/12642/209209210410>> Acesso em: 02 nov. 2021.

Lista de vídeos e poemas escritos Slam das Minas RJ

BAK, Andrea. **Setembro de 2018, nos Arcos da Lapa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aDTF11pahv8> > Acesso em: 30 jan. 2022

DALL FARRA, Carol. **Final 2017 – Largo do Machado**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE > Acesso em: 02 nov. 2021.

GÊNESIS. **Final 2017 – Largo do Machado**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hA-aANP949c>> Acesso em: 2 nov. 2021

GRITO, Tom. **Desabafo Político Poético**. Disponível em:
<https://www.instagram.com/tv/CMvdjP-pYn_/> Acesso em: 3 dez. 2021

MOTO TAI. **Final 2019 – HUB RJ**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OGYyshDeU1k>> Acesso em: 3 dez. 2021

MOTO TAI. **Slam das Minas RJ: Moto Tai**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Kr8lWu66a34>> Acesso em: 3 dez. 2021

SENA, Kiko. **FLUP - BNDES Campeonato Nacional Cidade de Deus – 2016**.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_zosUEYbO0> Acesso em:
3 dez. 2021

VALENTINE. **2 anos de Slam das Minas RJ na Cinelândia**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=H5KWmNBigs0>> Acesso em: 3 dez. 2021

VALENTINE. **Slam da Guilhermina #248**. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=TkJzZiiMGUA_> Acesso em: 3 dez. 2021

Quarentena poética

BAK, Andrea. **Quarentena Poética ao vivo 07/06**. Disponível em :
<<https://www.instagram.com/tv/CBJTtlgJrqn/>>Acesso em: 02 nov. 2021

BARCELOS, Rejane. **(16/03/20) dia # 1** Disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/B9zaIowpWpI/>> Acesso em: 8 jun. 2023

BARCELOS, Rejane. **(09/05/20) dia # 55** Disponível em :
<https://www.instagram.com/p/B_-SEEVJiJy/>Acesso em: 02 nov. 2021.

D'ALVA, Roberta Estrela. **(28/05/20) dia # 74**. Disponível em :
<<https://www.instagram.com/p/CAvDGgrJTxu/>> Acesso em: 02 nov. 2021.

DE PAULA, Josi. **(22/05/20) dia # 68** Disponível em :
<<https://www.instagram.com/p/CAf5tv0pudG/>>Acesso em: 02: nov. 2021

GÊNESIS. **(22/03/20) dia # 7** Disponível em : <<https://www.instagram.com/p/B-C6-6GJ0iE/>> Acesso em: 02 nov. 2021.

GÊNESIS. **(11/04/20) dia # 27**. Disponível em :
<<https://www.instagram.com/p/B-19zSRp-gE/>> Acesso em: 02 nov. 2021

GRITO, Tom. **(18/03/20) dia #3**. Disponível em :
<<https://www.instagram.com/p/B94krjLpvAA/>>Acesso em: 02 nov. 2021.

GRITO, Tom. **(09/04/20) dia #25**. Disponível em :
<https://www.instagram.com/p/B-xu-46JFvd/> >Acesso em: 02 nov. 2021.

TAI, Lian. **(21/03/20) dia # 6** Disponível em : <<https://www.instagram.com/p/B-ALCIbpQi2/>> Acesso em: 02 nov. 2021.

LOROZA, Luiza. **(06/05/20) dia # 52** Disponível em :
<https://www.instagram.com/p/B_2bg08JxFC/> Acesso em: 02 nov. 2021.

MOTO TAI. **(06/06/20) dia # 83.** Disponível em:
<<https://www.instagram.com/p/CBG-ay3pGbv/>> Acesso em: 8 jun. 2023

POETA, Piê. **(29/03/20) dia # 14.** Disponível em :
<<https://www.instagram.com/p/B-UwqytpIIN/>> Acesso em: 02 nov. 2021.

RIBEIRO, Luz. **(30/04/20) dia # 46.** Disponível em :
<https://www.instagram.com/p/B_nBnT6JgWV/> Acesso em: 02 nov. 2021.

Lista de podcast e entrevistas

Aula inaugural do departamento de Letras da PUC-Rio. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Rt5wRaSQT7o&t=6624s>> Acesso em: 23 fev. 2023.

GÊNESIS. Entrevista ao blog Poeme-se. Disponível em:
<<https://blog.poemese.com/entrevista-com-Gênesis-do-slam-das-minas-rj/>>
Acesso em: 11 out. 2021.

GÊNESIS. Podcast FALAPALAVRA. Episódio 14. Disponível em:
<<https://open.spotify.com/episode/0WX4ILTS8uV2YpI9RVqNqD?si=18a86a4622c547f4>> Acesso em: 01 fev. 2022.

GRITO, Tom. Podcast FALAPALAVRA. Episódio 05. Disponível em:
<<https://open.spotify.com/episode/2EHnxILpZFFlaC3fRGhDhj?si=1e23d34e458b4f31>> Acesso em: 01 fev. 2022.

GRITO, Tom. Podcast Lado B/ Entrevista. Disponível em:
<<https://ladobdorio.com.br/cultura/caiobellandi/conheca-o-slam-das-minas-a-batalha-de-poesias-so-para-mulheres/>> Acesso em: 01 fev. 2022

GRITO, Tom. Depoimento à Revista Latusa. Disponível em :
<<https://youtu.be/EMoZdoFpiHM?feature=shared>> Acesso em: 23 jan. 2024

LOROZA, Luiza. Em preto no branco – exercícios de letramento racial.
Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=QBDee72U1K0&list=PL64cA-RJpqfxkmZjvBFfkjD4b9en5sCnW&index=1&t=573s>> Acesso em: 23 fev. 2023.

SENA, Kika (Debate Slam Cuír na FLUP)
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ln5d8Piadq8&t=89s>>
Acesso em: 23 fev. 2023

LOROZA, Luiza. **Slam Cuir**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=emcDuvhZwp8>> Acesso em: 23 fev. 2023

Outros:

Agradecimento pela contribuição para viagem ao Uruguai. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B9mCHV3pJbB/?img_index=1> Acesso em: 23 fev. 2023.

Anúncio do evento do dia 19 de março de 2022. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/p/CfbQUjXcpccc/>> Acesso em: 23 fev. 2023.

Documentos sonoros

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Moto Tai: depoimento**. [abril de 2022].

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Rejane Barcelos: depoimento**. [junho de 2022].

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Dall Farra, Carol: depoimento**. [junho de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Gênesis: depoimento**. [junho de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Tai, Lian: depoimento**. [julho de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Bak, Andrea: depoimento**. [julho de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Lautert, Úrsula: depoimento**. [julho de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Ambrósia, Debora: depoimento**. [novembro de 2022].

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudio. Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Grito, Tom: depoimento**. [novembro de 2022]

Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 3 arquivos de áudios.

Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.

LIMA, Marina Ivo de Araujo. **Valentine: depoimento.** [agosto de 2023]
Entrevistadora: Marina Ivo de Araujo Lima. Rio de Janeiro. 1 arquivo de áudios.
Entrevista concedida para esta pesquisa de doutoramento.